



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

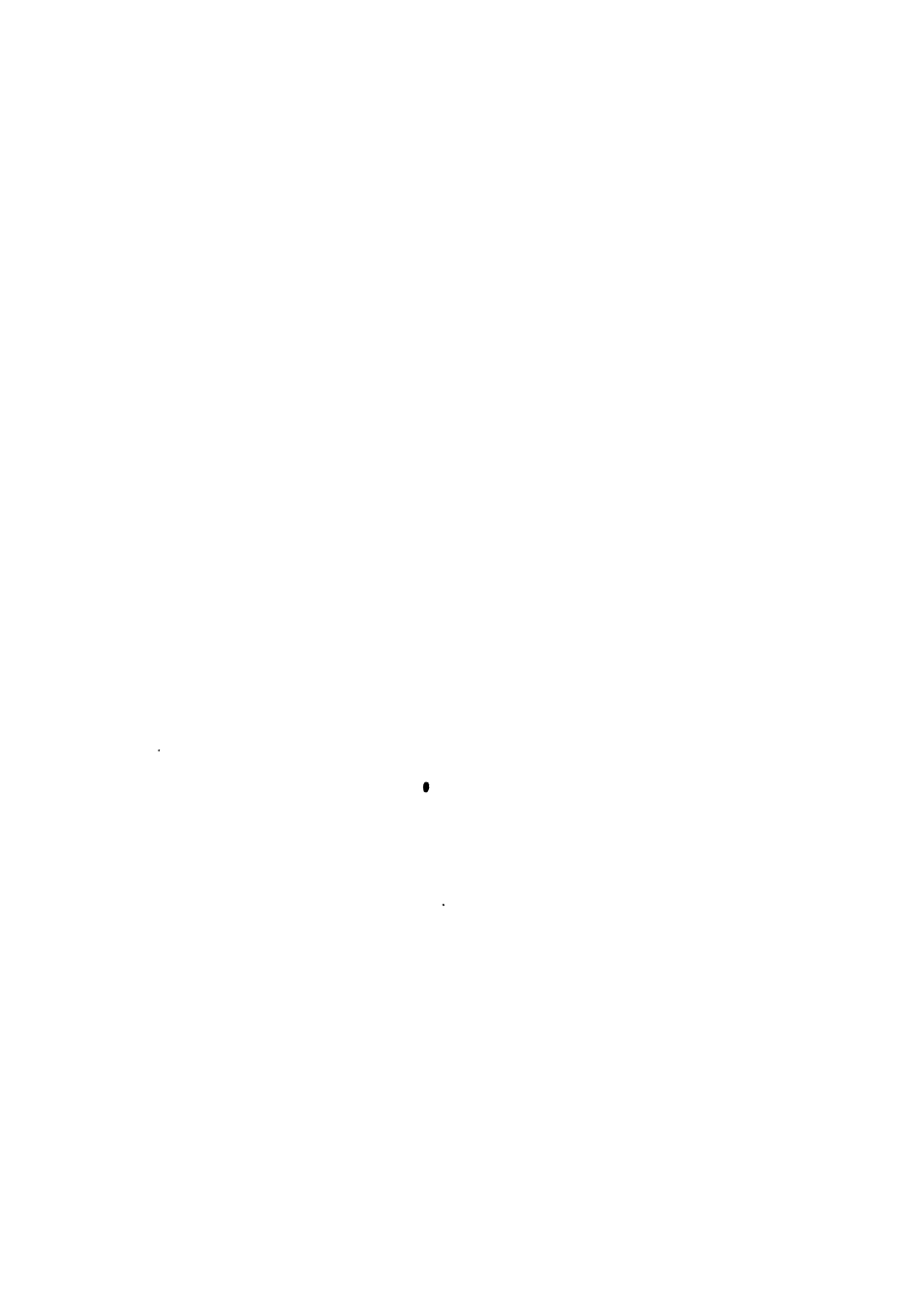
Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>

NYPL RESEARCH LIBRARIES



3 3433 07437933 4



1

2

3

4

5

6

7



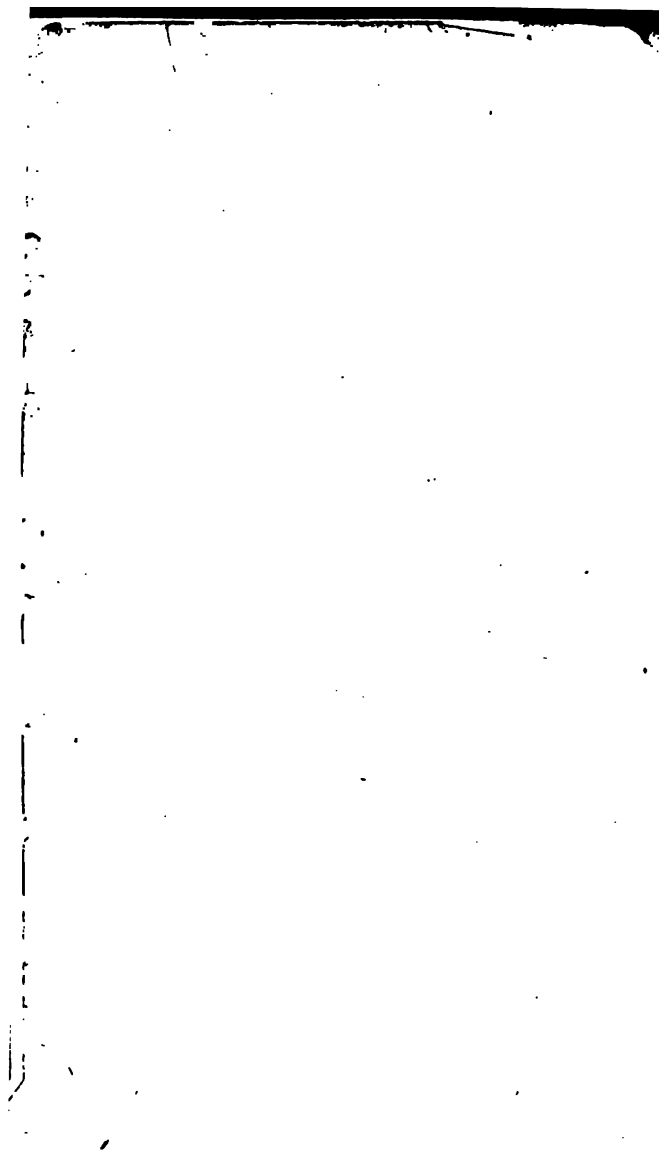
2006

~~719~~ 29

Memorandum

NQR

~~6-29~~



POEMAS USITANOS

DO DOUTOR

TONIO FERREIRA

SEGUNDA IMPRESSÃO

dada, e accrescentada com a Vida, e Comedias
do mesmo Poeta.

T O M O I



L I S B O A

REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA

ANNO M DCC LXXI

Com licença da Real Mesa Censoria.

esta dos Irmãos Du-Beux, á Cruz de Pão,

**THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY**

**ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS**

AO EMINENTISSIMO SENHOR
D. JOÃO DA CUNHA

PRESBYTERO CARDEAL
DA SANTA IGREJA ROMANA
ARCEBISPO METROPOLITANO DE EVORA
REGEDOR DAS JUSTIÇAS
PRESIDENTE
DA MEZA DAS CONFIRMAÇÕES GERAES
DO CONSELHO DE ESTADO
E INQUISIDOR GERAL
&c. &c.

EMINENT.^{mo} E REV.^{mo} SENHOR



*AVORECIDO sempre em quan-
to vivo de grandes Princi-
pes, perderia sem dúvida muito da sua
gloria o Poeta, cujas obras intento reim-*

ii DEDICATORIA

primir, se eu na sua publicação não cuidasse em lhe perpetuar a mesma felicidade, implorando, para de todo ennobrecel-las, o sagrado azilo do nome augusto de V. EMINENCIA. A universal estimação, com que estas forão também da primeira vez pelos maiores Sábios recebidas, he outro não menos efficaz motivo, para que de presente só devão ir buscar no poderoso amparo de V. EMINENCIA novos, e mais subidos realces, com que illustrar-se. Estas duas venturosas prerogativas são as que em todos os tempos formão da verdadeira Poesia o singular caracter, quasi necessarios, e infalliveis efeitos da sua mesma natureza. Ella he quem melhor sabe representar á vista em bem illumina-dos quadros toda a incomparavel belleza da virtude; aquella belleza, que a alcançar-se pelos olhos, era de força, se-gundo a expressão de hum Sábio, que atea-ria maravilhosamente em todos os cora-ções o mais activo Amor. E se delle nem os espiritos ordinarios podem por este mo-do eximir-se, qual será o das almas su-periores, em que ou a luz das Sciencias,

ou o esplendor do generoso sangue o faz tanto mais intenso , quanto lbes costuma ser de ordinario mais privativo?

Em circumstancias taes , seria indesculpavel cobardia deixar eu de me prostrar seguro de huma favoravel aceitaçãõ aos pés de V. EMINENCIA , havendo na offerta , que tenbo a honra de apresentar-lbe , titulos tão qualificados , para que a ninguem mais devidamente possa consagrar-se ; além de que se para este ditoso seculo , de que V. EMINENCIA he hum dos melhores ornamentos , tivesse Ferreira sido reservado , sem dúvida , que copidra de tão perfeito original o zelo do bem público , o amor da Patria , o interesse pela humanidade , que tanto inflammão o heroico coração de V. EMINENCIA , e mil outras virtudes . , que superiormente adornão a sua grande alma ; e com estas novas riquezas faria sobrefabir muito mais as suas primorosas producções. Ver-se-bia então no mais claro ponto de luz tudo aquillo , que o espirito da Religião pertendia com santa humildade sepultar de huma vez em o retiro , se a

próvida vigilancia dos nossos Monarcas, e o bem da Igreja o não houvessem embaraçado com tantas ventagens da pública utilidade, e geral edificação da mesma Igreja.

Que copiosos frutos não tem ella recolhido em duas consideraveis Dieceses do infatigavel zelo de hum tão grande Prelado? Sollicito sempre em prever, e atalhar os males, que brotão da superstição, e da ignorancia, qualquer ligeira nuvem, que para offuscar a pureza da disciplina Ecclesiastica, e sacrosanta Moral de Jesus Christo haja formado o erro, e a confusão, os raios da sua illuminada providencia para logo a dissipão. O excellente Catecismo digno da sua sabia approvação, traduzido, e impresso por sua ordem, e tantas saudaveis Pastoraes, eternos monumentos de prudencia, de fidelidade, e da mais sólida eloquencia, que a posteridade suppria fi-lhas do espirito dos primitivos Padres da Igreja; se as particularidades do tempo, e o respeitavel nome, que as distingue, a não persuadissem do contrario, evidente-
men-

DEDICATORIA
te o testificação. Se fiel a Deos, fiel ao
se conserva em conjuncturas arrisca-
o socegado rebanho, he o Apostolico
velo de seu vigilante Pastor, quem
e concilia esta ventura.

Ao voltar os olhos do Santuario para
s altos empregos, com que V. EMI-
NENCIA felicita a Corte; que outro nobre
assumpto para o sublime talento, e enge-
nrosa fantasia do Poeta! Para que se con-
serve immovel em equilibrio a sagrada
balança da Justiça, e tenhão no abrigo
da rectidão inviolavel vigor as Leis do
Estado, á prudencia, e perspicacia do
vasto, e penetrante genio de V. EMI-
NENCIA commette o Grande REY este
importantissimo cuidado. Se estabelece a
util instrucção de seus Vassallos, preser-
vando-os de infectas doutrinas no exame,
e publicação dos livros; se na confirma-
ção de suas graças quer separar as fal-
sas das legitimas; se procura manter im-
maculada na sua original essencia a uni-
dade da Fé, nas seguras mãos de V. EMI-
NENCIA deposita tambem com success
sempre correspondente á sabedoria da e.

colha estas porções augustas de sua suprema authoridade. Tanta multiplicidade de negocios, tão varios, de tanto pezo, e capazes de opprimir os espiritos mais vigorosos, parece ao contrario, que fortalece o de V. EMINENCIA, que lhe augmenta os grdos de actividade, e o faz ao mesmo tempo em diversos lugares reproduzir, para tudo comprehender, a tudo assistir, e comunicar a tudo as purissimas luzes de justiça, e de verdade, que só enchem o immenso coração de V. EMINENCIA, e que d'elle como de proprio centro se diffundem a toda a parte.

Digne-se pois V. EMINENCIA de proteger ainda por este respeito aquelles Versos, de que fora infallivelmente o principal objecto, se a Providencia não houvesse destinado para a nossa idade o inextimavel dom de tão preclaros merecimentos, e para outras Musas este inexhaurivel argumento: E possão estas demais, attendendo á benevolencia, com que V. EMINENCIA no cume de tanta gloria recebe benigno da mão mais humilde os
 mef-

DEDICATORIA vii

mesmos Versos , exaltar a humanidade , que serve de fino esmalte a tão relevantes qualidades. O Ceo as abençoa ; pois até quando do Soberano Principe da Igreja obtem a merecida Coroa , para que a felicidade de V. EMINENCIA seja sempre a commua felicidade deste Reino , e inseparavel da gloria do REY, e grandeza do Estado , a elevação de V. EMINENCIA á purpura Cardinalicia, foi o annúncio da suspirada paz , e o estreito vinculo de huma união inalteravel.

Em occasião de tanta alegria seja-me licito ; EMINENTISSIMO SENHOR , como demonstração do muito que a V. EMINENCIA devo , para immortalizar a minha gratidão , e para que o Mundo conheça que a minha felicidade mereceo em todos os tempos , e em todas as occasiões tão augusto patrocínio , não só collocar na rica Bibliotheca de V. EMINENCIA, archivo admiravel do bom gosto no numero , na escolha , e na variedade rarissima das edições , o presente exemplar dos Poemas de Ferreira ; mas tambem ajuntar ds repetidas

viii DEDICATORIA

acclamações de toda a Nação Portugueza este público, se bem que pequeno brado do meu extremo agradecimento. A Sagrada Pessoa de V. EMINENCIA prospere Deos, como todos havemos mister, e fervorosamente lhe rogamos. Lisboa 14 de Março de 1771.

EMINENT.^{mo} E REVER.^{mo} SENHOR.

Beija as mãos de V. EMINENCIA

O mais humilde, e reverente criado

Claudio Du-Beux.

AD-

ADVERTENCIA

DO EDITOR.

Como a Vida de hum homem de letras não costuma de ordinario ser mais que a Historia de seus escritos, que se ajunta á presente edição dos Poemas Lusitanos do Doutor Antonio Ferreira contrará o Leitor quanto basta a infortullo do recommendavel merecimento deste oracio Portuguez. A leitura dos mesmos Poemas, dos quaes se extrahio quasi tudo quanto alli se escreveo, supprindo o que lla parecer faltar, o poderá plenamente desfazer. O não se haverem elles mais do que huma vez impresso, e o estragado gosto de Poesia, que pervaleceo largo tempo em Portugal, inimigo da magestosa simplicidade dos melhores Antigos, que he a mesma deste illustre Poeta, o tinhão ha mais de hum seculo constituido summamente raro, e desconhecido. * Suppomos que não só este inconveniencia remediado na actual edição, mas que grande a ventajem, que esta leva á primeira, não tanto pela elegancia do caracter, memoria do papel, e commodidade dos volumes, como pelos consideraveis additamentos, com o qual se enriquecida. Na Vida do Poeta vão alguns versos seus, que se não achão na an-

A vi ti-

* V. D. Francisc. Manoel Hosp. das Letr. e a Vid. Poeta num. 22.

tiga ; e ás duas Comedias , que andavão separadas , e erão de não menos raridade , que as demais obras , agora se poderão ler juntamente com ellas. E supposto que o original , que se seguiu , fosse hum daquelles exemplares , em que estão emendadas as erratas , que se encontrão no principio com esta declaração : *Em muitos volumes se não verão a mór parte destes erros , que se atalharão no decurso da impressão* ; com tudo , conservando-se inalteravel o texto , se alguns se observou haverem escapado ao primeiro corrector , (que não forão em pequeno numero) agora cuidadosamente se evitarão , a fim que da parte da nossa diligencia não deixassemos para a perfeição cousa alguma , que desejar.

V I D A

DO DOUTOR

ANTONIO FERREIRA.

I

Antonio Ferreira, Doutor em Direito Civil, Desembargador da Casa da Supplicação, Fidalgo da Casa Real, e hum dos mais excellentes Poetas Portuguezes, nasceu em Lisboa em o anno de 1528. Forão seus pais Martim Ferreira, Cavalheiro da Ordem de Sant-Iago, Escrivão da Fazenda do Duque de Coimbra o Senhor D. Jorge, e Mexia Froes Varela, que souberão perfeitamente desempenhar, no tocante á boa educação de seus filhos, a particular obrigação, que pela nobreza do sangue lhes fora imposta. Gracia Froes Ferreira seguiu a profissão das Armas, e Antonio Ferreira a das Letras. Coimbra era ao tempo, que elle principiava a cultivallas huma consummada Athenas. A ella o enviárão seus pais para se aperfeiçoar no estudo das Bellas Letras, e continuar depois o da Jurisprudencia. Estas applicações erão então inseparaveis, e por isso tão felices os progressos dos que se lhes consagravam, Mestres insignes em todas as Faculdades, que ElRei D. João III havia felizmente convocado para o restabelecimento desta Universidade, diffundião por todas ellas aquella brilhante luz, cujos raios ainda reflectidos, costumando em tempos taes illustrar ao longe os genios mais vulgares, era de força fizessem recebidos tão de perto vivissimas impressões sobre hum espirito tão elevado como o do nosso Poeta.

2 Diogo de Teive, que ensinava na segunda
Ca-

Cadeira das Humanidades, o conduzio ao verdadeiro conhecimento da doura Antiguidade, e fez que para alcançallo se désse com incansavel disvello á lição dos Poetas Gregos, e Romanos. O successo correspondeo á habilidade de tão sabio Agricultor, que plantava no mais fecundo terreno. Ferreira lhe significou o seu nobre, e sensível reconhecimento na Ecloga v, que lhe consagrou á imitação da III de Virgilio, onde o intitula *ás Musas novo Apollo, nova honra á sua memoria*, e na Carta III do Liv. II. O que sendo glorioso ao Mestre, nada he menos honorifico ao discipulo, os quaes o tempo, e semelhança de talentos tornou estreitos amigos. Porém nem o respeitavel exemplo do mesmo Teive, que era então justamente havido por hum dos maiores Poetas Latinos, nem o continuo exercicio de ler os Antigos, foi bastante a fazello tomar o caminho quasi geralmente seguido pelos seus contemporaneos. Desprezava-se a lingua vulgar; e pela maior parte os versos, que se compunhão, erão em alguma das estranhas, especialmente na Latina. Antonio Ferreira não se deixou porém nesta parte levar da torrente do uso; de maneira, que em toda a vida dando, como na Elegia sobre a sua morte, diz Diogo Bernardes, *á patria tantos versos raros, hum só nunca lhe deo em lingua albeia*. O seu Horacio, e Francisco de Sá de Miranda, Oraculo da discrição naquella idade, o fizerão capacitar de que só na propria lingua, cuja harmonia unicamente nos póde ser asás conhecida, se deve poetar. Esta verdade seguida commummente hoje dos melhores Poetas em todas as Nações; e sustentada pelos Criticos de maior nome, achava então na authoridade de tantos illustres Poetas, que dentro, e fóra de Portugal praticavão o contrario com toda aquel-

perfeição, a que se chega de semelhante huma consideravel oppozição. Mas nem esbaldou, nem ainda a teve em tal conta, quer o obrigasse a guardar sobre esta mathe-
im recatado silencio. A razão era para com maior pezo, que toda a força dos exemplos, s'ó attendia, quando aquella lhes servia de
ento.

Ho-se isto na preferença, que a este respei-
sobre Teive a Sá e Miranda, que havia indo em Coimbra este bom gosto da Poezia.
o primeiro, como diz Miguel Leite Ferrei-
do nosso Poeta, na Dedicatoria dos Poe-
seu pai, *que com a singular brandura dos seus
ustanos começou mostrar o descuido dos passados,
a lingua (a Portugueza) he capaz de nella se
Damas, Capitães, e Emperadores. Com cujo ex-
cu pai, que então estava nos estudos, pertendo
variedade destes seus manifestar como a lingua
za, assi em copia de palavras, como em gravi-
estilo a nenhuma he inferior.* Desde os mais
annos esta foi a sua mais empenhada dili-
Affim o significa elle mesmo no Epigram-
re poz antes da primeira Parte dos seus ver-
zendo:

*desta gloria só fíco contente,
e a minha terra ameí, e a minha gente.*
satisfazia com tudo fômente em praticallo,
se alargava ainda o seu grande zelo. Per-
instava, e clamava constante, e com effi-
para que todos os bons engenhos execturaf-
tro tanto. O Soneto xxxii do Liv. ii dirigi-
licio; a Ode i do Liv. i, onde exhorta os
Portuguezes a cultivar a propria lingua; a
ii do Liv. i a Pero d'Andrade Caminha; e

a x do Liv. II para D. Simão da Silveira com outros muitos lugares o mostram evidentemente. A força de razões, com que convence vigoroso aos que se dão a escrever em linguagem estrangeira; a ingratidão de que os argúe; os exemplos, que lhes allega; e a viveza, com que instta a seus amigos, para que volvão da errada carreira que levavão, indicação ser este o ponto, que mais tinha a peito, e que com mais interesse o disvelava. Estes unicos termos tirados da Carta escrita ao Caminha o testemunhão affás. Observe-se a valentia, com que se exprime, quando exclama:

*Floresça, fale, cante, ouça-se, e viva
A Portuguezza lingua, e já onde for
Senhora vá de si soberba, e altiva.
Se réqui esteve baixa, e sem louvor,
Culpa be dos que a mal exercitarão:
Esquecimento nosso, e desamor.*

4 Levado deste glorioso desejo de ennobrecer com suas composições a lingua nacional, começou a dispôr-se para isso, ajuntando á leitura dos melhores Autores hum continuo, e castigado exercicio de escrever. O adiantamento no Direito Civil não se retardava affim, mas por este mesmo motivo se lhe facilitava. Certo da mutua correspondencia, com que todas as artes, que nos formão para a Humanidade, estreitamente se enlação, tomava de cada huma ellas o que julgava necessario para illustrar-se, especialmente da Poesia hum dos melhores adornos dos bons espiritos, como elle mesmo diz na Carta II do Liv. II.

*Não fazem danno as Musas os Doutores,
Antes ajuda ás suas letras, dão:
E com ellas merecem mais favores,
Que em tudo cabem, para tudo são.*

5 Neste tempo de seus primeiros estudos foi composta a maior parte de seus versos, e entre elles quasi todos os Sonetos, em muitos dos quaes o Poeta dirige ao Mondego seus discursos, e diz alguma vez que as Ninfas deste rio o estão escutando. E supposto no Soneto XLIV do Liv. I falle expressamente com o Têjo, como que o tem presente, seria em razão de haver passado em Lisboa algumas ferias, pois que os outros dous immediatos são feitos a hum apartamento; e no XLV abertamente declara voltar a Coimbra. Outro tanto se pôde conjecturar do Soneto LII escrito no Porto. O Poeta seguidamente nos instrue nos Sonetos da historia de seus amores; amores porém cheios sempre de honestidade, e exprimidos com a maior decencia, sem que esta em nada embarace aquella viveza, graça, e elevação, que a peitos sensiveis costuma ministrar a mais activa das paixões. De duas faz elle menção. A primeira de crer he tivesse o seu motivo em Lisboa; pois sendo de ausencia todas as suas queixas, e assistindo o Poeta em Coimbra, na patria lhe ficaria talvez a origem dellas. O que igualmente confirma a faudosa despedida, com que se aparta do Têjo nos Sonetos já affirma referidos. O seu progresso acha-se particularizado desde os primeiros Sonetos até ao Soneto XLV; porém esta paixão primeira principia a entibiar-se dahi por diante, entrando o Poeta a colher defenganos, e a jactar-se da recuperada liberdade, dando por elle aos Ceos immensas graças, quando no Soneto XLVII contempla os desvários passados.

6 A causa da segunda pôde ser que no Porto lhe nasceria, como indica o Soneto LII alli composto. A morte a mal-logrou, e o Poeta chora terrivelmente huma perda tão sensivel. Nobreza,
for.

formosura , e discrição com outras muitas preciosas qualidades lhe cortou de huma vez a sorte com este sentidissimo golpe. Dá-nos elle a saber qual era a sua patria , quando no Soneto 1 do Livro II falla com as Nynfas do rio Almonda , em cujo seio declara haver sido creada. E se esta senhora he a mesma , a que o Poeta consagrou os dous ultimos Epitafios , nel'es se acha tambem declarado seu nome , que era o de Maria Pimentel , disfarçada no de Marilia na Elegia v , na qual cheio ainda de dor , responde a Pedro de Andrade Caminha , que em outra sua o havia consolado. E tanto era realmente em Antonio Ferreira o sentimento , que por extremo , como bem mostram os elegantissimos versos , em que desaffoga a este respeito a sua mágoa , lho procurárão moderar , não só Caminha na sobredita Elegia , mas tambem D. Simão da Silveira no Soneto XII do Livro II entre os do nosso Poeta.

7 A maior parte das Eclogas , e nomeadamente a I escrita pelo casamento do Principe D. João , filho d'ElRei D. João III com a Princeza D. Joanna , filha do Emperador Carlos V , a III , e a v tem todas por Scena as margens do Mondego , e igualmente forão producção de seus verdes annos. O que porém faz sobremaneira brilhar o fecundo , e elevado engenho de Antonio Ferreira , he , que em tal idade se achasse com forças , havendo nelle assás discrição para pezallas , para emprender a Comedia de Brilto , que dedicou ao Principe D. João. O Poeta de necessidade havia então ter menos de vinte e seis annos , sendo a morte deste Principe no de 1554 o termo , em que os completou. Esta data serve tambem para se conhecer a da Elegia I a Francisco de Sá de Menezes , Aio , e

iro Mór do mesmo Principe, consolando-o
isa desta morte; e a da Carta I do Livro I,
no congratulação de todo o Reino dirige a
D. João III pela constancia, com que sup-
resignado goipe tão fatal. O mesmo Poeta
nos modesto que judicioso, de si proprio
admirar-se, vendo-se colher frutos tão fa-
; e na Dedicatoria da já referida Comedia
n espanto, que ella fora geralmente bem
, e recebida pela Universidade de Coimbra,
igual consentimento de toda ella offerecida
cipe como *causa* (estas são as palavras) *pera*
dias ordenada; e de *Author grave composta*, *sen-*
meira causa de homem tão mancebo, *feita por só*
nsadamento em certos dias de serias, e *ainda estes*
ao estudo.

No anno de 1557, aos vinte e nove de sua
tinha o nosso Poeta promptas, e correctas
luz pública as suas obras. O Soneto 1, que
avia de servir de Prefação, e seu filho na
toria feita em 15 de Maio de 1598, com
pois as imprimio, o testificão. *Este livro* (diz
esteve por espaço de quarenta annos, assi em vida
pai, como depois do seu falecimento, offerecido
es a se imprimir, e sem se entender a causa que
lisse, não ouve effeito. O que vem com levissi-
ferença a dar na mesma conta. Neste mes-
no compoz o Poeta a Elegia VI, e o Sone-
xvii do Livro II. Porém isto não deve enten-
mais que da primeira parte dos seus Poe-
mas quaes he sem duvida, que o Poeta ainda
entou depois alguns-outros, quaes são por
lo o Soneto xv do Livro II, feito aos trinta
annos de sua idade, e a Ecloga ix aos trin-
segunda parte, que fórma os dous Livros das
Cat-

Cartas, e a Tragedia Castro, a qual seu filho primio junto com a primeira, he claro pelas loas, a que muitas das mesmas Cartas são escriptas e por algumas particularidades nellas especificamente pertencerem a annos de mais madureza. Esta segunda parte, diz por casual inadvertencia o Escripto Abbade Diogo Barbosa Machado na *Bibliotheca Lusitana*. tom. 1. pag. 272 não se haver imprimido, do certo o contrario, segundo o que fica referido.

9 Pelo Epitaphio da sua sepultura, que trata P. Fr. Manoel de Sá nas *Memorias Historicas da Provincia do Carmo de Portugal* Liv. II Cap. XI pag. 253, se conhece que Antonio Ferreira foi lecto na Universidade de-Coimbra. E como em todos os tempos, ainda nos mais illustrados, ha sempre apoucados talentos, que estreitando-se em determinada esfera, e esta as mais de vezes curtissima medindo pelos seus os dos outros, tem por terribilidade passar qualquer fóra daquella, em que somente lhes parece deveria encerrar-se, proceem talvez daqui ver-se elle necessitado a satisfazer Carta XII do Liv. II para Vasco da Silveira ao pedir reparo, com que *hum ruim*, pelo dizer com suas mesmas palavras, e *às vezes dous, e três* estranhavão o conciliar elle com o estudo da Poetia. Este reparo o não suppõe elle feito, pois se não reputa por modestia merecedo illustre nome de Poeta, mas sim ao ditaveira, para com mais vehemencia o ridiculizar. *pirito baixo, e máo* chama o Poeta com justissima *sa ao que nega.*

Ajudar o bom engenho á boa doutrina

Quando elle em mais estudos bons s'emprega.

Esta Carta desengana almas com razões clarissima genios estereis, que se achão do contrario te

mente persuadidos. Da Universidade passou a ser desembargador na Relação de Lisboa. E ainda que o serviço d'ElRei lhe impedisse dar-se com tanta familiaridade como dantes á communicação das Mudas, com tudo não o separou já mais inteiramente das. Grande numero das suas Cartas escritas em Lisboa, de crer he que sejam todas de semelhante tempo; e especialmente a elegante, e discretissima, que em abono das Bellas Letras, e Poezia escreve o Cardeal Infante D. Henrique entrão Regente, para se verificallo.

10 Teve, como já dissemos, hum irmão por nome Gracia Froes de Andrade, que amava ternissimamente, como se vê da Ode vi do Liv. I, admiravel imitação da de Horacio: *Sic te Diva potens*, dirigia com sabios conselhos, segundo mostra a Carta VII do Liv. II. Casou, e neste estado se achava, quando logo que chegou a Lisboa, dá conta do retiro de Coimbra na Carta X do Liv. I de Manoel de Sampayo, aquelle judicioso, e exactoensor de seus versos, do desassossego, que lhe occasionava o tumulto da Corte. O Poeta o pinta maravilhosamente; e ao mesmo passo a grandeza de sua alma na indifferença, e desprezo, com que olhava nella o que de commum mais se estima, e suspirava pela quietação do campo, innocente ambição, e quasi universal de animos virtuosos. O filho, que nos consta haver, foi Miguel Leite Ferreira, depois editor de suas obras, o qual deixou em tal idade, que não chegou a conhecer seu pai.

11 Se os escritos são o retrato da alma, nenhum mais fielmente representão ao natural seu Author, que os do nosso Poeta. Seus costumes são aquellas, que o estudo das letras communica ordinariamente aos espiritos bem formados, e a que a

natureza da sua parte não oppõe para o contrário alguns obstáculos, isto he, a probidade, e fingeza. Hum amavel modo de pensar cheio de humanidade, e de doçura, huma paixão declarada pela justiça, hum zelo effectivo pelo bem alheio, e a aversão da lisonja, do fausto, e da falsa gloria formão o caracter das suas obras, e pelo contrário o do seu coração. Sobresabem entre tantas virtudes a amizade, e o reconhecimento, estas virtudes raras, e só privativas de espiritos sublimes. Os amigos de seus primeiros annos são os mesmos de toda a sua vida: Francisco de Sá de Miranda, Francisco de Sá e Menezes, e Diogo de Teóphilo são por elle tratados com o titulo de Meus Meus, e com aquellas ingenuas expressões, que tirão do coração sua origem, e nunca sabe contrahir a adulação. O merecimento dos seus contemporaneos, ainda que tambem authores, e authores vivos, e o que he mais Poetas, sempre será para elle merecimento. Os louvores, com que Horacio exalta Virgilio, e Varro não lhe são menos gloria do que são a Antonio Ferreira, com que sublima não só os sobreditos Poetas mas tambem Jeronymo Corte Real, Pedro d'Andrade Caminha, Diogo Bernardes, e outros, e dos admiraveis Poetas. Donde se patenteia quanto os genios da primeira ordem são superiores, e a effectos vulgares da inveja. Isto mais se fará admiravel, observando-se como na Dedicatoria da Eclix, e na Carta XIII do Liv. 1, fallando com o Senhor D. Duarte, faz valer na presença deste Principe, verdadeiro Mecenas desta nossa idade de Augusto, seu grande amigo Pedro d'Andrade Caminha. Esta nobreza de sentimentos he engrandecida no nosso Poeta por Francisco de Sá de Miranda

Elegia, que lhe dirige, a qual entre as suas se acha na pag. 132 da edição de 1614, no modo a seguinte circumstancia:

E mais em tal fassão, tempo tão araro

De louvores albeios, em tal dano

Dos engenbos, que se achão sem emparo.

11 Esta Elegia de Sá de Miranda serve de resposta á Carta IX do Liv. II, em que Ferreira o congratula pela morte de seu filho Gonfalo Mendes de Sá, que a poucos dias depois da sua chegada a Luta, onde hia servir, acabou ás mãos dos Mouros. As virtuosas qualidades, que nelle conhecia o pai, e as grandes esperanças, que dellas havia concebido, lhe fazião esta perda extremamente sensivel. Este o motivo, por que o nosso Poeta, sem curar a penetrante ferida pela não avivar, o disse admiravelmente para a consolação, louvando-lhe o constante, e magnanimo desapego, com que vivia superior a todas as adversidades no seu filosofico retiro. Esta Carta conciliou a Ferreira o morifico elogio de Sá de Miranda, que se pôde ler na sobredita Elegia, contentando-me em transferir sómente aqui os seguintes versos:

Esta branda Elegia, esta tão vossa

Quero dizer de tanto prego, e tal,

Que vai fugindo ant'ella a nevoa grossa.

Bem vejo que era empresa principal

Esta a que viuba, mas a dor rezente

Tempo esperava, cura mais geral.

Quanto que aquella veia assi corrente

Se deve aquelle engenho prompto, e raro

Que assi sente, assi diz tudo o que sente.

nem sabe de quanto pezo he na boca de hum
tão tão sabio, tão senhor do mesmo sobre que
litt fallá, e ao mesmo passo virtuosissimo, e de
cla-

clarado inimigo da mais ligeira lisonja semelhar louvor, só com isto se daria por convencido e alto merecimento de Ferreira.

13 Não são menos crédoras dos maiores lo vres as outras Cartas, por se encontrarem nell os documentos mais sólidos da Moral, corren parelhás na força com a suavidade da Poezia. T das as excellencias de Horacio seu original se ach alli exacta, e felizmente desempenhadas. Serião se numero os lugares, se houverão de apontar-se, e que o nosso Poeta se appropria os pensamentos deste Principe dos Liricos Latinos, que com raz idolatrava, segundo mostra a Carta VIII do Liv. Tanto a imitação de Horacio, que he a mais or naria, como a de todos os antigos Poetas Grego e Romanos, se vê sempre em Ferreira feliz, e ac tadinha. Os que souberem advertillo poder aprender de tão admiravel exemplar o modo, p que esta deve fazer-se exempta daquella servidão, baixeza, que de commum a desfigura, e en v lece.

14 Antonio Ferreira não só como Poeta, m tambem como cortezão, se constituiu digno emu de Horacio. Vivendo em huma Corte não men polida que a de Augusto, em que o bom gos das letras era commum á principal Nobreza, m recia de toda ella aquella estimação, que indepe dente das distincções estabelecidas pelos homens, natureza reservou ao merecimento, que ella unic mente distribue. João Rodrigues de Sá de Men zes, pai de D. Francisco de Sá de Menezes, e Antonio de Sá de Menezes, a cujo Fidalgo, q vivia no Porto, dirige o nosso Poeta a Carta do Liv. I, foi quem communicou ás pessoas de mai qualidade o amor dos estudos, que até alli dedign vão

Francisco de Sá de Miranda lhe dá na Carta IV entre muitos louvores tambem este, dizendo-lhe:

*As letras, que não achastes
Vós as metestes na terra,
A' nobreza as ajuntastes,
Com que dantes tinbaõ guerra.*

Radicou-o porém o novo restabelecimento da Universidade em Coimbra pelo Senhor Rei D. João III. Eis-aqui o que diz sobre este ponto Miguel Leite Ferreira na Dedicatória das obras de seu pai. *Como a inclinação dos Reis seja a mais guardada lei de seus vassallos, concorreo com uovo fervor a aprender toda a nobreza deste Reino, e começou esta arvore em breve tempo produzir tão suave fructo, como mereciaõ o animo, e maons de quem a plantou. Em todas as facultades houve varios insignes, dos quaes boje florecem muitos, e alguns se inclindraõ á Poesia, avendo que com ella ficavaõ as letras mais ornadas. Quão grande fosse este progresso da mesma Nobreza, o testifica o nosso Poeta na Carta x do Liv. II para D. Simão da Silveira. Ellas lhe suavisarão os costumes, e aquella antiga fereza militar, a que Ferreira não põe dúvida chamar *brutal*, a qual por beneficio das Musas se achava já então, pelo dizer com os seus mesmos termos, *temperada da branda humanidade.**

15 Disto mesmo dão a cada instante a mais clara demonstração todas as suas obras. O melhor daquella idade ou erão Poetas, ou os tinhão em grande apreço. Francisco de Sá de Miranda, D. Simão da Silveira, Pedro d'Andrade Caminha, Jeronymo Corte-Real, D. Francisco de Moura, D. Antonio de Vasconcellos, Francisco de Sá de Menezes, Aio, e Camareiro mór do Principe D. João, Diogo de Bentancor, Antonio de Caltho, Guarda mór da Torre do Tombo, todos de illustre

fangue , erão tambem todos excellentes Poetas intimos amigos de Antonio Ferreira. A benarajem , que a mesma Poezia recebia do Throno , communicava tão vigorosos alentos , e della participava em grande parte o nosso Poeta. Achavale , como mostrão seus escritos , favoravel acimento nos Serenissimos Reis D. João III , e D. Sebastião , no Principe D. João , no Cardeal Infante D. Henrique , e no Serenissimo Senhor D. Duarte cujo poderosissimo exemplo seguião D. Constantino de Bragança , D. João de Lancastro , filho do Duque de Aveiro , D. Jorge , Marquez de Torres Novas e seu irmão D. Pedro Diniz , o Conde de Redondo D. Francisco Coutinho , Regedor , Affonso de Albuquerque , filho do Grande Heroe do mesmo nome , o Secretario de Estado Pedro d'Alcaçova e outros , com outros muitos Fidalgos. As obras de Antonio Ferreira são tambem nesta consideração hum precioso monumento da Historia Litteraria de seu tempo , e nos descobrem o verdadeiro espirito por que nelle tão geralmente florecêrão as Letras. Outro tanto se pôde dizer dos Poemas de D. Bernardes.

16 A grande variedade , que ha nos de Antonio Ferreira , he manifesta prova de que a natureza limitou , como de ordinario costuma , seu precioso genio , e sublime imaginação a nenhum determinado genero de Poezia. Porém elle em primeiro a pôr-se austeramente sobre cautela com esta facilidade , que sabia submeter á mais severa disciplina. Esta he a razão , por que se encontram todos os seus Poemas aquella conformidade de typo com as materias , a que difficilmente sabem dar-se hum mesmo enthusiasmo , muito mais ardente como o feu. Aquelle mesmo fogo ,

que nas Odes, nos Sonetos, e na Tragedia se eleva com tanto vigor, quão outro se representa na fingeleza das Eclogas, ternura das Elegias, aguda delicadeza de alguns Sonetos, e Epigrammas, e na simplicidade das Comedias. Mas onde sobre tudo elle se mostra rendido, e quebra da sua maior actividade, he nas Cartas, nas quaes independente delles só parece presidir a razão. Tudo nellas he sólido, e cheio daquella brilhante luz, que só da Filosofia se pôde tomar, e porque são raras vezes conduzidos ao Parnaso os Poetas mediocres. Maximas importantes comprehendidas em versos energicos, e por isso factis a reter na memoria, de quanta utilidade são para quem os lê! Porém estes mesmos versos de tanta madureza, e razão, nem por isso lhes falta, quando o assumpto o soffre, toda a sublimidade, força, e graça de expressão, que he o unico arrimo, em que só se sustentão os genios menos fortes de cousas. Por cujo motivo o douto Nicoláo Antonio in *Bibliot. Hispan.* tom. 1. pag. 93 os nomea com summa propriedade: *Lucubraciones metricas & elegantes plenas, spirituque & animositate vigentes poetica.* Cujo juizo por ser de hum tão intelligente Author nesta materia, argúe bem de temerario, falto de critica, e alhcio do conhecimento das verdadeiras regras da sã Poezia, o que fórma das Eclogas do nosso Poeta Manoel de Faria e Sousa na Introd. ás de Camões num. 4 pag. 160, dizendo que elle as escrevêra *con perdurable dureza, y poca dicha en pensamientos, y afectos, aunque se muestra visto en los Poetas antiguos; para que se acabe de entender, que estudio sin espíritu, y espíritu sin estudio, no pueden obrar cosa de provecho.* Manoel Severim de Faria *Disc. da Ling. Portug.* pag. 82. verk. assegura o contrario a respeito das mesmas

Eclogas. A brandura, diz elle, das *Eclogas de Diogo Bernardes, Antonio Ferreira, e Francisco Rodrigues Lobo* são de tanta suavidade, que o insigne Poeta Lopo da Vega confessa, que os escritos de Diogo Bernardes o ensinavaõ a fazer versos pastoris, e os outros não causão menor deleitação, que he o que neste genero se requer.

17 He bem certo que Antonio Ferreira não estimava em tanto o espirito por si só sem cultura, que tivesse esta em pouca conta, pois como elle diz na Carta XII do Liv. II.

Estimaria antes a dureza

*Daquelle, que o trabalho, e arte abrandou,
Que destoutro a corrente, e vãa presteza.*

Por cujo motivo os dotes naturaes o não satisfação de modo, que deixasse confiado nelles de os aperfeçoar, e dilatar na lição dos melhores Poetas da antiguidade. Daqui vem serem-lhe familiarissimos seus pensamentos, como toda a elegancia de suas mesmas linguas. Quanto foubesse da Grega, se vê dos Epigrammas de Anacreonte, e das Elegias VII, e VIII, que verteo, a primeira de Moscho ao Amor fugido, e a segunda de Anacreonte ao mesmo Amor perdido. Ao Leitor curioso pôde ser não desagrade pôr-se aqui a de Moscho, traduzida por Pedro d'Andrade Caminha, grande Poeta, contemporaneo, e amigo de Ferreira, não só pelo deleite, e instrucção, que causa observar, como dous grandes Escriitores sabem diversamente tratar o mesmo fogeito, mas tambem por não se haver até agora publicado. He pois a seguinte:

Perdeo Venus fermosa o seu Cupido,

Fermoso filho seu, brando, e mimoso,

E tristissima está de o ter perdido.

Tudo corre, nada acba trabaloso,

O campo, o monte, o povoado, o ermo,

Que

Que á grande dor nada he difficuloso.
 Co espirito de tristeza todo enfermo
 Sobre num alto monte, procurando
 O' cuidado remedio, á pena termo.
 Dahi esta quanto póde a voz alcanço,
 E nestas tristes quoiras a desgrama
 Por seu fermoso filho perguntando.
 O filho, a que esta mãi mais que tudo ama
 Se me perdeo acaso, que não creio
 Que s'escondesse, nem que me desama.
 Não posso inda saber onde se veio,
 Nem sei s'espirito algum mo tem furtado,
 Ando toda entre dor, entre receio.
 Se o lugar onde está, me for mostrado
 A quem mo assim mostrar prometo, e juro,
 Que em premio hum beijo meu lhe seja dado.
 A quem nas minhas mãos mo der seguro
 Lhe darei inda mais. Quem há que seja
 Com taes promessas descuidado, e duro?
 Se ganhar este preço alguém deseja,
 Mil sinaes lhe darei, no peito os guarde,
 Porque o não desconheça quando o veja.
 Não he alvo, mas todo o corpo lhe arde
 Em cor de fogo, e os olbos resplandecem
 Tanto, que não há vista, que os aguarde.
 As palavras, que diz doces parecem,
 Mas tem cheia de enganos a vontade,
 E engana os tristes, que isto não conhecem.
 Quando está cheio de ira, ou crueldade
 Não há cousa, que o mova, ou que o abraude,
 Nem que lhe faça confessar verdade.
 He menino, mas tem astucia grande,
 E está mil graves cousas cometendo
 Mil vezes quando cuidem, que rindo ande.
 Crespos cabellos ibé os hombros pendendo

Em certa ordem. lbe estaõ. Medo, nem pejo
 Nunca em seu rosto ousado s'esta vendo.
Maons; e braços pequenos tem, mas. vejo
 Que muito longe tira a seta dura,
 Com que hum peito saõ fere, e hum saõ desejo.
De todo o corpo träs sem vestidura
 A' calma, e ó frio sempre descuberto,
 Mas cheio he o espirito de prudencia pura.
O voar deixa as vezes, e de perto
 As nimpbas ora, os homens ora tenta
 Naõ com rosto fingido, ou encuberto.
E como vê, e entende que contenta,
 E que a vontade ó que elle diz. se abranda,
 Lá no intimo do peito, e alma s'assenta.
Arco pequeno tem, mas com elle manda
 Thé as estrellas a seta destinada,
 Que certa sempre em suas regras anda.
Fermosa aljarva ó hombro träs dourada,
 Dentro pegonha; e setas, que meu peito
 Mil vezes tem ferido, e alma chagada.
De usar cruexa em tudo he satisfeito,
 Porque quanto nelle há, tudo he aspreza,
 Cruel he o nome, que lbe he mais accito.
Na mão huma facha träs, que com cruexa
 Gasta as tristes entranbas, e seu fogo
 Queimará o Sol com sua fortaleza.
Se o achares, e á mão o ouveres, logo
 Se podes com estreitos nós ó prende,
 Nem te enganem suas manbas, nem seu rogo.
Trazeo prezo com manba, e arte, e entende
 Que ou rogue, ou ameasse, ou chore, ou ria,
 Que ardis saõ tudo, com que se defende.
Se com palavras cheias de alegria
 Te mostrar amizade, entaõ mais teme,
 Entaõ de sua paz mais desconfia.

*Em suas palavras, e em sua boca, cre-me
As pegonbas cruéis trás escondidas,
Com que o triste, a que as dá, chora, arde, e treme.
E se te forem delle offercidas
Setas, coldre pintado, arcos sermosos,
Não sejaõ suas offertas recebidas,
Que seus doens queimaõ tudo, e saõ danosos.*

Desculpem esta larga digressão os motivos affirma referidos.

18 Quanto Antonio Ferreira fundamentalmente conhecesse as especulações da Arte, com evidencia o manifesta a Carta XII do Liv. II escrita a Bernardes, na qual depositou quanto sobre as regras geraes da Poezia encerra a Epistola de Horacio aos Pisões. Era por esta causa consultado como o melhor Critico pelos seus contemporaneos, a quem a sua falta se fazia nesta consideração muito sensível. Caminha na Elegia sobre a sua morte a lamenta deste modo:

Mas eu não choro ver de entre nós ido.

Este retrato só da Idade Antiga,

Do Ceo d' nossa lingua concedido.

Mas faltar-me hum ingenho, a que o meu siga,

E huma voz, que ouça, syrito de que aprenda,

E os segredos das Musas m'abra, e diga.

E quem o meu máo verso me reprenda:

E o meão me concerte, e mo levante

Com douto arviso, e com segura emenda.

Bernardes na sua Carta XII do Lima, escrita ao nosso Poeta, a que a sobrieda ferve de resposta, além de muitos louvores summamente consideraveis em razão de seus, affim lhe encarrega a emenda de seus escritos.

Se pudera formár quanto imagino

Quando teus versos leio, quando noto

Nelles o teu ingenhò peregrino :
 Sem temerem os meus a mão de Clóto ,
 Ficariaõ á fama encomendados
 No templo , de que fui sempre devoto .
 Mas não posso negar , serem-me dados
 Por ti do Ceo favores venturosos ,
 Indaque mal de mim remunerados .
 Se me não dera ao Mundo em taõ ditosos
 Annos , de mim que fora ? que por ti
 Espero de ter nome entre os famosos .
 Por mim nunca subira , onde fubi ,
 Meu nome com a vida s'acabára ,
 O Mundo não soubera se nasci .
 Confesso dever tudo aquella vara
 Doutrina tua , que me quiz ser guia
 Do celebrado monte á fonte clara .
 E por te dever mais , se á luz do dia
 Te parecer , que saiaõ meus escritos
 Na tua pena está sua valia .
 As faltas , os sobejos , duros ditos ,
 O não guardar decíro em pranto , e rogo ,
 Em fim , erros que se vão infinitos .
 Emenda , corta , abrandá , sintáõ fogo
 Da tua ardente Musa , em que s'apurem ,
 E sendo dignos doutro , dá-lho logo .
 Ou acabem por ti , ou por ti durem
 Seu fim , ou seu louvor por ti os siga ,
 De mim mais não esperem , nem procurem .
 Com igual elogio , e para o mesmo fim o trata
 na Carta II do mesmo Limá , dizendo-lhe entre
 outras cousas :
 Musa da Lusitania ; pouco digo
 Das nove do Parnaso a principal ,
 Que menos não partio o Ceo contigo .
 E se tua clara luz , que a nevoa escura

*Dos bons ingenhos vai alevantando,
 E do Pindo lbes mostra a mor altura.
 Me fer por esta selva lumiano,
 Onde amor me metteo alta, e sombria,
 Por onde vou a medo caminbando.
 Inda eu espero, que vejas algum dia
 Com novo louvor teu mais doce canto,
 Porque tendo taõ certa, e fiel guia
 Naõ be muito de mim prometer tanto.*

Aos que parecer consultar por inteiro estas duas Cartas, ficará claro em que respeitosa veneração erão tidas por hum dos mais célebres Poetas daquelle tempo outras muitas eminentes qualidades de Antonio Ferreira, as quaes elogiárão pelo mesmo modo, ainda estando elle vivo D. Francisco de Moura, e Jeronymo Corte-Real, cujos testemunhos vão impressos ao principio das obras do mesmo Poeta.

19 No meio pois da mais distincta reputação o tomou de improviso a morte em Lisboa no anno de 1569 aos 41 de sua idade. A peste, que nesta Cidade devorava tudo, ajuntou este aos outros muitos estragos, com que a affolava. A dureza, com que os grandes males tornão quasi insensiveis á dor os animos a elles costumados, não foi com tudo tão poderosa nesta occasião, que deixassem de manifestar o mais vivo sentimento seus maiores amigos. Taes forão Diogo Bernardes, e Pedro d'Andrade Caminha nas duas elegantissimas Elegias, que vão impressas no fim das obras do nosso Poeta, e Francisco de Sá de Menezes no Soneto posto ao principio dellas. Quando a natureza se exprime em linguagem tão propriamente sua, facil he de conhecer não ser este o corrupto incenso, com que a dependente, e servil lisonja costuma

perfumar as cinzas dos que só devem á forte a inutilidade de haver sido poderosos. Foi sepultado no cruzeiro do Convento do Carmo , e sobre a campa se lhe gravarão as seguintes palavras:

Epitafio do Doutor Antonio Ferreira , Lente que foi na Universidade de Coimbra , Desembargador da Relação , raro Poeta : faleceo no anno de 1569.

Hic Doctor jacet e Cathedra , quem jura Tonantem

Mente arida audiret Bartolus , imo Solon :

Carmina scribentem Cythara sequeretur Apollo ,

Diceret , & numeris non satis esse Cbelin.

Jus , & Pieridas Patria decoravit , amore

Illius hec capiti laurea major erat.

Nec vati magnum , ac fuerit quod in urbe Senator ,

Sed sua quod regnum scripta Thalia regit.

Si legit , una tuos componet Epistola mores ,

Maximus est Doctor , qui docet e tumulto.

A pedra está quebrada , e tem de menos dous dísticos.

20 Por espaço de vinte e nove annos depois de seu falecimento estiverão por publicar seus Poemas , até que seu filho Miguel Leite Ferreira cuidou em que se imprimissem , não tendo , como suppoz o douto Nicoláo Antonio *in Bibliot. Hisp.* quarenta annos de idade , pois que elle não chegou a conhecer seu pai , mas havendo-se sim passado este tempo , desde que seu Author , como fica referido , os destinára para a luz pública , o que deo motivo ao dito engano. Sahirão com o seguinte titulo : *Poemas Lusitanos do Doutor Antonio Ferreira , dedicados por seu filho Miguel Leyte Ferreira ao Principe D. Philippe nosso Senbor. Em Lisboa. Impresso com licença por Pedro Crasbeeck. 1598. Com Privilegio. A' custa de Estevão Lopes , Livreiro , in 4.º* cuja Dedicatoria he desta maneira : *Senbor. Esteve a lingua Portuguesa*
uão

não conhecida no Mundo , por causa dos ingenhos Portuguezes não terem experimentado nella , o que outras naçoens mostraram nas suas : té que Deos foy servido dar-lhes el Rey D. JOAM III Tio de V. A. , (a quem devidamente coube o nome de Pay da Patria) que inspirado do seu pio zelo espertou os estudos das letras , e a Universidade , que o grande Rey D. DINIZ fundára em Coimbra , e depois se mudou a Lisboa , tam de proposito tornou assentar em Coimbra , que mais parecia instituyta , que reformata. E como a inclinação dos Rey8 seja a mais guardada ley de seus vassallos , concorreo com novo fervor a aprender toda a nobreza deste Reyno , e começou esta arvore em breve tempo produzir tam suave fructo , como mereciam o animo , e maons de quem a plantou. Em todas as facultades ouve varoens insignes , dos quaes hoje florecem muitos , e alguns se inclinaram á Poesia , arrendo que com ella ficavam as letras mais ornadas. Naquelles tempos o Doutor Francisco de Sá de Miranda foy o primeiro , que com a singular brandura dos seus versos Lusitanos começou mostrar o descuido dos passados , e que esta lingua bé capaz de nella se cantarem Damas , Capitães e Emperadores. Com cujo exemplo meu pay , que então estava nos estudos , pretendeo com a variedade destes seus manifestar como a lingua Portuguesa , assi em copia de palavras , como em gravidade de estylo , a nenhuma bé inferior. E com mór honra desta nação mostrára esta verdade , senão fora impedido com o serviço del Rey no Desembargo , e a morte tam anticipada lhe não cortára o fio a mores esperanças , deixando-me em tal idade , que o não conheci. Esteve este livro por espaço de quarenta annos , assi em vida de meu pay , como depois do seu falecimento , offerido por vezes a se imprimir , e sem se entender a causa , que o impedisse , não ouve effeito. Agora que com a idade foy crescendo a razão , conheço qual era , e quanto servo á boa estrella , que o detinha vir a luz , esperando

chegasse a de V. A. com seu amparo, e favor. A quem eu com o devido acatamento o offereço, confiando que com benigno, e real animo será recebido, assi pola obrigação, que V. A. tem de favorecer os bons ingenhos, que com amor, e sancto zelo de tal Rey começáram mostrar-se nestes Reynos, como pola muita parte, que a V. A. cabe na boa reputação desta lingua, ficando desculpado meu atrevimento com a devida, e natural obrigação, que os filbos tem de procurarem perpetuar cón honra a memoria de seus pays. Deos guarde a V. A. De Lisboa a 15 de Mayo de 1598. Miguel Leite Ferreira.

21 As obras de Antonio Ferreira dividem-se em duas Partes. Huma dellas, que he a primeira, consta de dous livros de Sonetos, o primeiro com sincoenta e oito, e o segundo com quarenta e sinco; de dez Epigrammas; de dous livros de Odes, o primeiro com oito, e o segundo com sinco; de nove Elegias; doze Eclogas; hum Epithalamio ao casamento da Senhora D. Maria com o Senhor Alexandre Farnes, Principe de Parma, e da Historia de Santa Comba dos Valles, de cuja Historia, dizendo a conservava em seu poder, faz menção João Tamaio Salazar, *Martyrol. Hispan.* tom. 4. pag. 183. A segunda Parte comprehende os dous livros das Cartas, tendo cada hum delles treze, desenove Epitafios, e a Tragedia Castro, servindo a tudo de remate as duas Elegias, a primeira de Diogo Bernardes, e a segunda de Pedro d'Andrade Caminha sobre a sua morte.

22 A ninguem cause dúvida ser ou não do nosso Poeta a Carta I do Liv. II para ElRei D. Sebastião, supposto a veja attribuida a Camões na terceira Parte das Rimas deste Poeta, que imprimio em 1668 D. Antonio Alvares da Cunha, e dedicou ao Serenissimo Senhor Rei D. Pedro II, ainda

da então Príncipe. Affim he que o editor diz, que tirára estas obras de varios manuscriptos, muitos dos quaes erão da letra do mesmo Camões; porém he tão diversa a Orthografia, em que está impressa a dita Carta, da do tempo, em que se suppõe escrita, que claramente mostra ser alguma moderna cópia da de Ferreira, que estava entre os taes manuscriptos, e esta bem viciada. A mudança affim em versos alterados, muitas particulas, e palavras trocadas, que ha entre ella, e o texto claro, natural, elegante, e já setenta annos antes publicado, só serve de a desfigurar, e escurecer, e de manifestar ao mesmo passo quanto já neste tempo era elle desconhecido.

23 As duas Comedias intituladas *Brisso*, e o *Ciofo* publicou depois no anno de 1622 em Lisboa em 4.^o, juntamente com as de Francisco de Sá de Miranda, Antonio Alvares, Impressor, e Mercador de livros, e as dedicou a Gaspar Severim de Faria em agradecimento de este lhas haver confiado para este mesmo fim; pois que era tanta a sua raridade, que fazendo incansaveis diligencias por descubrellas, nunca o pudera conseguir, senão na sua preciosa livraria. Estas duas Comedias são escritas em prosa, e tudo mais em verso Rimado á exceção da Carta I do Liv. I, e da Tragedia. O Poeta, que admiravelmente conhecia quanto a Rima cativa a liberdade ao pensamento, e suspirava pela soltura, com que os Italianos, Sá de Miranda, Gracilasso, e Boscão versificárão, se lhe submettia, como confessa, obrigado da necessidade. Porém parecem pouco justificadas suas queixas, pois que a vemos para com elle tão pouco tyranna, que ella he sempre a constangida, obedecendo de maneira, que sem particular advertencia, difficil fora o per-

cebella. Eis-aqui o que o Poeta a seu respeito diz na Carta x do Liv. II.

O' doce Rima! mas inda atã, e dana,
 Inda do verso a liberdade estreita,
 Em quantõ co som leve o juizo engana.

Não foi a consonancia sempre aceita
 Tam repetida, assi como a doçura
 Continua o appetite cheo engeita.

Mas soframo-la, em quanto buma figura
 Não vemos, que mais viva represente
 D'aquella Musa antiga a boa sultura.

24 O merecimento das Comedias comprova
 asás o sobredito Editor na Dedicatoria, que lhes
 ajuntou, não havendo no que diz clausula alguma,
 que se possa presumir exaggerada, e que depois da
 mais exacta averiguação não se haja por verdadei-
 ra, e exempta de censura. O seu juizo he o se-
 guinte : Nas Comedias dos Doutores Francisco de Sá de
 Miranda, e Antonio Ferreira, mais que em nebuma ou-
 tra escriptura vulgar ; se mostra a excellencia da lingua
 Portuguesa, vendo-se em breves palavras grande gravi-
 dade nas sentenças, excellentes discursos, ditos agudos,
 summa graça, e galantaria no modo de dizer, guardan-
 do-se sobre tudo o decoro a cada pessoa, e as regras da
 Arte com tanta perfeição, que não sòmente igualam as me-
 lhores dos Gregos, e Romanos, mas as podem aventajar.
 Pelo que são digníssimas de serem trazidas nas mãos de
 todos, e celebradas não menos que as de Plauto, e Teren-
 cio. Porém ainda mais claramente o manifesta o
 mesmo Poeta na Dedicatoria da Comedia de Bristo,
 quando singelamente nos diz, que ella fora na
 Universidade recebida, e publicada com approvação, e
 como fazendo para isso força ao Author os bons ju-
 zos de bomens de muitas leiras, a que foi necessario
 que o seu obedecesse. Isto faz-se muito considera-
 vel,

vel, sendo em tal tempo, e muito mais com a circumstancia, que elle mesmo especifica de que *pouco antes se virão outras, que a todas as dos antigos ou levão ou não dão ventajem*. O que bem mostra haver entre nós corrido a Comedia igual forte, que na Grecia, em Roma, e depois nas demais nações, sendo sempre a primeira em se aperfeçoar com anticipação á Tragedia.

25 Nesta he que Antonio Ferreira se constituiu unico, não tendo dos seus quem seguisse, nem talvez quem até agora o igualasse. Muitas são as singularidades, que concilião á sua *Castro* os mais subidos louvores, e a fazem crédora de particulares observações, quaes são a sua antiguidade, a ventajem, que leva ás mais célebres das outras nações naquelle tempo, quando com ellas se confere, o profundo conhecimento das regras da arte, a imitação dos Gregos, e mais que tudo a feliz escolha do argumento, por si mesmo trágico, interessante á nação, para que escrevia, e nunca antecedentemente tratado.

Vestigia græcæ

Ausus deserere, & celebrare domestica facta;

Horat. Epist. ad Pison. v. 286.

Porém isto mais era para huma larga dissertação, que proprio do presente lugar. Pelo que, sem em tal nos demorarmos, satisfaremos sómente ao gosto de alguns leitores com hum succinto extracto feito *Scena* por *Scena*, tocando em geral algumas cousas mais notaveis, as quaes lhes dispertem a attenção para em outras muitas reflectirem, e occuparem a sua penetração.

26 A primeira *Scena* abre-se pela exposição do que deve servir de fundamento a toda a fábula. *Castro* a faz; e supposto seja prolixa, e tomada de longe sua origem, he todavia energica, e anima-

da.

da. A alegria domina em seu coração, e se vê reluzir no seu discurso; porém sua alma lhe divisa lagrimas, que não obstante ella as attribuir ao prazer, fazem com tudo presentir ao expectador a mudança dos incidentes, para que o Poeta o vai desde tão longe preparando com imperceptivel artificio, e habilidade. Em fim, todas aquellas sementes, pelo dizer assim, de que depois hão de brotar os mais maravilhosos successos, e até a mesma catastrophe, se achão com simplicidade alli quasi inadvertidamente derramadas. Vê-se a repugnancia do Rei, e do Reino, as cautelas, que se tomavão para atalhar ao Infante o despozalla, a violenta paixão do mesmo Infante, e ultimamente o como cego della chegou a executallo. Na Scena segunda o Principe apparece com outros affectos bem differentes dos de Castro. Seu pai o persegue, o povo com pertinacia, e odio se lhe oppõe, a paciencia lhe falta. O coro conserva alli o seu devido caracter, pois he moral, e lhe procura moderar a cólera. Na Scena terceira se vê brilhar a fidelidade de hum magnanimo vassallo, e a resoluta determinação de hum Principe mancebo, a que á força da mais impetuosa paixão cerra os ouvidos. O zelo, e o amor ministrão de parte a parte sentimentos da maior elevação.

27 Na Scena primeira do Acto II o Rei se queixa do pezo da Coroa, e da desobediencia do Infante: consoláo-no os Conselheiros, e lhe apontão os meios de obviar tantos males, isto he, a morte de Castro. O Rei a principio o desaprova, e com quanta humanidade, e justiça! mas as especiosas razões do bem público prevalecem, das quaes se deixa em fim hallucinar. O terror, e a compaixão dominão. O auditorio se interessa, vendo tra-
çar

a morte de huma innocente, e lutar entre def-
tos, e dúvidas a affligida velhice de hum vir-
so Rei, e enternecido pai. No Acto III Castro
io outra se representa do que se havia mostrado
primeira Scena do primeiro Acto. Toda a ale-
a passada se lhe converte em confusão, e affom-
a. Hum funesto sonho a traz timida, e defasso-
ada. A allegorica pintura do mesmo sonho he
rimida com toda aquella viveza, que consti-
m a essencia das narrações dramaticas, como são
ças de elocução, evidencia, e affectos. Quando
oro, ou o seu *Coryseo* principia, dizendo: *Tristes*
nas, crucis, novas mortaes te trago, Dona Igués, a
posta de Castro, he sublime. Pergunta-lhe ella
il era a triste nova, que lhe annunciava; e re-
ndendo-lhe aquelle, que era a sua morte, lhe
na Castro de improvisó: *He morto o meu Senhor?*
neu Infante? Esquecida toda de si, não reputa pe-
o seu, mais que o do seu amante. Os que co-
ecem quão raro he saber desentranhar do fundo
oração segredos tão sensiveis, depois de des-
bertos, mas tão reconditos antes de tocados, po-
rão bem avaliar toda a propriedade de hum tão
o pensamento.

28 No Acto IV a Primeira Scena he cheia de
erese. Os sentidos rogos da desditosa Castro; o
ltar-se a pedir auxilio aos mesmos, que com
is instancias sollicitavão sua desgraça; as reitera-
ões, e vivissimas súplicas, com que se volve ao
i; o abalo, que ellas lhe fazem; o perdão,
e levado do primeiro assalto de commiserção,
rece conceder-lhe os agradecimentos, com que
oro lho applaude, a que tropel de affectos
fazem succeder no animo dos espectadores a
ior suspensão! Tudo repentinamente muda de
situa-

situação. A morte de Castro, que consideravão mediata, senão effeiva. Começão a ter esperanças. E o affombro se augmenta pela suspeita de que o Poeta haja tomado outro caminho para desatar o enredo, differente daquelle previsto pela História, e que nos argumentos conhecidos he humo meio mais conducentes para se conseguir o mesmo fim. Na segunda Scena a ira contra os Cordeiros do Rei se faz fortissima, e não he mais o desejo de que este os não escute firme na primeira resolução; mas tudo he trocado, e vendendo-se ás importunas súplicas, que lhe fazião versos, em que o Coro dá noticia da morte de Castro, são ternissimos. No Acto v, que commoção não causa o infeliz Principe, quando trocado em lisonjeiros discursos, recebe de subito o penetrante golpe, que lhe traspassa a alma. A sua desesperação he exprimida com toda a vehemencia, que a natureza dicta em circumstancias taes. Nada ha mais fiel, que o retrato do seu tribulado coração. Todas as paixões ganhão de posse, humas interruptamente se succedem a outras, todas fallão a sua propria linguagem, todas em fim vivissimas, e subidas ao seu mais elevado ponto, sem nunca enfraquecerem. Esta Scena succede neste genero a quanto ha de mais recommendavel entre antigos, e modernos. Nêm tambem he de pouco merecimento saber reservar affectos tão vigorosos para o fecho da Tragedia.

29 Aristoteles no Liv. III da Rhetorica adverte haver sido a locução desta em sua origem fraca e baixa; e o mesmo que elle diz dos Gregos, observa nas primeiras de quasi todas as nações; porém o nosso Poeta ao contrario usou logo de um mais sublime, e magnífica, qual unicamente o

em a este poema. Os que entenderem outra cou-
 ra, quando talvez topando huma, ou outra expres-
 so, que por muito vulgarizada haja com o tempo
 entrahido aquella baixeza, que hum semelhante
 contacto costuma communicar, devem neste caso
 reflectir ser este o destino ordinario de muitas pa-
 avras em todas as linguas. Nenhum Escriitor, por
 mais elegante que seja, se poz já mais a salvo deste
 inevitavel risco: e quando estes termos, que os
 olhos ouvidos presentemente estranhão, forão pe-
 s melhores Authores contemporaneos empregados
 n assumptos igualmente sublimes, como erão ao
 rto todos os do nosso Poeta, qualquer censura
 ará sendo indiscreta, e injusta. Além de que,
 mos para nos abonar a perfeição do estylo desta
 ragedia o testemunho de hum Author coetaneo,
 uito intelligente nestas materias, e por isso de
 uita conta. He este o suavissimo Diogo Bernar-
 s nas Flores de Lima Soneto xciv, o qual affirm-
 uva a Antonio Ferreira a sua Castro.

Se Dona Ines de Castro presumira

Que tinba o largo Ceo detriminado

Ser o seu triste fim tão celebrado,

Co' raro ingenho da tua doce Lira:

Inda que de mais duros golpes vira

O seu tão brando peito traspassado,

Do corpo o triste sprito desatado,

Ledo desta baixeza se partira.

Allegre-se no Ceo, pois que na terra

O seu nome por ti será famoso,

O qual já não lembrava em Portugal,

O teu estillo fez á morte guerra,

O' Dona Ines ditosa, ó tu ditoso,

Que dando vida, ficas immortal.

modesta resposta de Ferreira está no Soneto xxxv

do

do Liv. II; porém com tanta differença do modo, por que se lê na edição de Bernardes feita em 1597, que por esta causa a transcreveremos pelo modo que nella se acha, e vem a ser:

Bernardes, cujo sprito Apollo spira

Volve teu doce verso, a mim mal dado

Ao grande obgeito teu, que levantado

Por ti será á gloria, a que já aspira.

Inda onde quer qu' está, cboro, e sospira

O triste Infante, em ver taõ mal cborado

Seu doce amor, de que cá taõ magoado

Nam fartou d'agoa os olbos, peito d'ira.

Isto só pede ós Ceos, qu' inda da terra

Qu' esconde suas cinzas, hum luminoso

Rayo saya, de luz nova, luz tal

Qu' aclare a murve, que nos cobre, e cerra

Aquella vida, qu' indaque mortal

De doce amor, despoja saudoso.

30 Se algumas cousas porém ha, (o mesmo se póde dizer das Comedias) as quaes de justiça em nossos dias pudera reprehender a critica, ao tempo, e não á falta de genio em o nosso Poeta se devem attribuir. Lea-se a Historia do Theatro de todas as nações existentes, e ver-se-ha serem poucas as que em vulgar possão naquelle tempo offerecer neste genero obras tão regulares. Os muitos discursos, a pouca acção, a falta de enredo, o desatado das Scenas, os longos *a partes*, a instabilidade do Coro sobre o Theatro, tudo isto he commum com os melhores Poetas da sua idade, e com os demais, que por larguissimos annos he succedêrão. Ha huma grande differença, diz hum illustre sábio, * entre a belleza de qualquer obra, e o merecimento de seu Author. Certa obra, que he

» em

* Mr. de Fontenelle *Vie de Corneille.*

em si mui mediocre, não a poderia produzir senão hum genio sublime; e ao contrario a que he assás bella, pôde bem ser producção de hum genio assás mediocre. Cada seculo tem seu gráo de luz, que lhe he proprio, e se eleva, pelo dizer assim, a hum certo tom de espirito. Os espiritos mediocres conserváo-se inferiores ao gráo de luz, em que se acha o seu seculo, os bons o conseguem, os excellentes passáo adiante, no caso de ser possível o passar. Hum homem, que nasce com talentos, he naturalmente conduzido pelo seu seculo ao ponto de perfeição, a que este seculo tem chegado... Desta forte dous Authores, hum dos quaes se aventaja extremamente a outro na belleza de suas obras, são com tudo iguaes em merecimento, se cada hum delles igualmente se elevou com superioridade ao seu seculo. Assim he que hum se levantou mais affirma do que o outro; o que porém não he, porque haja tido mais força, mas só sim porque tomou o voo de hum lugar mais elevado. Pela mesma razão dous Authores, cujas obras são de igual belleza, hum pôde ser hum homem muito mediocre, e o outro hum genio sublime. Para julgar da belleza de hum obra, basta o consideralla em si mesmo; porém para se julgar do merecimento do Author, he preciso comparallo com o seu seculo.» Reflexões mui adequadas á Tragedia, de que tratamos.

31 *Esta Tragedia*, diz o eruditissimo Abbade Diogo Barbosa Machado na Bibliotheca Lusitana, *foi traduzida por hum Francez na sua lingua, e a dediquo ao Conde da Atouguia João Gonçalves de Attaide, de quem fora criado, e Mestre da lingua Latina de hum seu filho, a qual se imprimio em Pariz; porém não declara o anno da impressão.*

32 O prognostico, que Antonio Ferreira fo-
mára, e a bem fundada esperança, que se augu-
ra na Ode I do Liv. I, de que *inda em alguma pa-
te ab Ferreira dirão da lingua amigo!* o tempo o v-
rificou, sendo como realmente são seus escritos
humas das fontes mais puras, em que pôde beber-
a elegancia, e propriedade da linguagem Portu-
gusa. Nelle se não encontra mistura alguma, ou co-
rupção de vocabulos estrangeiros, nem affectação e
usar dos anrigos, não por falta de lição dos velhos,
originaes Authores, como se vê nos Sonetos XXXIV
e XXXV do Liv. II, mas por saber a moderada co-
nomia, com que se permite o seu uso, e quan-
to como nos trajos he ridicula deste modo a singu-
laridade. *Estes dous Sonetos*, diz seu filho em hum
advertencia, que poz depois da errata, *fez meu pe-
na na linguagem, que se costumava neste Reino no tem-
po del Rei D. Deniz, que he a mesma, em que foi compo-
sta a historia de Amadis de Gaula por Vasco de Lobeira
natural da Cidade do Porto, cujo original anda na Ca-
de-Aveiro. Divulgáraõ-se em nome do Infante D. Afo-
so, filho primogenito del Rei D. Deniz, por quam m-
este Principe recebêra (como se vê da mesma historia
ser a fermosa Brianloja em seus amores tão mal tratada*
Esta elegancia de estylo, que resulta da feliz es-
colha de palavras, junta com exactidão, e vivacida-
de dos pensamentos, e fórma a natural belleza do
discurso, he o commum caracter de todas as suas
obras. Os elogios já referidos de Francisco de S-
e Miranda, Pero d'Andrade Caminha, Diogo
Bernardes, e outros, e os que pela extensão re-
servamos para o fim, são unanimes neste ponto
como tambem os demais, que em tempo lhe suc-
cederão, contando sempre o nosso Poeta por hum
dos Escritores mais polidos, e recommendave-
Me

Mestres do idioma Portuguez. Antonio de Sousa Macedo *Flores de España* cap. 22, Excell. 6, quando da aptidão, que nelle ha para todos os estylos, o comprova duas vezes com as obras de Antonio Ferreira, pelo que respeita á brandura, e suavidade, allegando as suas *Eclogas*, e *Comedias*. D. Francisco Manoel no *Hospital das Letras*, supposto attribua a Quevedo hum dos interlocutores do Dialogo o juizo do nosso Poeta, e este o faça poucoferiamente, he com tudo desta maneira: O Ferreira, diz elle, contente-se de lhe haver amanhecido a frase sublime primeiro que a maior parte dos Poetas de quem mar, porque em nebum se achão meliores arrebuffos; e vá passando assim como puder, satisfiio de que os menos conhecidos são boje por ventura os meliores parados; por aquella regra de hum moderno, que fez a fama complice das grandes tragedias dos famosos. Manoel Severim de Faria *Discurs. da lingua Portugueza* pag. 83 assim se explica: *Esta brevidade, graça, e decoro, (da linguagem) que os Latinos desejarão, se vem tão praticadas nas Comedias Portuguezas de Francisco de Sáa, e Antonio Ferreira, e em algumas de Jorge Ferreira, que a juizo de todos os doutos não tem superior.* E na pag. 72. verf. *ibid.* E quanto ás traduções claramente se mostra assi nas de verso, que fixerão Antonio Ferreira e Luiz de Camoens, como nas de Prosa do Bispo D. Antonio Pinheiro, e outros, que senão he mais breve (a lingua Portugueza) que a Latina, ao menos não he mais larga.

33 Terminaremos em fim a Vida do nosso Poeta com os louvores, que lhe derão alguns Autores de abalizado merecimento, os quaes, além dos já referidos, testifiquem a grande conta, e universal apreço, em que sempre forão havidos seus escritos. Serão os primeiros os de seus amigos, e in-

infignes Poetas Diogo Bernardes, e Pedro drade Caminha com alguns versos do mesmo reira, que faltão na edição das suas obras. O meiro nas *Flores do Lima* tem os seguintes Soneto e este primeiro em louvor da Ecloga XI he o LX

Filis, senão t'abranda a viva vea

De pranto, que por ti way derramando

O teu Androgeo, a verde erva regando,

Humedecendo a seca, e branca areia:

As lagrimas d'Alcipo, que recea

Perder o caro amigo, tornem branda,

Esse teu peito duro: não vds dando

Causa, que de tal Nimfa, tal se crea.

Qual fermosura, ó Filis foi cantada

Em mais suave estillo? ou qual dureza

Cborada foi de mais brandos pastores?

Androgeo immortal faz tua belleza,

Alcipo cborá, verte descuydada

De pagares taõ mal taõ bons amores.

Antonio Ferreira nas mesmas *Flores do Lima* escreve a Bernardes:

Bernardes, tu ó som do claro Lima

Inda por si mais claro, d'sombra fria,

A branca Nimfa, que te deu por guia,

Amor, fazes soar na doce rima.

E em quanto a cautas, flores mil de cima

Derrama Cytherea, hum louro cria

Pera as tuas fontes Febo, e em companhia

Doutros teu nome leva a outro clima.

Eu mudo, e triste, em lagrimas banhado,

A vida gasto, em esperar buã bora,

Que meu fado cruel n'está detendo,

Entaõ solto, entaõ livre, e a mi tornado

Teu doce som yria ao meu regendo,

Em tanto teu bem canta, e meu mal cborá.

Resposta de Bernardes :

Alcipo, huma dura, e cruel Lima
 Que no meu peito roe, noite, e dia,
 Destruê o som, que Febo dar sobia,
 Ao canto meu, qu' ao doce teu s'arrina.
 Tu, a quem elle mais ama, a quem amima,
 Tanto que com Urania, e com Talia,
 Ao seu Parnaso t'alça, e de ti fia
 Segredos, que mais ama, e mais estima.
 Como não cantas? tira esse cuidado
 Que tanto t'atromenta, d'alma fora,
 Que já onde desejas t'estou vendo:
 O choro seja meu, pois que forçado
 Me tem cá minba estrella, o Lima enchendo
 De queixas, e de lagrimas agora.

Ahi mesmo no Soneto XCVII affim celebra a Ferreira.

Ferreira, eu vi as claras, e fermosas
 Agoas do teu Mondego irem chorando
 As lembranças do tempo, que cantando
 Andavas nas suas praias saudosas:
 Não vi os brancos lirios, nem as rosas
 Vermelhas, que mostrava o campo, quando
 A Serra docemente bias chamando
 Com vozes namoradas, mas queixosas.
 Vi secos os censeiros, que já tantas
 Vezes queixar t'ouviram, vi o dia
 Escuro, a relva triste em toda a parte:
 Se nas agoas, no Sol, flores, e plantas,
 Vi tanta saudade, que feria,
 Deixando lá de mim a milhor parte?

E no Soneto XCIX o torna a louvar deste modo
 Crecey novos louveiros, pois as bellas
 Nimsas do meu Lima vos plantarão
 As vossas verdes ramas, qu' alcançarão
 Hum dom tamanbo subão ás estrellas.

*Não temão ventos, nerves, nem aquellas
Setas, que pera Jove se formáraõ,
Qu' os Ceos (que tudo podem) ordenárão
Que fossem (pera sempre) livres dellas.*

*Tanto crecey aqui nesta ribeira
Que mui cedo com vosco Febo possa
Coroar quatro spritos, que amo tanto:
Dous Andrades, hum Castilho, e hum Ferreira
Gloria das nove irmãs, honra da nossa
Lingoa, que s'enriquece com seu canto.*

E na Carta II do Lima, alludindo a quanto
moraes os discursos do nosso Poeta, pelos q
elle se regulava, lhe falla assim:

*Outros conselhos das na triste historia
Da triste Dona Ignes, outras lembranças
Dignas de fama cá, no Ceo de gloria.*

34 Entre os Epigrammas, que se consei
manuscriptos do illustre Poeta Pedro d'Andrade
minha, se achão estes, que vão aqui trasladade

A Antonio Ferreira:

*Embora meu Ferreira sejas vindo,
Que ja m'bia faltando a pobre vea,
E agora espero birme restituindo
Na tua sempre rica, e sempre bea.
Já me vay novo lume Febo abrindo,
Peraqu' em ti de novo aprenda, e lea,
Que em tua conversação leo, e aprendo
Quanto Ferreira fallo, escrevo, e entendo.*

Resposta de Antonio Ferreira:

*Pera ver-te, e ouvir-te só sou vindo,
E enriquecer em ti a pobre vea,
Em ti nos vay, Andrade, restituindo
Da sua agoa Hypocrene a fonte bea.
Eu com tua luz. bizei caminbo abrindo
O ingenbo, qu' a ti entenda, e lea,*

*Quem não sabe quanto á que de ti aprendo
S'alguma cousa escrevo, leo, e intendo.*

Da imitação de Antonio Ferreira.

*A imitação tem sua auctoridade
Em seguir só o antigo, e escolbido,
Ganha assi melhor nome, e gravidade,
E com razão lhe he mais louvor devido.
Mas s'alguem se igualar á antiguidade,
Porque imitado não será, e seguido?
Eu a só meu Ferreira sempre imito,
Igual em tudo a todo antigo espirito.*

Da Poesia do dito.

*Quix Apollo, e quixerão as irmãs nove
Formar bñan perfectissimo Poeta,
Que com louvor geral o Mundo aprove,
Cujo ingenho alta gloria lhe prometa,
Em quem o espirito antigo se renove,
De quem siem sua fonte mais secreta,
Formaraõ nesta idade só Ferreira
Da antiguidade imagem verdadeira.*

35 Antonio de Sousa de Macedo na Eva e Ave
Part. I cap. xxvi tambem o louva, dizendo: *Forão
exaltando a Poesia Antonio Ferreira, e Diogo Bernardes.*

O P. Antonio dos Reis no Enthusiasmo Poe-
tico o engrandece desta maneira:

Ferreira, Tagarrus

*Ximeniusque simul resident prope lucida Phebi
Scamna.*

O Eruditissimo Abbade Diogo Barbosa Macha-
do na Biblioth. Lusit. Tom. 1. pag. 272 diz, que
Antonio Ferreira no tempo, que na Academia de Coim-
bra começou a estudar Jurisprudencia, arrebatado da na-
tural inclinação á Poesia, não somente compunha nas bo-
ras vagas do estudo alguns versos, que já respiravão sua-
ve cadencia, e magestosa elegancia, mas incitava aos seus

40 VIDA DO DOUTOR ANTONIO FERREIRA

condiscipulos, a que lhe fossem emulos em tão divina arte. Por ella alcançou tão profunda veneração dos maiores alumnos do Parnaso, que, como a Príncipe desta faculdade, lhe mandarão as suas composições, para que polidas com a sua Lima, sabissem totalmente perfeitas ao theatro do Mundo.

Candido Lusitano no Discurso Preliminar á sua elegantissima traducção Portugueza da Poetica de Horacio, discorrendo judiciosamente sobre a necessidade, que ha de libertar do cativo da Rima algumas vezes a Poesia, corrobora o seu parecer, dizendo: *Entre nós tambem bouve este uso (do verso solto) em melhor seculo, não só em Dramas, como a Tragedia Castro do nosso Ferreira, mas em Poesia narrativa, como o naufragio do Sepulveda por Jeronymo Corre-Real.* E quando para illustrar alguns lugares de Horacio confronta com elles outros de Ferreira, o que repetidas vezes faz com igual delicadeza, que propriedade, he pela maior parte ajuntando ao seu nome os honorificos epithetos ou de *Judicioso*, ou de *Insigne*, ou alguma outra expressão de louvor, que suscite em quem ler alguma idéa ventajosa. É tanta he a estimação, que delle faz hum crítico tão intelligente, que quando na bella Dissertação anteposta á traducção igualmente bella da Athalia de Racine allega os motivos, por que lhe appropriou o verso solto, conclue, que além dos muitos exemplos, em que se fundára, *o do nosso insigne Ferreira (estas são as palavras) na sua Castro he para mim da maior excepção.*

DE D. FRANCISCO DE MOURA

A ANTONIO FERREIRA,
EM VIDA.

C Ante Apollo, Parnaço, Eurota foe
Ferreira sempre. Ferreira ás estrellas
Contenta: pois aos Ceos tal nome voc.
Chegaste, divino sprito, a entendellas.
Chegarão a t'entender ellas tambem.
Que querem mais de ti? que tu mais dellas?
Que quer o Mundo mais, que em si te tem?

DE JERONYMO CORTE-REAL.

C Oroadas de myrtho, e de verd'hera
Musas, Graças, e Venus, e os Amores
Num bosque nunca entrado de Pastores
Na primeira manhã da Primavera.
Huma coroa, de que se podera
O grande Apollo honrar, teciam de flores,
E banhada em sua fonte, em seus licores,
Quaes nunca a ninguem ver o tempo dera,
Este divino dom de mãos tecido
Divinas, a ti, Antonio, só guardamos,
Esperada luz nossa, e nossa gloria.
Pera ti neste Louro o penduramos
(No Louro isto escreviam) tam devido
A ti, quanto honrarás nossa memoria.

DE FRANCISCO DE SA DE MENEZES

NA MORTE DE ANTONIO FERREIRA.

S Prito, qu'entre os homés peregrino
Da tua patria andaste, em quanto a fria,
E escura idade nossa s'acendia
No fogo de que tu só foste dino,
Deixaste o mortal peso, e já divino
Nessa alta luz, e sempre claro dia,
Ergues tua voz em mais doce harmonia,
Cantádo ao Rey da Gloria immortal hyno,
Oh branco Cifne, que de doce canto
Encheffe est'ar, e com mais leves penas
Tornaste a esse Ceo, donde partiste
Por ti sempre os Amores farão pranto.
Por ti suspirarão sempre as Camenas.
Por ti será este campo sempre triste,



RIMEIRA PARTE
 DOS VERSOS
 DE
 TONIO FERREIRA
 A OS BONS INGENHOS.

Vós só canto spritos bem nascidos,
 A vós, e ás Mufas offereço a Lira:
 Ao Amor meus ays, e meus gemidos,
 Compostos do feu fogo, e da sua ira.
 Os peitos são, limpos ouvidos
 aõ meus versos, quaes me Phebo inspira.
 Esta gloria só fico contente,
 a minha terra amei, e a minha gente.

S O N E T O I.

Livro, se luz desejas, mal t'enganas.
 Quanto melhor será dentro em teu muro
 Quietos, e humilde estar, indaque escuro,
 Onde ninguém t'empêce, a ninguém danas!
 Sugeitas sempre ao tempo obras humanas
 Co' a novidade aprazem, logo em duro
 Odio, e desprezo ficam: ama o seguro
 Silencio, fuge o povo, e mãos profanas,
 Ah não te posso ter! deixa yr comprindo
 Primeiro tua idade; quem te move
 Te defenda do tempo, e de seus danos.
 Dirás que a pezar meu foste fugindo,
 Reynando Sebastião, Rey de quatro annos:
 Anno cincoenta e sete: eu vinte e nove.

II.

Aquella, cujo nome a meus escritos
 Que a meu amor dará melhor ventura,
 Toda virtude, toda fermosura,
 Qu'após si leva os olhos, e os spritos,
 Aquella branda em tudo, só aos gritos
 Meus furda, aspera ôs rogos, a Amor dura
 Podia c'um sorriso, huma brandura
 D'olhos curar meu mal, ornar meus ditos.
 Mas que dará de si hũa esteril vea?
 Hum desprezado amor? hũa cruel chãma?
 Senão desconcertado, e triste pranto?
 Quem de tristezas vive, só me lea:
 Cante a quem inspira Amor mais doce canto?
 Busco piedade só, não gloria, ou fama.

Eu

III.

EU não canto, mas choro; e vai chôrando
 Comigo Amor, de ter-me affi obrigado
 Em parte tal, que nem a elle he dado
 Valerm'em mais, que de yr-me consolando,
 Vay-me sempre ante os olhos figurando
 Aquella fermosura, em que enlevado
 Ha tanto que ando, e affi com meu cuidado
 Me vou trás ella em fim triste enganando.
 Mas não pôde sofrer tamanho engano
 Amor, que nos conhece, e de tal ver-me
 Foge, e me deixa só de pura mágoa.
 Olho-me então, e vejo o defengano:
 Afronta a alma cançada, e por valer-me,
 Desabaço desfeito em fogo, e em agoa.

IV.

SE eu podesse igualmente mostrar fóra;
 Ao menos do meu fogo hum rayo claro,
 Naquelle sprito acefo, puro, e raro,
 Que a estura terra aclara, os Ceos namora;
 Se as faudofas lagrymas, que chora
 Minh'alma após hum bem feu, que tão caro
 A fortuna lhe faz, e o tempo avaro,
 Em que já bem nenhum, nem razão mora.
 Sofreria, ó Amor, mais brandamente
 A força do teu vivo, e doce fogo,
 Que novamente em mim s'esconde, e cria.
 Choraria meu mal comigo a gente,
 E de pura piedade esperaria
 Ouvirem-me inda os Ceos meu santo rogo.

V.

DOs mais fermosos olhos, mais fermoso
 Rosto, qu'entre nós ha, do mais divino
 Lume, mais branca neve, ouro mais fino,
 Mais doce fala, riso mais gracioso:
 D'um Angelico ar, de hum amoroso
 Meneo, de hum sprito peregrino
 S'acendeo em mim o fogo, de qu'indino
 Me sinto, e tanto mais assi ditoso.
 Não cabe em mim tal bemaventurança.
 He pouco húa alma só, pouco húa vida,
 Quem tivesse que dar mais a tal fogo!
 Contente a alma dos olhos agoa lança
 Polo em si mais deter, mas he vencida
 Do doce ardor, que não obedece a rogo.

VI.

NAõ he minha tenção louvar aquella,
 Que entre todas na terra tal parece,
 Qual a fermosa Lua resplandece
 Junto da mais escura, e baixa estrella.
 Estes meus olhos, que poderão vella
 Guiados só do Amor, que a só conhece,
 (Que sem Amor ninguem vela merece)
 Dão verdadeira fé de quanto ha nella.
 Outro alto estado, outr'honra, outras riquezas,
 Outras graças em tudo differentes
 Das que vemos lhe deu quem tudo cria.
 Esta venham correndo ver as gentes,
 Nella veram dos Ceos novas grandezas,
 E nella para os Ceos caminho, e guia.

VII.

L Agrimas costumadas a correr-me.
 Quem vos pôde deter? sahi correndo
 Doces, e tristes: vão-vos todos vendo,
 Huns riam, outros chorem de tal ver-me:
 Onde poderei eu de mim esconder-me?
 Se quanto mais resisto, e me defendo,
 Então me venço mais, e vay crescendo
 A força, como posso defender-me?
 Quem meus olhos olhar, rindo, ou chorando,
 Sentirá nelles logo hum movimento
 D'algum sprito, que os lá rege, e manda.
Este chorar me faz, este cantando
 Me leva apôs meu mal, sem hum momento
 Esta alma livre ter do estado, em que anda.

VIII.

S'Erra minh'alma, em contemplar-vos tanto;
 E estes meus olhos tristes, em vos ver,
 S'erra meu amor grande, em não querer
 Crer que outra cousa ha hi de mor espanto,
 S'erra meu espirito, em levantar seu canto
 Em vós, e em vosso nome só escrever,
 S'erra minha vida, em assi viver
 Por vós continuamente em dor, e pranto.
 S'erra minha esperança, em se enganar
 Já tantas vezes, e assi enganada
 Tornar-se a seus enganos conhecidos,
 S'erra meu bom desejo, em confiar
 Que algũ'hora seram meus males cridos,
 Vós em meus erros só sereis culpada.

IX.

N Aó Tejo, Douro, Zezer, Minho, Odiana,
 Mondego, Tua, Avia, Vouga, Neiva, e Lima,
 Nem os que correm lá no Oriental clima
 Nilo, Indo, Gange, Eufrate, Hydaspes, e Tana:
 Não Pinho, Faya, Enzinho, Ulmo, Hera, ou Cana
 Nem doce suspirar em prosa, ou rima
 O fogo apagarão, qu'em mim de cima
 Do terceiro Ceo cae, e dos olhos mana.
 Qu'o Ceo outra vez s'abra, e o Mundo alague,
 Sopre de toda parte bravo vento,
 Ardendo m'estará meu fogo em meo.
 E eu morrerei, porque se não apague;
 Então de mór prazer, mór gloria cheo,
 Quanto mór parcer o meu tormento.

X.

P Arecerá, senhora, em outra idade
 Milagre grande, o que hoje todos vemos.
 Quem averá, que crea taes estremos
 D'amor, de fermosura, e crueldade?
 Algũs dirão: Se não fora verdade,
 Quem podera inventar isto, que lemos?
 E se tal foy, já agora não teremos
 Pagar-se bom amor mal, por novidade.
 Cada hum dará juizo sobre mim,
 Todos condenarão vossa aspereza
 Chorando minhas magoas, quando as lerem.
 Mas esta gloria só terey em fim,
 Que juntos nos lerão, e os que as crerem,
 Dirão: Igual ao amor foy a dureza.

XI.

M Ondego, tão soberbo vás da vista
 Da tua fermosa Nimpha, que parece
 Que quanto achas diante, se offerece
 Recolher-te, sem aver quem te resista.
 Que té o Oceano grande (que a conquista
 Nossa tem feito humilde) te obedece,
 D'ali te leva ao Indo, e s'engrandece
 O Gange, e Nilo, de que tua agoa he vista.
 Thetys com suas Nimphas t'acompanham,
 Por honra desta Nimpha em ti criada,
 E por todo seu Reyno a vão cantando.
 Estas tuas agoas rogo, em que se banham
 Os seus cabellos d'ouro, que cantada
 Seja por lá tambem a pena, em que ando.

XII.

Q Uando entoar começo com voz branda
 Vosso nome d'amor, doce, e suave,
 A terra, o mar, vento, agoa, flor, folha, ave
 Ao brando som s'alegra, move, e abranda.
 Nem nuvem cobre o Ceo, nem na gente anda
 Trabalho cuidado, ou peso grave,
 Nova cor toma o Sol, ou se erga, ou lave
 No claro Tejo, e nova luz nos manda.
 Tudo se ri, se alegra, e reverdece.
 Todo Mundo parece que renova.
 Nem ha triste planeta, ou dura sorte.
 A minh'alma só chora, e se entristece.
 Maravilha d'Amor cruel, e nova!
 O que a todos traz vida, a mim traz morte.

Nã

XIII.

NÃO aparece o Sol, triste está a terra :
 As nuvês carregadas, os Ceos tristes,
 Estes sinaes, que vós meus olhos vistes,
 O que mal vós promettem, ó que guerra!
 Aquelle Sol fermoso, que na Serra
 Nos fôe amanhecer, vós o encobristes :
 Parece que sentio que não dormistes,
 Esperando sua luz, quem vo-la encerra.
E por fazer-nos mal, o fez ao dia,
 Que queixando-se está deste mal nosso
 Em tempo, que tão mal lho merecia.
Eu não me queixarey, porque não posso,
 Nem doutro mayor mal me queixaria :
 Mas vós olhos choray, que isto he mais vosso.

XIV.

O Olhos, donde Amor suas frechas tira
 Contra mim, cuja luz m'espanta, e cega,
O olhos, onde Amor s'esconde, e prega
 As almas, e em pregando-as, se retira!
O olhos, onde Amor amor inspira,
 E amor promete a todos, e amor nega,
O olhos, onde Amor tambem s'emprega,
 Por quem tambem se chora, e se suspira!
O olhos, cujo fogo a neve fria
 Acende, e queima; ó olhos poderosos
 De dar à noite luz, e vida à morte!
Olhos por quem mais claro nasce o dia,
 Por quem são os meus olhos tão ditosos;
 Que de chorar por vós lhes coube em sorte!

XV.

O Nde está aquella imagem pura, e bella
 Artificio divino entre nós raro?
 Onde aquelle olhar brando, que tão caro
 Me foy? e o resplendor de hũa, e outra estrella
Quem a doce voz ouve? ah quem aquella
 Divina graça vê? onde o tão claro
 Fogo, que cá m'inflamma? onde o seu charo
 Thefouro esconde Amor, que só tem nella.
Fazer poderá ausencia que eu não veja
 Aquella viva imagem: não fará
 Que d'alma, onde anda escrita, se m'aparte.
Mas qual estrella, ou sorte me dará,
 Que pois em vão dali sair deseja,
 Abrande da dureza já algũa parte?

XVI.

BEm podeis vós, senhora, ajuntar fogo
 A este, que n'alma ardendo, aos olhos corre,
 Bem me podeis trazer em riso, e em jogo,
 Pois Amor contra vós ninguem focorre:
Bem vos podeis fazer surda a meu rogo,
 E a esta alma, que ante vós de si se corre,
 Bem me podeis tornar em cinza logo,
 Mas ficará o sprito, que não morre.
Este vos chama, e vê, e suspira, e chora,
 Este irá dando a vosso nome fama,
Qu'Amor me ajudará, que eu só não posso.
Não apagueis a luz da clara chama,
 Que de vós nasce, que virá algũ'hora,
 Qu'em minha morte choreis dano vosso.

XVII.

SE vós podesseis com desprezo, ou ira,
 Com abaixar os olhos, volver rosto,
 Crendo danar a gloria, e doce gosto
 Dest'alma, que vos vê, e em vão suspira,
Quebrar aquella força, que me tira
 De mim mesmo, e me faz estar lá posto
 Onde vos vejo sempre, já desposto
 Sofrer Amor, que em vão contra mim se ira,
Desculparia eu vossa crueldade,
 S'algũa dura estrella, ou triste sorte
 Mudar podesse minha grã firmeza;
Mas já que em vão, senhora, he tal dureza,
 E qu'em mim estareis semp'rem vida, e em morte,
 Ao menos não estejais contra vontade.

XVIII.

HUns olhos, que ao Sol claro, á Lua, ao Norte,
 Seu lume tiram, e onde resplandece
 Huma divina luz, que ós qu'apparece,
 Faz no perigo não temer a morte:
Hús crespos laços de ouro, que o mais forte
 Atam, e prendem, de que se enriquece
 Amor, e foge, porque não empece
 Nelles, temendo algũa dura sorte;
Riso, que em riso converte meu pranto,
 Sprito, que em mim todo bem inspira
 Ferosura no Mundo nunca achada
São a só causa, porque assi suspira
 Minha alma em vão, e porque em doce canto
 Antes será desfeita, que cansada.

XIX.

D Onde tomou Amor, e de qual vea
 O ouro tam fino, e puro para aquellas
 Tranças louras? de que esphera, ou estrellas
 A luz, e o fogo que assi em mim se atea?
D onde as perlas: a voz de que serea?
 Os brancos lyrios donde, e as rosas bellas,
 Aquelle vivo sprito pondo nellas,
 De que formou hũa nova ao Mundo idea?
Antes a neve, a alvura, a cor as rosas
 Do feu rosto tomaram, e a harmonia
 As aves da voz doce, suave, e branda.
Não são ante ella as estrellas mais fermosas.
 Nem mais sereno o Ceo, ou claro dia.
 Nem mais fermoso o Sol na sua esphera anda:

XX.

S Ae minha alma as vezes a buscar-vos
 Tão apressadamente, que aparece
 Que algũa estrella a força, e se offerce
 Encaminhala lá, onde possa achar-vos.
Mas quando vos não vê, e vê que deixar-vos
 De buscar lhe he forçado, assi esmorece,
 Que quando Amor já acode, a não conhece,
 Senão pelos sinaes, que traz de amar-vos.
E no tempo, em que está mais descuidada
 No perigo inda, em que se vio, cuidando,
 Então subitamente a salteais.
Quereila andar, senhora, assi enganando,
 Para que viva; e assi vive enganada:
 Assi entre morte, e vida a sustentais.

Quem

XXI.

Quem vio neve queimar? quem vio tão frio
 Hum fogo, de que eu arço? quem chegando
 A morte vivo, e ledo estar cantando?

Parece quanto digo desvario.

Dize-o tu Mondego manso rio,

Que m'ouves, qu'o vês, e o vás chorando:

Digam-no tuas Nymphas, qu'escuitando

Meus segredos estão, qu'eu dellas fio.

E Amor, que aqui está, fabe a verdade,

Que nesta agoa tam fria está acendendo

O fogo de meus olhos distilado.

Tristes lagrimas minhas, que correndo,

Mais o peito arde, quando piedade

Terão hús olhos deste triste estado?

XXII.

Sol, que já tantas voltas aos Ceos deste,
 E de todas me viste estar chorando,

Faze que este teu lume, que tomando

Vas d'outra luz, qual nunca cá tiveste.

Minhas lagrymas seque; se foubeste

Algũ'hora ser triste, e chorar, quando

Aquelle amado teu Louro abraçando,

Tornar-lhe sua fórma não podeste.

Ab Phebo, qu'inda tu da dura terra

Abrandar tua planta a ti podias,

Inda com doces lagrymas regala.

Eu como abrandarey húa dura Serra,

Por quem as noites choro, choro os dias,

E não m'ouve, nem vê, nem crê, nem fala?

Quan-

XXIII.

QUANTAS vezes Amor comigo, cheo
 De nova maravilha já de hum posto
 Se poem a olhar aquella, em cujo rosto,
 Em cujos olhos o que escrevo, leo!
Vês, diz, que fermosura? que meneo?
 Que doce riso? que estar tão composto?
 Qu'ouro, que neve, e lume, ante quem posto
 Do Sol o rayo fica escuro, e feo?
Olha com que brandura os olhos vira!
 Com que graça os abaixa, e os levanta
 Ricos de mil despojos, mil victorias!
Que effeitos faz! que sprito não aspira
 A deixar cá de si claras historias
 Movido só de fermosura tanta?

XXIIII.

EM quanto folto ao Sol brando ar movia
 Oouro, que Amor de sua mão fia, e tece,
 D'amorosos spritos o ar se enchia,
 De que amor doce em toda a parte crece.
Hum lhe dava o nó crespo, outro tecia
 Laços, em que toda alma livre empece,
Outro o soltava ao vento, e parecia
 Deceer então o Sol mais do que dece.
Namorava-se o claro Sol da terra,
 Hia crescendo o dia mais fermoso,
 Minh'alma de si mesma estava fóra.
Mas recolhendo o Amor, eis que se cerra
 Triste o Ceo, escuro o dia, o Sol queixoso,
E minh'alma dali sempre em vão chora.

XXV.

- O** Cabellos d'Amor rico thefouro,
De que s'arma, guerra, vence, e mata,
Cabellos, com que Amor, os que vence, ata,
E triumphando vay com palma, e louro.
- O** Cabellos, com que feu arco d'ouro
O Amor encordoa, e desbarata
Quanto acha diante, e se o vento os desfata
Dá nova vida ao Mundo, e eu arço, e mouro.
- Cabellos, em que Amor nasceo, e se cria,
De que mil redes tece, laços mil,
E almas mil em cada laço prende:
- Cabellos, que o ouro fazem baixo, e vil,
Com que inda o Sol mais clara luz daria,
De cada hum de vós minha alma pende.

XXVI.

- A** H porque não posso eu em prosa, ou rima
Tão alto levantar o brando nome,
Que em toda praya estranha, estranho clima
Brandura a fera gente delle tome?
- Com que eu batendo as asas vá por cima
Da baixa inveja, e assi a vença, e dome,
Que em vão seus dentes quebre, e dura lima,
Em vão louvor esconda, erros affome?
- Mas pois não basta o sprito a empresa tanta,
Bastar devia ao menos aqueixar-se
Esta lingua em meu mal só fria, e muda.
- Assi a clara vista me ata, e espanta,
Que quando della espero mór ajuda,
Então a vejo em dano meu calar-se.

XXVII.

Muitas vezes quisera (tal me vejo)
 Não ser nascido, ou não ter visto aquella,
 Porque assi mouro, quando espero vella,
 Como de a não ver, quando desejo.
Mas logo torno, e m'envergonho, e pejo
 Do meu mesmo erro; a culpa he tua, ou della
 Amor cruel, que em amalla, e temella
 Se converte em fim sempre alma, e desejo.
Mais quero assi viver, que qual vivêra
 Sem ter visto, o que vi; ditosa sorte,
 Quando olhos meus tão altamente olhastes!
Perdido fora, se me não perdêra,
 Que inda que mouro, bem comprada morte,
 Por esta gloria, que me vós mostrastes.

XXVIII.

OFogo, qu'em meu seo guardo, e crio,
 Hora tam docemente a alma m'inflâma,
 Que co a brandura da sua doce châma
 O seu mais vivo ardor se me faz frio.
Hora de tristes lagrimas hum rio
 Dos olhos, porque entrou o Amor, derrama,
 Ao som das quaes a lingua canta, e chama
 Aquella por quem choro, e por quem rio.
Cresce o fogo no peito, crescem'agoa
 Nos olhos; a voz cansa, o sprito voa
 Apôs quem traz em só fugir-me o tento.
Ella me vê; eu de fogo hũa viva fragoa.
 Chora Amor, e fortuna meu tormento,
 E em vão meu grito em seus ouvidos soa.

XXIX.

O Nde quer qu'eu esteja, onde me vire,
 Ou dia, ou noite, ou só, ou entre a gente
 Aquella fermosura me he presente,
 Por quem me manda Amor, qu'em vão suspir
Ou corra agoa, bulla herva, ar brando espire
 Na flor, no Ceo, na Lua, no Oriente,
 Sol roxo na alva aurora, e na luzente
 Branda estrella de Amor, qu'amor lh'inspire.
Ali a vejo, ali se me affigura:
 Mas mais em neve, ou fogo, ou na aspreza
 De hũa rocha, ou nũa onda furiosa.
No rosto amor, no peito traz dureza:
 Não sey se mais fermosa, se mais dura;
 Ah bem dura he, porém bem he fermosa.

XXX.

E Ste peito, que está de fogo cheo,
 Como aos olhos me vay tanta agoa dando?
 Ou como a não pod'ella yr apagando?
 Que segredo d'Amor, que novo enleo?
Eu que o padeço só, o entendo, e creio.
 Está Amor com agoa o fogo temperando,
 Hum contrario com outro sustentando,
 E entre duas mortes huma vida em meo.
Desta arte uia Amor com quem está quedo,
 Vendo o bem, que deseja; mas quem parte
 A alma, partindo donde deixa a vida,
Ou em cinza o fará o fogo cedo,
 Ou em lagrimas a alma derretida
 Vencerá sua pena, e do Amor arte.

XXXI.

EM dia escuro, e triste fui lançado
 Dos Ceos na terra tam pesadamente,
 Que vendo ao longe o sprito o mal presente,
 Eu logo de mim mesmo fuy chorado.
 Em lagrymas nasci, a ellas fui dado:
 Nellas passei minha idade innocente.
 Tanto ha, que historia triste sou a gente!
 Tanto ha, qu'o Ceo espero ver mudado!
 Hum grande bem a quem não custou muito?
 A quem foy dada tão ditosa sorte,
 A que o mal não coubesse por medida?
 Não eram minhas lagrymas sem fruto,
 Pois por vós eram, nem o será a morte,
 Que mais doce he por vós, que sem vós vida.

XXXII.

SE meu desejo só he sempre ver-vos,
 Que causará, senhora, qu'em vos vendo,
 Assim m'encolho logo, e arrependo,
 Que folgaria então poder esquecer-vos?
 Se minha gloria só he sempre ter-vos
 No pensamento meu, porque em querendo
 Cuidar em vós, se vay entristecendo?
 Nem ousa meu sprito em si deter-vos?
 Se por vós só a vida estimo, e quero,
 Como por vós a morte só desejo?
 Quem achará em taes contrarios meo?
 Não sey entender o que em mim mesmo vejo.
 Mas que tudo he amor, entendo, e creio,
 E no qu'entendo, e creio, nisso espero.

Eu

XXXIII.

EU vi em vossos olhos novo lume,
 Qu'apartando dos meus a nevoa escura;
 Viram outra escondida fermosura,
 Fóra da forte, e do geral costume.
 Em vão seu arco Amor armar presume:
 Que esse alto sprito, essa constancia dura
 A outro mais alto Amor guarda a fé pura,
 Em mais divino fogo se consume.
 Nesta desconfiança inda s'acende,
 Em mim hum vão desejo de aprazer-vos,
 E pera isso só busco ingenho, e arte.
 Senhora que al fará quem chega a ver-vos
 (Já qu'o desejo a mais fenão estende)
 Que dar-vos de su'alma toda parte?

XXXIIII.

DOce Amor novo meu tambem tomado,
 Quando será o tam ditoso dia,
 Que dos enganos livre em que vivia,
 Me veja em ti de todo sossegado?
 Quando será, que tendo triumphado
 Do que tam cegamente me vencia,
 O mal, que tanto d'antes me aprazia,
 Em verdadeiro bem veja mudado?
 Amor doce, qu'em mim de novo crias
 Novo desejo, novo sprito, e santo
 Illustrado de hum novo lume raro;
 Guia-me áquelle fim, que m'escondias,
 Muda esta minha noite em dia claro,
 Levantarey em teu nome alegre canto.

XXXV.

NÃO lagrymas fingidas, não de cores
 Falsas o rosto tinto, não cortadas
 As palavras por arte, nem pintadas
 Em versos ingenhosos falsas dores,
 Nem nomes vaos do Amor, e dos Amores,
 Nem mágoas da só boca bem choradas,
 Nem leves esperanças mal tomadas,
 Nem apos fogos vaos, mil vaos tremores,
 Mas verdadeiro, puro, casto, e santo
 Amor cantando vou, qual n'alma escondo,
 Qual o Mundo terá por seu exemplo.
 E aquelle raro sprito, qu'eu contemplo,
 Levantando me irá meu baixo canto,
 Limando o rude, e no que falta, pondo:

XXXVI.

QUando vos vi, senhora, vi tão alto
 Estar meu bem, que logo ali em vos vendo,
 O achei juntamente, e fuy perdendo,
 Ficando num momento rico, e falto.
 E tal foy de vos ver o sobrefalto,
 Qu'os olhos outra vez a vós erguendo,
 Senti a vista, e sprito yr falecendo,
 Quando me olhei, e vi posto não alto.
 Ficou de sua prisão a alma tão Jeda,
 E os olhos de vos verem tão soberbos,
 Que toda outra cousa desprezárão.
 Não os tenho já mais, que pera ver-vos.
 Tudo mais lhes defende Amor, e veda.
 E elles que al verão, pois vos olhãram?

XXXVII.

V Alles, ferras, e montes, bosques, prados,
 Arvores, hervas, sombras, folhas, flores,
 Aves, agoas, e Nimphas, e Pastores,
 Que do meu claro Sol fois illustrados,
 Em meus versos fereis sempre cantados.
 Sempre das Musas, sempre dos amores
 Ouvireis o som doce nos louvores
 D'aquella, que venceo estrellas, e fados.
 Eu digo aquella ao Mundo dos Ceos dada,
 Exemplo de sanctissimos costumes,
 Rara em saber, e rara em fermosura,
 Que com a luz dos seus dous claros lumes
 Minh'alma me illustrou, dantes escura,
 Dina de em toda lingua ser cantada.

XXXVIII.

Q Uando eu vejo sair a menham clara
 Nos olhos dia, as faces neve, e rosas,
 Afugentando a sombra, qu'as fermosas
 Cores do campo, e Ceo d'antes roubára;
E quando a branca Delia a noite aclara,
 E traz nos brancos cornos as lumiosas
 Estrellas, serenando as tempestosas
 Nuvés, qu'o grosso humor nos Ceos juntára;
 Tal he, digo comigo, a clara estrella,
 Que minh'alma me encheo doutra luz nova,
 E meus olhos abriu ao que não viam.
 Assi me leva a vida, e ma renova,
 Assi as vãs sombras, que antes m'escondiam
 O claro Ceo, fugindo vão ante ella.

XXXIX.

V Ay minh'alma cansada a vós, buscando,
 Como de tempestade, hum porto manso,
 E acha em vossos olhos seu descanso,
 Onde está ardendo em fogo doce, e brando.
 Ali todo meu bem se me está dando,
 Ali vivo, me estendo, ali descanso,
 Nem me doe dor, nem no trabalho canso,
 Ali meus dias lédo estou contando.
 Cantada seja sempre a ditosa hora,
 Que se acendeo em mim tam doce fogo,
 Que então deleita mais, quando mais arde.
 Ouvido foi dos Ceos meu sancto rogo:
 Mais pois mais piedade inda lá mora,
 Dure est'amor, e junto acabe tarde,

XL.

T Em m'Amor preso em húas redes d'ouro,
 Mais que as de Vulcano artificiosas,
 Que quanto mais estreitas, mais forçosas,
 Mais docemente nellas vivo, e mouro.
 Achej, onde perdi me, o meu thesouro;
 E vi minhas cadêas tão fermosas,
 Que inveja estão fazendo ás gloriosas
 Coroas triumphaes de Palma, e Louro.
 Triumphem lá os grandes vencedores,
 Mostrem inimigos mortos, outros vivos,
 Cheos soberbamente de sua fama:
 Eu os meus olhos de vós só cativos,
 Eu as minhas prisões, e a minha chãma,
 Eu mostrarei ao Mundo os meus amores.

XLI.

DEs pois qu'o meu sprito, então só claro;
 Quando enxergou em vós o fogo puro,
 Em que docemente arde, em tanto escuro,
 Soube assi descobrir dos Ceos hum pharo;
 Des pois que nesse sprito ao Mundo raro
 O meu se transformou, e o cego, e duro
 Tyranno, que me vio posto em seguro,
 Deixou armas, e Reyno em desempáro,
 Eu fiquei tam soberbo triumphando,
 Que facodido o jugo, as prisoês rotas,
 Gritei a grandes vozes: liberdade.
 Aqui de vontade arço em fogo brando,
 Aqui está bom amor, aqui verdade.
 Aqui ficam do imigo as armas botas.

XLII.

DAquella vista, de que se mantinham
 Meus olhos, e minh'alma assi apartado,
 Nem o dourado Sol, nem o Ceo estrellado
 Tem pera mim a graça, qu'antes tinham.
 Aquelles meus amores, que hiam, e vinham
 Repartindo seu fogo em cada lado,
 De qu'o meu novo amor, doce cuidado
 Em prazer amoroso se fofstinham,
 E aquella tam viva fermosura,
 De que os meus olhos lá senão fartavam,
 E alma enchia d'amor, e de brandura,
 E quanto de meus bês cá me figura
 Minha doce lembrança, e me lá davam
 Vida contente, me dão morte dura.

XLIII.

TEjo triumphador do claro Oriente,
 Que Nilo, e Ganges por senhor conhecem,
 Téjo de areas d'ouro, onde florecem
 Pales, Pomona, e Flora eternamente;
 Tu levas, onde eu fico, tua corrente,
 Se saudosas lagrymas merecem
 (Pois tanto com ellas tuas agoas crecem)
 Piedade, em ti as recolhe brandamente:
 E antes qu'ao mar pagues seu direito,
 A destra mão da tua praya hum monte
 Com graciosa soberba se levanta;
 Ali fiquei ao meu amor sugeito.
 Ali tuas agoas parte, e mostra tanta
 Destes meus olhos, quanta da tua fonte.

XLIIII.

OS dias conto, e cada hora, e momento,
 Qu'alongando-me vou dos meus amores,
 Nas arvores, nas pedras, hervas, flores
 Parece que acho mágoa, e sentimento.
 As aves, que no ar voam, o Sol, e o vento,
 Montes, rios, e gados, e Pastores,
 As estradas, e os campos mostram as dores
 Da minha saudade, e apartamento.
 E quanto m'era lá doce, e suave
 Mais triste, e duro Amor cá mo apresenta,
 A que entreguei da minha vida a chave.
 Em lagrymas força he qu'as faces lave,
 Ou que não sinta a dor, que na tormenta
 Memoria da bonança faz mais grave.

XLV.

A Quellas olhos, qu'eu deixei chorando,
 Cujas fermosas lagrymas bebia
 Amor, com as suas tendo companhia,
 Ante os meus se me vão representando.
 Os saudosos suspiros, qu'arrancando
 Duas almas, em qu'húa troca Amor fazia
 Qu'a que ficava, era a que partia,
 E a que hia, a ficava acompanhando,
 Aquellas brandas, mal pronunciadas
 Palavras da saudosa despedida
 Entre lagrymas rotas, e quebradas,
 E aquellas alegrias esperadas
 Da boa tornada, já antes da partida,
 Vivas as trago, não representadas.

XLVI.

A Ti torno, Mondego claro rio,
 Com outr'alma, outros olhos, e outra
 Que foy de tanta lagryma perdida,
 Quanta em ti me levou hum desvario?
 Quando eu co rosto descolorado, e frio
 Soltava a voz chorosa, e nunca ouvida
 Daquellâ mais que Serra endurecida,
 A cuja lembrança inda tremo, e esfrio.
 Doc'engano d'Amor! que m'escondia
 Debaixo de vãs sombras, que passáram
 Outro ditoso fim, qu'alma já via.
 Já á minha noite amanheceo hum dia,
 Já fim os olhos, que tanto choráram;
 Já repouso em boa paz, boa alegria.

XLVII.

EU vejo inda aqui os sinaes das agoas,
 Que minh'alma estilou em vivo fogo,
 Quando eu trazido ao vento em leve jogo
 Fazia soar ao longe minhas mágoas.
 Inda o ardor daquellas vivas fragoas,
 Inda a dureza ao piadoso rogo
 Se me figura, e vejo do meu fogo
 Acesas yr correndo as manhas agoas.
 Inda daquelles tristes meus gemidos
 Húa voz ficou de todo não desfeita,
 Sendo a cinza do fogo já apagada.
 Mercê de Deos! que húa alma tão fogueita
 A váos cuidados, dias tam perdidos,
 Refez núa hora bemaventurada.

XLVIII.

QUando se envolve o Ceo, o dia escurece,
 Assopra o bravo vento, o alto mar geme,
 O Sol se nos esconde, a terra treme,
 Trovoa a noite, o rayo resplandece,
 Eu olho áquella parte, onde esclarece
 Hum Sol, qu'eu vejo só, e elle só vê-me,
 E com sua luz, em quanto o Mundo teme,
 De lá m'alegra o sprito, e fortalece.
 Meu perpetuo verão, meu claro Oriente,
 Donde o dia me vem, donde douradas
 Vejo as nuvês correr, os Ceos fermosos!
 Ditosas aves, a que foram dadas
 Pennas, ditosa a terra, a que he presente
 A luz destes meus olhos saudosos!

XLIX.

Vou de suspiros todo est'ar enchendo,
 Vou a terra de lagrymas regando,
 Mais agoa aos rios, mais ás fontes dando,
 E com meu fogo em tudo fogo acendo.
E quando os olhos meus, senhora, estendo
 Para onde o Amor, e vós m'estais chamando
 As altas serras, em qu'os vou quebrando,
 Da vista me tolher s'estão doendo.
Mas nisto acode Amor, que sempre voa;
 Eu pelas asas, eu pelo arco o tenho,
 Té me levar consigo onde desejo.
E jurarey, senhora, que vos vejo.
 Jurarey qu'essa doce voz me foa:
 Nesta imaginação só me sostenho,

L.

Assi da fonte cristalina, e pura,
 Meu Rio, a tua clara agoa a vea enchendo
 Sempre igual, sempre doce, e sem mistura
 Que a turve, té o mar largo vá correndo,
Assi canto de Amor, e de brandura
 Sempre squi o caminhante esté detendo,
 Em ti se banhe, e pise tua verdura
 Marilia, e as brancas flores vá colhendo;
Que as lagrymas saudosas, que derramo,
 Num vidro de cristal, contra corrente,
 Que trazes, mandes lá a tua fresca praya.
E á mais branca tua, Nimpha as apresente
 Nas brancas mãos, de quem me ama, e an
 (Isto cortava Alcippo nua alta Faya)

LI.

QUANTOS suspiros, triste, e quam compridos
 Ardendo vejo vir dentro a meu peito
 Daquella doce parte, onde eu desfeito
 Em lagrymas fiquey todo, e em gemidos!
 Vereis em agoa hús olhos consumidos
 Messageiros de Amor não contrafeito,
 A alma achareis lá, se do direito
 Caminho, não viestes mal perdidos.
 Tornai-vos pois áquelle doce abrigo
 Do meu amor, donde assi em vão partistes,
 Ficando eu escondido lá em seu seo:
 E dizei-lhe: Senhora, hús olhos tristes
 Vimos lá só chorar, sem fim, sem meo:
 Cá o tendes, cá buscay o vosso amigo.

LII.

A Legra-me, e entristece a Real Cidade,
 Qu'o Douro réga, e meus Sás ennobrecem
 Com as armas, e tropheos, que resplandecem,
 E resplandecerão em toda idade.
 Isto me alegra. E faz-me saudade
 Ver a ditosa terra, em que apparecem
 As rayzes de húa planta, em que florecem
 Ferosura, saber, e alta bondade.
 Aqui o tronco nasceo, que em toda parte
 Deu gloriosos ramos de honra, e gloria
 Nas armas, e esquadrões do fero Marte.
 E por mais se illustrar sua clara historia,
 Daqui nasceo húa Dama, em que tod'arte
 O Ceo pôs, eu vontade, alma, e memoria.

LIII.

QUando será que eu torne a ter diante
 Destes meus olhos o seu doce obgeito,
 A quem hum honesto Amor me fez fogeito
 E qu'eu ante ella escreva, ant'ella cante?
 Nem tu, Amor, es composto de diamante.
 Nem eu de pedra tenho este meu peito,
 Que perto está d'em agoa ser desfeito,
 Se sprito algum não ha, que mo levante.
 Representas-me, Amor, as mais fermosas
 Lagrimas, antes perlas, que tu viste
 Sayr de hūs olhos de chorar indinos.
 Qu'armas me dás tu, com que as forçosas
 Lembranças vencer possa, e os tam continos
 Golpes mortaes, que ferem húa alma triste!

LIIII.

SE com vos vêr, senhora, assi lá ardia,
 Que com quanto essa vista m'abrandava
 Meu fogo, as mais das vezes esperava
 A morte, qu'ante vós de mim fugia;
Quanto pois contra vós cá erraria,
 Se a vida, qu'eu pera vos vêr guardava.
 E nesse doc'engano sustentava,
 Poderse, sem vos vêr, foster hum dia!
Tormento aos olhos he vêr outra cousa:
 Baixeza ao sprito ter outro cuidado;
 Nem mais desejar sabe, nem deseja.
Faç a fortuna bemaventurado
 O cobizofo, qu'em nada repousa,
 Eu, se vos não vir, moura, ou logo veja.

LV.

A Que alçarei os olhos, pois não vejo
 Aquelles olhos, de que eu só vivia?
 Onde leda minh'alma se estendia,
 E onde repousava o meu desejo.
 La vay meu sprito ardendo, agoas do Téjo,
 O triste corpo fica pedra fria,
 (Quanta tristeza custa hũa alegria!)
 Té me tornar o dia que eu desejo.
 Em tanto nestes valles, nestes montes
 Tam longas noites, e tão tristes dias,
 Cresceráo com meu choro hervas, e flores.
 Quando olhos meus, olhos não já, mas fontes
 Tornareis vêr as vossas alegrias?
 Quando est'alma enchereis de seus amores?

LVI.

DO que em vós vi, senhora, me presenta
 Amor hũa imagem nova, e peregrina,
 De cuja luz guiado o sprito atina.
 Saber-se cá salvar na sua tormenta.
 E os perigos vencer, com que me tenta
 A ausencia dessa vista, e voz divina,
 Claros sinaes de hũa alma dos Ceos dina,
 Que tanto delles cá nos representa!
 Escureceo me o Sol, fugio-me o dia,
 Vencia já o espanto ao fraco sprito,
 Vendo os perigos, qu'eu já lá temia.
 Alcey a Amor hum piadoso grito:
 Elle me pôs em salvo, e deu por gula
 Quanto de vós deixou nest'alma escrito.

LVII.

QUando eu os olhos ergo áquella parte,
 Onde o meu novo Sol o dia aclara,
 E me vejo tam longe da luz clara,
 Que resplandece em mais ditosa parte,
A alma faudosa se m'arranca, e parte
 Lá onde a terra mais fermosa, e clara,
 Mais sereno o Ceo faz a vista clara,
 De que meu fado triste, e cruel me parte.
Cansam os olhos, fica só o desejo
 Entre altas ferras, onde deixo escrito
 Em cada pedra, ou tronco o vossó nome.
Ali ou vêr-vos, ou morrer desejo.
 Isto canta meu verso, e meu escrito.
 Nem quero outra memoria, ou outro nome.

LVIII.

QUando eu os olhos ergo áquelle rosto,
 Que faz á minha dor alegr'engano,
 Ditosa chamo a hora, o dia, e o ano,
 Que como cera estou ao fogo posto.
Não mortal, não de humana arte composto,
 Nem he humana voz, né sprito humano
 Isto, que eu ouço, e vejo, e do feu dano
 Fica a alma namorada á dor do gosto.
Aquelle só momento, aquelle ponto,
 Que mais mouro, mais vivo: e aquelle dia
 Da minha morte só na-vida conto.
Oh meu só bem! ó minha só alegria;
 Se assi durasses! tudo tem feu conto,
A vida foge, a morte esta em espia.

S O N E T O I.

N Imphas do claro Almonda, em cujo. seo
 Nasceo, e se criou a alma divina,
 Qu'hú tempo andou dos Ceos cá peregrina,
 Já lá tornou mais rica, do que veo;
 Maria, da virtude firme esteo,
 Alma sancta, Real, de imperio dina
 A baixeza deixou, de qu'era indina,
 Ficou sem ella o Mundo escuro, e feo.
 Nimphas, que tam pouco ha, qu'os bós amores
 Nossos cantastes cheas de alegria,
 Chorai a vossa perda, e minha mágoa.
 Não se cante entre vós já, nem se ria,
 Nem dê o monte herva, nem o prado flores,
 Nem dessa fonte mais corra clara agoa.

II.

O Alma pura, em quanto cá vivias,
 Alma lá onde vives já mais pura,
 Porque me desprezaste? quem tam dura
 Te tornou ao amor, que me devias?
 Isto era, o que mil vezes promettias,
 Em que minh'alma estava tam segura,
 Que ambos juntos húa hora desta escura
 Noite nos soberia aos claros dias?
 Como em tam triste carcer me deixaste?
 Como pude eu sem mim deixar partir-te?
 Como vive este corpo sem sua alma?
 Ah que o caminho tu bem mo mostraste,
 Porque correste a gloriosa palma!
 Triste de quem não mereceo seguir-te.

VII.

HUm tempo chorei-lêdo co a esperança
 Doce, qu' o brando Amor de si me dava,
 E quanto mais gemia, e suspirava,
 Mór era a minha bemaventurança.
 Agora nesta triste, e cruel mudança,
 Com que a morte de longe m'ameaçava,
 O meu prazer perdi, que bem lograva,
 Suspiro em vão polo que não s'alcança.
 Lagrymas bem choradas, bem devidas
 Ao desejo do bem, qu'inda que tarde,
 Sostenta o sprito com seu doc'engano!
 Mas tristiffimas lagrymas perdidas
 Tras hum bem, que fugio, e tras hum dano,
 Que remedio não deixa ou cedo, ou tarde!

VIII.

Quem póde ver hum coração tam triste?
 Quem hũa vida, que ha inveja á morte,
 Que se não doa, por mais duro, e forte,
 Do que tu (Morte) em mim fizeste, e viste?
 Se nunca o Amor t'offende, nem resiste,
 Antes desejam sempre hũa igual forte
 Os que bem se amam, e qu'hũ golpe os corte,
 Porque hum tam doce amor, cruel, partiste?
 Mas tu não poderás, por mais que possas,
 Partir as almas, e os pensamentos,
 Qu' onde querem, se vem, s'amam, s'entendem,
 Triumpha agora destas cinzas nossas,
 Qu'inda juntas ao sprito altos assentos
 Terão, onde tuas forças não s'estendam.

Com

I X.

CO alma nos Ceos pronta, o sprito inteiro,
 Leve o sembrante, a vista graciosa,
 Aquella, antes da morte, já gloriosa
 Esperava o combate derradeiro.
 De sancta fé armada, e verdadeiro
 Amor divino, venceo a espantosa
 Morte, que nella pareceo fermosa,
 E nova estrella a fez no Ceo terceiro.
 E tomando-me a mão leda, e risonha
 Meu doce amigo (diz) vinda he minh' hora,
 Quem nos affi cá atou, soltou o nó.
 Quem mais cuida que vive, esse mais sonha.
 Lá onde se não geme, nem se chora,
 T'amara mais est'alma, o corpo he pó.

X.

Qual bom Planeta, qual boa estrella, ou sino
 Invocarei? qual sprito piadoso,
 Que incurte este desterro saudoso,
 Que me faz ser no Mundo peregrino?
 Onde eu os olhos claros, e o divino
 Rosto via, onde ouvia o deleitoso
 Som da voz branda, qu'em tão amoroso
 Fogo m'inflamma, de qu'eu só fui dino,
 Ali he minha vida, e a minha terra.
 Ali se satisfaz alma, e desejo.
 Ali todo meu bem se m'offerece.
 Em toda outra parte acho odio, e guerra.
 Em toda a parte o Sol se m'escurece.
 E fogo, e morte vejo, em quanto vejo.

XI.

E Stas cinzas aqui chorando encerra
 (Amor) d'hũa chãma , que cá ardeo mais pur
 Num peito humano , a que foi tam dura
 A Morte , qu'ante tempo lhe fez guerra.
Cega , e cruel ! que contra si mesma erra.
 Quando apagar cuidou a fermosura
 Do Mundo , então a parte mais segura
 A subio , donde mais aclara a terra.
Quem vir estes despojos faudosos
 Do triste Alcippo , pera sempre triste ,
 Lagrymas , e suspiros daqui leve.
E sejam , diga , a Alcipo os Ceos piadosos:
 Seja ao fermoso corpo a terra leve.
 Tu dá do sprito ao Mundo a fé , que viste

DE D. SIMAM DA SYLVEIRA.

XII.

S Epultado em tristeza , em dor , em pranto ,
 Esquecido das Musas , e de ti
 Te vejo sem alegria estar assi ,
 Como aquelle , a que deu pasmo , e espanto.
Vejo a casa , em que estás , de cada canto
 Tremer , vejo-a chorar , vejo daqui
 Esse rio , esse monte , o Ceo por ti
 Cuberto estar de negro , e escuro manto.
Não reyne , Antonio , em ti tal defatino.
 Deixa lagrymas vãs , poem fim ás dores ,
 Asserena o sembrante , triste , e escuro.
Enche teu peito suave , e peregrino
 D'outro desejo mais saõ , d'outros amores ,
 Com que em ti , sem temer , vivas seguro.

A D. SIMAM DA SYLVEIRA.

XIII.

DEsfeito o sprito em vento, o corpo em pranto,
 Tam poderosamente fui de ti
 Chamado, que tornei, Simão, affi
 Como da morte á vida, em novo espanto.
 Ergueste; doce Orpheo, co teu bom canto
 Hum sprito morto, a cujo som daqui
 S'alçou todo ar escuro, e só por ti
 Rompi d'alta tristeza o gressô manto.
 Foi remedio a meu mal, meu desatino:
 Fugio o juizo, deu lugar as dores,
 Que já me tinham junto ao reyno escuro.
 Andou o sprito hum tempo peregrino
 Buscando entre vãs sombras seus amores,
 Tu mo tornaste agora em bom seguro.

XIIII.

VAy novo Sol esclarecer o dia
 Lá onde elle s'esconde, e s'escurece,
 Vay nova Lua lá, onde anoitece,
 Dar luz á terra, e aos olhos alegria.
 Vay branca Diana com tua companhia,
 A cuja vista o campo reverdece,
 Dar novo preço á terra, qu'enriquece
 Contigo, e pera ti suas flores cria.
 Esperando t'está o dourado Téjo,
 E suas fermosas Nimphas, que temperam
 Nos teus louvores, os seus instrumentos.
Vay alegrar as almas, que t'esperam,
 E todo seu amor, e seu desejo
 Tem posto só nos teus contentamentos.

XV.

Rey bemaventurado, este he o dia,
 Que quatorze annos ha, qu'o Mundo espera
 Desde teu Téjo, á Oriental esphéra,
 E da Zona torrada, á Zona fria;
 Quando outra nova luz, nova alegria,
 Qual no teu nascimento o Sol já dera,
 Veremos na dourada, e ditosa era
 Da tua tam esperada Monarchia.
 Benigno o Ceo t'está, obediente a terra,
 Abraçan-se entre si Justiça, e Paz,
 Qu'a ti, buscando abrigo, vem fugindo.
 Erguendo a Christam Fé, que fraca jaz,
 Aos teus igual justiça repartindo,
 Terás sempre paz sancta, ou sancta guerra.

XVI.

SE saber, fermosura, e Real estado,
 Pureza d'alma, e limpa castidade,
 S'hum desprezo da gloria, e vaydade
 Do Mundo assi esquecido, e sopeado,
 S'hum viver contente, e descansado,
 Fundado em fé, esperança, e charidade,
 S'em tão alto lugar, baixa humildade
 Se hum sprito nos Ceos todo enlevado
 Podéram fazer bemaventurada
 Neste Mundo, e no outro húa creatura,
 Nós na terra, e nos Ceos te coroamos.
 De Deos será tua alma festejada.
 De nós honrada tua sepultura,
 De que grandes milagres esperamos.

XVII.

Que Apelles, que Lyfippos poderiam
 Pintar, ou esculpir essas figuras
 O Principes divinos? que pinturas
 A tanto dom de Deos responderiam?
 Que ingenhos dos antigos bastariam,
 (Já que não bastam cores, nem esculpturas)
 Escrever-vos? que pedras, por mais duras,
 A vossos nomes não se abrandariam?
 As arvores, as pedras, os metais,
 As cores, e as tintas vos desejam,
 Os livros, todo Mundo, e os Ceos mais.
 Vós os olhos, e ingenhos nos cegais,
 Com esse resplendor; os Ceos vos vejam,
 Elles vos louvem, e façam immortais.

XVIII.

A Jupiter três Deosas se queixáram,
 Vendo de Vrenha a tam fermosa planta.
 Não he minha honra, nem riqueza tanta
 (Diz Juno) pois-no Mundo igual me acháram.
 Nem eu sou só, a que tanto celebráram,
 (Se queixa Pallas casta, sabia, e fanta)
 Pois húa Madalena se levanta,
 Em quem todos meus dões os Ceos juntáram.
Eu fora (dizia Venus) mais queixosa,
 Se quem venço a minha fermosura,
 Nem vira de meu filho tão vencida.
Sofrei (Jupiter diz) sua ventura,
 Pois eu soffro a ventura mais ditosa
 De Jorge, a quem dos Ceos foy concedida.

XIX.

Clarissimo Marquez, em cujo sprito
 Novo lume de gloria resplandece,
 S'a viva chamma, que já em ti parece,
 Igual fosse meu verso, e meu escrito,
 Tu serias, senhor, cantado, e dito
 Grande entre aquelles, a que Apollo tece
 Gloriosa corôa, e a que offerrece
 De seus nomes a fama hñ alto grito.
 Mas em quanto eu desejo mór alteza
 A meu ingenho desigual ao peso,
 Tu conserva tua vida, e tua faude.
 E levanta esse peito a alta grandeza
 Da viva gloria, da viva virtude,
 Qu'ô templo te abrirá a outros desejo.

XX.

EU vejo arder teu peito em nova gloria,
 Clarissimo Dom Pedro, mal contente
 De não largar já as pennas altamente,
 Onde te chama a tua clara historia.
 Por ti floreceirá a alta memoria
 De teus grandes avós, e o rayo ardente,
 Que em ti s'esconde, nova luz á gente
 Trará na paz, na guerra, e na victoria.
 Soffega teu sprito em tanto, e espera
 Tempo, senhor, que não tardará muito,
 Em que mostres ao Mundo, o que eu já vejo.
 Tu verás das tuas obras o alto fructo,
 Eu cingirei por ti as fronte d'Hera,
 Se igual nascer meu verso a meu desejo.

XXI.

E Screve Dom Diogo, escreve, e canta
 No meo dos trabalhos mais constante,
 Ousado vay contra a fortuna avante,
 Qu'ella te próva, e ella te levanta.
 Que poder averá, que força tanta
 Contra esse peito armado de diamante,
 Que nelle se não rompa? e não quebrante
 A fortuna, que já de ti s'espanta?
 Canta, pois tu cantando és tam cantado,
 Apollo se te inclina, Amor s'abranda.
 E teu nome mais cresce cada dia.
 Seguro pelo Mundo corre, e anda.
 Que não podes ser nelle desterrado,
 Antes sem ti desterro elle seria.

XXII.

C Horas, Antonio: e levam Lima, e Douro
 Com as suas, as tuas lagrymas, vamente
 Chamando aquella, que resplandecente
 Mostrando está dos Ceos o seu thesouro.
 D'outra neve vestida já, e d'outro ouro,
 Qual não vê, nem comprende a eega gente,
 Despreza essas vás lagrymas contente
 Co a gloriosa palma, e immortal louro.
 O alma bem nascida, que mostrada
 Ao Mundo fosse só por nosso espanto,
 Inda esses breves dias te devemos.
 Andaste cá esse tempo aos Ceos roubada.
 Deven-se a mortos lagrymas, e pranto.
 Nos viva entre Anjos Angela cantemos.

XXIII.

EM quanto tu lá, Andrade, os votos fantos
 Pagas pola faude da irman fanta,
 Ella á máy de Deos mil hymnos canta,
 E tu ao filho, e á máy compoés mil cantos:
 E quantos passos lá cos pés daes, tantos
 Degráos ergueis a casa, onde luz tanta
 Resplandece, que cega, offende, e espanta
 Os que de lá cahiram em fogo, e em prantos.
 Eu co íprito inquieto aos Ceos suspiro
 D'hum Sol ao outro, d'húa a outra sombra,
 Em faudoso pranto, em brando rogo,
 Que deste duro jugo, que hora tiro,
 Livre húa' hora ao Sol claro, a doce sombra
 Me veja arder quieto em sancto fogo.

XXIIII.

EM duas partes deixei lá partida
 Minh'alma faudosa, Amor o sabe,
 E vós, senhor; aqu'igual parte cabe,
 E sempre caberá dest'alma, e vida.
 Nem viva eu mais, qu'em quanto conhecida
 Esta verdade faça, então acabe;
 E se mais quer, ou desejar mais sabe
 Minha vontade, nunca seja crida.
 Por vós suspiro, e polo claro lume
 D'hum novo Sol, que lá dá luz ao dia,
 E por nóte tomey do meu bom porto.
 Já lá cuidava quando tornaria:
 Pois entre nós por força, e por costume
 Il nostro esser insieme è raro, e corto.

XXV.

Bernardes, cujo sprito Apollo inspira,
 Volve teu doce canto a mim mal dado
 Ao grande objecto teu, que levantado
 Por ti ferá a alta gloria, a que já aspira.
 nda onde quer qu'está, chora, e suspira
 O triste Iffante em ver tão mal chorado
 Seu doce amor, de que cá tam magoado
 Não fartou d'agoa os olhos, peito de ira.
 Isto só pede aos Ceos, qu'inda da terra,
 Qu'a sua cinza eiconde, hum rayo claro
 Nova luz traga á sua sepultura;
 E aclare a nuvem, que nos cobre, e cerra
 Aquella mal chorada fermofura,
 Tam digna do amor seu no Mundo raro.

XXVI.

Limiano, tu ao som do claro Lima
 Inda por ti mais claro á sombra fria
 A branca Nimpha, que te deu por guia
 Amor, fazes soar na doce rima.
 E em quanto cantas, flores mil de cima
 Derrama Cytherea, e hum Louro cria
 Para as tuas fronte Phebo, e em companhia
 D'outros, teu nome leva já a outro clima.
 Eu mudo, e triste, em lagrymas banhado
 Vou gastando a alma em esperar hũa hora,
 Que minha cruel forte está detendo.
 Então solto, então livre, e a mim tornado,
 Teu brando som iria o meu regendo:
 Em tanto teu bem canta, e meu mal chóra.

XXVII.

V Incio, eu vejo do Oriente a clara
 Venus lançar em ti seus mais fermosos
 Rayos, e ledo o pay os amorosos
 Olhos tem postos em sua filha chara:
 Vejo que minha estrella o ar aclara,
 O Ceo serena, ao Sol dá mais lustrosos
 Rayões de luz, a mim os piadosos
 Olhos só cerra de sua luz avara.
 Ditofo tu, ditosa a dourada hora,
 Que te vio cá nascer, e assi t'encheo
 De todo bem, que se do Ceo deseja!
 Eu que direy de mim? ditoso seja
 Quem a tam alta luz olhos ergueo,
 E ditosa a alma, qu'a suspira, e chora.

XXVIII.

N Um conoço penedo, onde quebravam
 Sua mor força as ondas furiosas,
 Dous brandos nomes de duas mais fermosas
 Nymphas Lilia, e Celia se cortavam.
 Abrindo a pedra as letras, aclaravam
 As nuvens, brandos ares amorosas
 Virações spirando, as mais irosas
 Ondas naquella parte affossavam.
 Ao pé dos doces nomes, que cortaram
 Aonio, e Vincio em immortal memoria,
 Seus nomes, e estes versos escrevêram;
 Em duas aqui quatro almas se juntaram:
 Aqui porto quieto as ondas deram,
 Lilia, e Celia a Amor honra, ao Mundo gloria

XXX.

Gloriosos spritos coroados
 Dos louros immortaes, que cá ganhastes,
 Quando co claro fangue bem comprastes
 Estes assentos, que vos lá são dados.
 Tam dinos d'entre nós serdes cantados!
 Em quanto a clara fama, que deixastes,
 Igual trombeta, e voz cá não achastes,
 Estaveis como em Lethe sepultados.
 Eis que já vos nasceo hum novo sprito,
 De cuja voz fereis no Mundo ouvidos,
 Por cuja mão sayreis da sepultura.
 Duas vidas, dous lumes concedidos
 Vos são, de que alça a fama immortal grito,
 Vida no verso, vida na pintura.

XXXI.

OS qu'a fortuna Deosa sua faziam,
 E por mór Deosa nos Ceos a assentavam,
 Est'honra, este vão titulo lhe davam,
 Porque de suas mudanças se temiam.
 Mas aquelles, que della não pendiam
 Em vez de a adorarem, lhe pisavam
 Cos pés sua fraca roda, e desprezavam
 A falsa divindade, em que não criam.
 Quanto será de ti mais desprezada,
 Felicissimo João, que dos Ceos certo
 Tens premio igual aos dotes, que te deram!
 Seguro premio, não vario, ou incerto,
 Como os que da fortuna outros tiveram,
 Qu'a ti não póde dar, nem tirar nada.

XXXII.

QUanto d'Amor se póde humanamente
 Sentir, tu o sentes, ou cantar, tu o cantas
 Salicio: e em quanto a doce voz levantas
 Tudo arde em fogo, em tudo amor se sente.
 Só Flerida, e Amor a ella obediente
 Ao vivo fogo teu, lagrymas tantas,
 Aos grandes versos, cõ qu'o Mundo espantas,
 Olhos, e ouvidos cerram cruelmente.
 Por ventura qu'em quanto á estrangira
 Língua entregas teus doces accentos,
 Não he tuá voz com tanto effeito ouvida.
 Dá pois á dor sua lingua verdadeira,
 Dá os naturaes suspiros teus aos ventos,
 Por ventura ferá tua dor mais crida.

XXXIII.

ALma innocente, que teu véo despindo
 Solta deffá prisão estreita, e escura,
 Vestida já da eterna fermosura
 Esse espaçoso Ceo andas medindo,
 Ditosa, que tambem foste fugindo
 Do que mais nos engana, e menos dura,
 E vives já sem fim leda, e segura,
 De nossas sombras vás piadosa rindo.
 Quam bem atalhasse á tua verde idade
 Meu Betancor! assi o merecia
 Esse divino sprito aos Ceos nascido.
 Meu amor chorará tua saudade;
 Mas ditoso em meus versos será lido
 O teu primeiro, e derradeiro dia.

Na antiga lingua Portuguesa.

XXXIII.

BOm Vasco de Lobeira, e de grã fem,
 De práo que vos avedes bem contado
 O feito d'Amadis o namorado,
 Sem quedar ende por contar hirem.
E tanto nos aprougue, e a tambem,
 Que vós feredes sempre ende loado,
 E entre os homes bós por bom mentado;
 Que vos lerão adeante, e que hora lem.
Mais porque vós fizestes a fremosa
 Brioranja amar endoado hu nom amarom,
 Isto cambade, e compra sa vontade.
Cá eu hei grã dó de aver queixosa,
 Por sa gram fremosura, e sa bondade.
 E er porque ó fim amor nom lho pagaram:

XXXV.

VInha amor pelo campo trebelhando
 Com sa fremosa madre, e sas donzellas,
 El rindo, e cheo de ledice entre ellas,
 Já de arco, e de sas setas non curando.
Brioranja ahi a fazom sia pensando
 Na grã coita, que ella ha, e vendo aquellas
 Seras de Amor, filha em sa mão húa dellas,
 E metea no arco, e vay-se andando.
Deshi volveo o rostro hu Amor sia,
 Er, disse, ay traydor, que me has fallido;
 Eu prenderey de ti crua vendita.
Largou a mão, quedou Amor ferido,
 E catando a sa sestra, endoado grita:
 Ay merce, a Brioranja, que fugia.

XXXVI.

Solitario, que segues tam contente
 O caminho mais arduo, que nos guia.
 Da nossa escura noite áquelle dia,
 Em que vive tam clara a immortal gente;
 Esperta este meu sono, em que dormente
 Tive tégora est'alma, se me guia,
 Por onde eu suba aos Ceos, qu'antes não via,
 De mim mesmo enganado cegamente.
 Escuro, triste, morto, e mal vivido
 Tempo, de mágoa, e de arrependimento,
 Gastado em vãos desejos, vãos cuidados!
 Já achou meu vago sprito seu assento:
 Sejam ou esquecidos, ou chorados
 Os tristes dias, em que andei perdido.

XXXVII.

Despois de cinco lustros já aquella hora,
 Qu'ao Mundo me mostrou em noite escura,
 Me torna a quarta vez, e com brandura
 Do máo planeta me defende agora;
 Tempo he, que hui'alma, que já ha tanto chora,
 Vos mova a mágoa, ó clara fermosura,
 Qu'os Ceos ornais, e tendes a escriptura
 De quanto cá s'espera, e quanto mora.
 Tu do Mundo grã Pay, tu poderoso
 Rey d'estrellas, e Ceos est'alma guia
 A ti seu alto fim, por ti criada.
 Por ti se movem os Ceos, por ti o dia
 Nos nasce: aquelle só será ditoso,
 Que sem ti não espera, nem crê nada.

XXXVIII.

E Is o mar, eis 'o vento, espanto, e medo
 Aos tristes navegantes, cruel morte
 Em tod'a parte mostram, ali o mais forte
 Quer, por não ver mais mal, morrer mais cedo.
 Quando aquelle poder, que firme, e quedo
 Tem seu eterno imperio, a triste sorte
 Num ponto muda, e guia a não, qu'a porte
 Em salvo pelo mar, que abre co dedo.
 Vence o prazer ao medo, torna a vida
 Como furtada a morte, novo Ceo
 Parece, e novo Sol, e novo dia.
 Affi hã'alma enganada, que perdida
 Anda em tão alto mar, de escuro véo
 Cuberta, tu alto Deos me aclara, e guia.

XXXIX.

O Nde m'escõdery, Senhor, de ti?
 Temer'est'alma recebida em vão.
 Estes meus olhos como te verão,
 Pois meu triste peccado te pôs hi?
 Oh Senhor piadoso que não vi,
 Nem vejo ind'atêgora, estend'a mão,
 Da-m'a estes olhos luz, e hum coração
 De carne, que de pedra foy téqui.
 Ovelha sou, Senhor, qu'ando perdida,
 Ingrato filho fuy, que mal gastei
 Os talentos da graça, que me dêste;
 Mas se me tu bucares, tornarey.
 Busca-mé com tua graça, pois quiseste
 Morrer affi na Cruz por dar-me vida.

XL.

A Esta lapa vimos, Virgem fanta,
 Humildes, e devotos peregrinos;
 Que os olhos fejam de te ver indinos,
 Ver o que o Mundo rodo alegre, e espanta,
E que a pureza em nós não feja tanta,
 Tua graça nos fará, Senhora, dinos
 De ouvires nossos versos, nossos hynos,
 Que cada alma fiel te offrece, e canta.
Grandes são teus poderes, tuas grandezas.
 Novos-sinaes, Senhora, não esperamos.
 Depois de Deos, de ti tudo mais cremos.
Alimpa em nossas almas suas torpezas.
 Desfaze as nevoas, com que nos cegamos:
E estes grandes milagres cantaremos.

XLI.

A Njo enviado áparelhar as vias
 Do Cordeiro de Deos por ti mostrado,
 Que no ventre da Mãy sanctificado
 No ventre de sua Mãy já conhecias,
Declarador d'antigas profecias,
 Mais que profeta de Deos tam louvado,
 De quem o mesmo Deos foy bautifado,
 Luz clara, que todo homem alumias:
Aquella tua voz sancta, que soava
 No deserto, grã João, a penitencia,
 De tua vida innocente, o sangue, e a morte
Criem em minh'alma hũa nova innocencia
 Sancto zelo, amor firme, animo forte,
Com que figa tua luz, que aos Ceos guiava.

XLII.

A Guia divina, que tam altamente
 De Deos guiada álem dos Ceos voaste;
 Donde os mōres segredos nos mostraste,
 Qu'escondidos estavam á cega gente:
 Com teu rayo de luz resplandecente
 O Mundo escuro, e triste alumiaсте,
 E quanto lá de Deos, em Deos achaste,
 Por ti o Mundo o confessa, o crê, e o sente.
 Tu no peito de Deos adormeceste.
 Tu só foste por filho a sua máy dado,
 Mil coroas de gloria mereceste.
 Discipulo de Deos o mais amado,
 Desse divino fogo, em que tu ardeste,
 Seja este sprito meu sempre inflâmado.

XLIII.

Diante do cutello riguroso
 Do Tyranno cruel, esperando a morte
 Co animo cad'hum tam firme, e forte
 Quanto era o do algoz mais bravo, e irroso,
 Estavam os sanctos Frades, desejofo
 Tanto cad'hum de cayr nelle a forte,
 Que por mais depressa, que o aço corte,
 Remisso lhes parece, e vagárofo.
 Oh Xarife cruel! que essa crueza
 A ti o he só, a elles gloria, e vida,
 A nós esse seu fangue grã thesouro.
 Com que esforço, e vigor, e fortaleza
 Nos ensinam correr á promettida
 Grã coroa de gloria, não de louro !

XLIIII.

Raynha sancta, aos Reys exemplo raro,
 Ao Mundo espanto, luz á nevoa escura,
 Por onde já rompendo deff'altura
 Lançando estás em nós teu rayo claro,
 Desse rico thefouro, que tam charo
 Te foy cá, e possues já segura
 De to roubarem, parte nos procura
 De quem para nós só o comprou tam caro.
 Raynha sancta, que ría mór alteza
 Da terra, mais humilde aos Ceos voaste
 Com o Mundo fazendo força ao Ceo,
 Esta tua terra, ó sancta, que 'pisaste,
 Rompendo com tua luz seu escuro vco,
 De tua humildade enche, e fortaleza.

XLV.

Spritos coroados da victoria,
 Com que triumphando estaes nos Ceos da terra;
 Almas sanctas, e puras, que da guerra
 Nossa livres viveis em paz, e em gloria,
 Ou denunciando as gentes a alta historia,
 Qu'a pura fé nos mostra, o Ceo nos cerra,
 Ou do Mundo enganoso, que sempr'erra,
 Fugindo, nos deixasseis tal memoria,
 Vossos despojos sanctos, milagrosos,
 Corpos, e fangue, e lagrymas, e mortes,
 Qu'essa vida immortal já vos subíram,
 Presentay lá por nós com piadosos
 Olhos deste desterro, onde os mais fortes
 Por hum engano vão do Ceo cahiram.

E P I G R A M M A S.

A H U M R E T R A T O

DE DONA CATHERINA DE SOUSA.

Mostrou o que pode a mão, a tinta, e arte;
 Mas só o que se não vê, he Catherina.
 Onde ella não está toda, não está parte
 Divina fermosura, alma divina.

Taes graças raramente o Ceo reparte;
 Mas inda d'outras foy mais altas dina.
 A quem tal a criou deu vida, e alma,
 Triumphou do Mundo, tem nos Ceos a palma.

A JERONIMO CORTE-REAL.

Quem póde, grá Jeronimo, louvar-te
 Dos raros doés, que em ti os Ceos juntáram?
 No pincel vences natureza, e arte,
 Na lira quantos a melhor tocáram:
 Na forte espada representas Marte,
 Nos brandos versos poucos te igualáram:
 Até no claro sangue, e gentileza
 Fortuna, e Ceos roubaste, e natureza.

DE ANACREONTE.

Prendêram as Musas por nova aventura
 O Amor em laços, e prisoés de flores,
 Entregaram-no em guarda á fermosura,
 Que atado o tenha bem, porém sem dotes:
 Ajunta Venus doés, e com brandura,
 Que soltem, roga, o filho seus amores.
 Mas inda que já seja resgatado,
 Dali fica a servir acoftumado.

DE GREGO.

C Ante quem quer do furioso Marte
 As armas, cante Troya já abrafada:
 A minha cruel guerra, a força, e arte,
 Que me venceo, será de mim cantada.
 Nem arma, nem Soldado teve parte
 No vencimento meu, nem frota armada,
 Mas hum bello esquadrão, que d'improvisto
 Sahio d'hús olhos, e d'hum brando riso.

TRADUZIDO CONTRA O MALDIZENTE.

TU, que com a lingua feres, monstro és,
 Não animal; cos dentes fere o Cão,
 Co a ponta o Cervo, tu Cervo não és,
 O Lião com as unhas, tu não és Lião.
 E se Lião, ou Cão, ou Cervo és,
 Se Lião, vay-te onde os Liões estão,
 Se Cão, o mesmo Lião te despadace;
 Se Cervo, o mesmo Cão te corra, e cacce.

A L E S B I A.

FUrtou a aljaba a Amor (quando dormia)
 Lesbia, acorda Amor, poem-se a chorar.
 Não chores, filho meu, (Venus dizia)
 Lesbia fermosa a tem, tornart'a dar.
 Nada ha mister de ti, do que nella hia,
 Teu fogo, e setas pode-as escufar.
 Cos olhos, fronte, riso fere, inflamma,
 De mór ferida, mais ardente chamma.

A HUM RETRATO DE DIDO.

A Mão do pintor devo nova vida.
 Maro me deve a honra diffamada.
 Nem Dido foy de *Aeneas* conhecida,
 Nem vio Carthago sua frota errada.
 Eu mesma me matey, porque fostida
 Fosse a fé casta a meu Sicheo só dada.
 Vingui sua morte, ergui nova Cidade.
 Valha mais, que os Poetas, a verdade.

A VENUS, E CUPIDO.

D Izem que antigamente o Ceo cahia
 Com cruel guerra armada entre sua gente;
 Marte d'espada armado embravecia,
 Neptuno armado de seu grã Tridente.
 Co corisco de Jove o Ceo tremia.
 Todos s'ameaçavam cruelmente;
 Tanto qu'Amor com a máy foi visto armado,
 Cad'hum dá as armas, tudo he pasiguado.

F E R M O S U R A .

A O Touro tornos, unhas ao Lião,
 Voar á Aguia, ao Cervo ligeireza,
 E a todas as mais Féras quantas são,
 Deu su'arma, e sua força a Natureza.
 Ao homem deu esforço, e boa razão:
 Não tem que dar á feminil fraqueza.
 Pois que lhe deu? ah deu-lhe fermosura
 Arma que ferro, e fogo inda mais dura.

MARTE·NAMORADO.

FOrjava em Lemno com destreza, e arte
 Setas a Amor de Venus o marido:
 A branda Venus lhe poem mel d'huma parte,
 Mas d'outra parte lhe poem fel Cupido.
 Entrou brandindo a grossa lança Marte,
 Rio-se das fetas. *Queres ser ferido*
 D'hũa? (Amor diz) prôva hora se te praz;
 Ferio-o; rio-se Venus: Marte jaz.

D A S O D E S.

L I V R O I.

O D E I.

Fuja daqui o odioso
 Profano vulgo, eu canto
 A brandas Musas, a hús spritos dados
 Dos Ceos ao novo canto
 Heroico, e generoso
 Nunca ouvido dos nossos bós passados.
 Neste sejam cantados
 Altos Reys, altos feitos,
 Costume-se este ar nosso á Lira nova.
 Acendei vossos peitos,
 Ingenhos bem criados,
 Do fogo, qu'o Mundo outra vez renova.
 Cad'hum faça alta prôva
 De seu sprito em tantas
 Portuguezas conquistas, e victorias,
 De que lédo t'espantas

Oceano, e dás por nova
 Do Mundo ao mesmo Mundo altas historias.
 Renova mil memorias
 Lingua aos teus esquecida,
 Ou por falta d'amor, ou falta d'arte,
 Se para sempre lida
 Nas Portuguezas glorias,
 Qu'em ti a Apollo honra darão, e a Marte.

A mim pequena parte
 Cabe inda do alto lume
 Igual ao canto; o brando Amor só figo
 Levado do costume.
 Mas inda em algũa parte,
 Ah Ferreyra, dirão, da lingua amigo!

AOS PRINCIPES D. JOAM , E D. JOANA.

O D E II.

P Rincipes nossos, nosso bem, e gloria,
 Esperança dos Ceos, prazer do Mundo,
 Nascidos hum para outro, por Deos dados
 Ao sceptro Occidental, e do Oriente:

Vivey felices, pios, vencedores
 De novos Mundos: novos mares se abram,
 Novas minas pareçam, novas terras;
 De tropheos, e despojos carregados,
 De victorias famosas, e bandeiras
 A barbaros tomadas, e fugeitas
 A vossa, qu'he de Christo, tornem sempre
 Os vossos Capitães, que o Mundo teme,
 Coroados de Louro, com collares,
 Com sceptros, ricas purpuras, e trunfas
 Dadas a vossos nomes em tributo.

Vivey felices, pios, vencedores,

Em ouro escritos sejam vossos nomes,
 Em cedro, em diamante, em todo Mundo.
 Novas estatuas se ergam com letreiros
 Dignos de vós, e vós tam dignos delles,
 Que igual espanto sempre, e credito achem,
 Que suspirem, em os vendo, os mais famosos
 Reys, e Emperadores, que vierem,
 Como fez Alexandre co de Achilles,
 Como Cesar tambem co de Alexandre,
 Como vós suspiraes polos que vedes
 Erguer com tanto espanto a vossos pays.

Vivey felices, pios, vencedores,
 Mais que o grande Alexandre, Julio, Augusto,
 Mais que os passados Reys, vossos avós,
 Mais que os presentes Reys, de que sois filhos,
 Que o Mundo tanto teme, e honra, e ama,
 Comó cousas divinas por Deos dadas.
 Conservay vós seus nomes, e estendey-os,
 Se mais ha qu'estender, do que elles fazem,
 Conservay-os, que nisso fareis muito.

Vivey felices, pios, vencedores,
 Creça a terra, e s'estenda, que pisardes.
 Creçam, quanto mais derdes, os thesouros.
 A vós se venham todos, em vós achem
 Remedio a suas vidas, e suas honras.
 A vós se venham Parthos; venham Scythas
 De sua vontade propria fogeitar-se
 A vosso jugo, a vós mais servir queiram,
 Que ser servidos d'outros, e adorados.

Vivey felices, pios, vencedores,
 Deixai-nos de vós vossas semelhanças
 Nos rostos, nos spritos, nas grandezas,
 Porque nelles vejamos a vós mesmos,
 Assi como em vós vemos vossos pays,
 Que despois d'enfadados cá da terra

(Que

(Que delles ficará tam faudosa)
 Sobindo para os Ceos, vos deixaráo
 O Mundo governando, e triumphando.
 Vivey felices, pios, vencedores,
 Estrellas fejaes ambos lá no Ceo,
 Estrellas das mais lucidas, e claras,
 Depois, que cá deixardes este Mundo,
 Em que não cabereis, por mór que seja.
 Mas não vos peze de entre nós viverdes
 Muitos annos, e muitos por nossa honra,
 Pois tendes lá tam certos os assentos
 Nos altos Ceos, como estes cá da terra,
 Principes nossos, nosso bem, e gloria.

A D. JOAM D'LANCASTRO
 FILHO DO DUQUE D'AVEIRO.

O D E III.

Porque tam cruelmente
 (Meu João humanissimo) sem culpa
 Tua te affliges tanto?
 E porque esse innocente
 Peito, que de nenhum vicio te culpa,
 Tam puro, casto, e santo
 Com tristes pensamentos,
 Que essa tu'alma branda estaõ roendo,
 Em tanto dano meu
 Maltratas? taes tormentos
 Deixa a quem com razão está tremendo
 Algum grande erro seu.
 Não teme, não espera,
 Não pende da fortuna, ou vãos cuidados
 A consciencia pura,

E affi não defefpera
 De chegar aos bons dias efperados
 Tam léda, e tam segura,
 Que o Mundo desprezando
 Configo fe enriquece, e mais defcanfa
 De fi tam fatisfeita,
 Que em fi fe eflá prezando
 De desprezar o porque o Mundo canfa.
 De ver que ella a direita
 Via fe guindo vay
 A virtude levando fô por guia.
 Não torce, não duvida,
 Já mais della fe fay,
 Por mais qu'o Mundo della fe defvia.
 A coroa devida
 Voando, que guardada
 Nos Ceos lhe eflá, da terra fe levanta.
 Tem fempore o que defeja,
 Com não ter nunca nada.
 Pifa a fortuna, nada a vence, e efpana.
 Que por forte, que feja,
 Falfa Deofa, e tyrana
 (Segundo a fez a cega antiguidade)
 Que val contra a prudencia?
 Em que lhe empece, ou dana?
 Falso poder, e falfa divindade
 Nascida da imprudencia
 D'aquelle povo errado,
 Que a qualquer appetite máo, injuflo
 Logo hum Deos levantavam,
 Só pera feu peccado
 Ficar honefio, defculpado, e juflo.
 Aquelles adoravam,
 Os appetites feus.
 Ditosos nós, que tam alto fubimos,

Que

Que nos Ceos hum thesouro
 Temos, qual effes teus
 Olhos, bom João, vem, apôs este imos;
 Tu de palma, e de louro
 Com razão coroado,
 Eu da humilde, e sempre verde hera,
 Seguindo tuas pisadas
 Nas nuvês levantado
 Assi ferey, senhor; descansa, e espera.
 Já chegam as douradas
Horas, que te esperando
 Estiveram tégora: e vem correndo
 Para teu bem, e gloria.
 Por ti só vem chamando
Aquelles claros titulos trazendo,
 Porque tua memoria
 No Mundo eternamente irá vivendo.

AOS REYS CHRISTÃOS.

O D E III.

O Nde, onde assi crueis
 Correis tam furiosos,
 Naõ contra os infieis
 Barbaros poderosos
 Turcos de nossos roubos gloriosos?
 Naõ pera a mal perdida
 Cabeça do Oriente
 Nos ser restituída
 Tam pia, e Christamente
 Roubo a vós féo, e rico á Turca gente,
 Naõ pera a casa sancta,
 Sancta terra pisada
 Dos infieis com tanta

Afron.

Afronta vossa, armada
 A mão vos vejo, nem bandeira alçada.
 Nem pera em fogo arder
 Deído chão té as ameas
 Meca, e Cayro; e se ver
 Trazido em mil cadêas
 Em triumpho o seu Rey com nossas preas.
 Ah cegos, contra vós
 Vos leva cruel furor!
 Ah que fartando em nós,
 E em voffo fangue o ardor,
 Que o imigo tem fazei-lo vencedor.
 Vós armas, vós lhe daes
 Ao covarde ousadia,
 Em quanto vós mataes,
 Eis Rhodes, eis Ungria
 Em fangue, em fogo, em nova tyrannia.
 Paz sancta dos Ceos dada
 Por vida só, e bem nosso
 Como tam desprezada
 Deste injusto odio voffo
 Reys Christãos, he'cruéis chamar-vos posso.
 Nunca se vio fereza
 A esta, que usaes igual,
 Armados de crueza.
 Hum ao outro animal
 Da mesma natureza não faz mal.
 Tornay, tornay, ó Reys
 A paz, tende-vos hora,
 Olhay-vos, e vercis
 Com quanta razão chora
 A Christandade a paz, que lanças fóra.

A D. AFONSO DE CASTEL BRANCO.

O D E V.

F Uge o vulgo profano
 Vay com descustumada,
 E leve penna, Afonso, pelo ar claro,
 Deixando desprezada
 A inveja, que em seu dano
 Perseguir o melhor tenta, e mais raro.

Sprito ás Musas charo,
 Já te vejo yr voando
 Em nova fórma, muito mór que humana
 Novas pennas criando
 Livre do baixo, e caro
 Pêso da terra, qu'o sprito dana.

Quam baixamente engana
 A ignorancia cega
 Como por cima della o sprito voa!
 Que áquillo só se emprega
 A que a gente profana
 Não chega, e sempre vive, e sempre soa.

A soberba coroa
 Dos Reys, que medo, e espanto
 Poem ao fogeito povo, que os adora,
 Mas quanto imperio, tanto
 Em má fortuna, ou boa
 Mal seguro tremendo está cada hora.

Não descansa, não mora
 Sancta felicidade
 Em torres, em thesouros, em grandezas,
 Errada vaidade!
 Isso bens são de fóra,
 Nosso só he o saber, que tanto prezas.

Tudo al'fãõ pobreza
 Num animo contente,
 Que mil Mundos despreza, e só defeja
 Deixar á sua gente
 Por honra, e por riquezas
 Saber, e vida livre de odio, e inveja.
 Est'ama, este só seja
 Teu fim, teu só cuidado
 Afonso meu, que novo sprito guia
 De Apollo ao seu sagrado
 Monte, donde inda eu veja
 Correr por ti o licor, qu'antes corria.

A H U M A N A O D' A R M A D A
 EM QUE HIA SEU IRMÃO GARCIA FROIS.

O D E VI.

A Sfi a poderosa
 Deosa de Chipre, e os dous irmãos de Hele
 Claras estrellas, e o grã Rey dos ventos
 Segura Não, e ditosa
 Te levem, e tragam sempre com pequena
 Tardança aos olhos, que te esperam attentos:
 Que meu irmão, metade
 Da minha alma, que como encomendado
 A ti debes, nos tornes vivo, e são
 Do fogo, e tempestade,
 A que se aventurou co sprito ousado,
 Vença, á dura fortuna, a boa tenção.
 Quem cometteo primeiro
 Ao bravo mar num fraco páo a vida,
 De duro enzinho, ou tresdobrado ferro
 Tinha o peito, ou ligeiro
 Juizo, ou sua alma lh'era aborrecida

Dignò de morte cruel no seu mesmo erro.

Sprito furioso

Que não temeo o pégo alto revolvido
(Entregue aos ventos, posto todo em forte)

Do sempre tempestoso

Africo, nem os vaos cegos, e o temido

Scylla infamado já com tanta morte!

A que mal ouve medo

Quem os monstros no mar, que vão nadando,

Com secos olhos vio? quem o Ceo cuberto

De triste noite, e quedo

Sem defensão, co corpo só esperando

Está a morte cruel, que tem tão perto?

Se Deos affi apartou

Com summa providencia o mar da terra,

Que a nós os homês deu por natureza,

Como ouve homem, que o usou

Abrir por mar caminho mais a guerra

Qu'a paz? e a morte mais roubo, e crueza?

Que cousas não comettes,

Ousado sprito humano em mar, e em fogo

Contra ti só diligente, e ingenhoso?

Que já te não promettes,

Des qu'o-medo perdeste á morte, e em jogo

Tês o que de si foy sempre espantoso?

Hum o Ceo cometteo:

Outro o ar vão exprimentou com pennas

Não dadas a homem; outro o mar reparte,

Que por força rompeo.

Senhor, que tudo vês, que tudo ordenas,

Pera a ti só chegarmos dá-nos arte.

A MANOEL DE SAMPAYO.

O D E VII.

S Ampayo, tu lá sô
 De mim effás, não das Musas, não do sancto
 Fresco, faô, e brando ar, que as Graças criou
 Nessa felice terra
 Regada da corrente graciosa
 D'hum novo Tybrè, ou Pó,
 Que nova gloria, e espanto
 Ao grande Oceano leva, claro rio
 Manto Mondego meu, onde sohião
 Meus olhos de húa Serra
 Ver com desprezo o Mundo: faudosa
 Agoa, que tam soberba vay correndo,
 Tomando senhório
 Dos campos, e das agoas, e dos mares,
 Que ledos dentro em si a vão recolhendo.
Doces, sacros lugares
 De brancas Nymphas, musicos pastores
 Habitas, verdes heras, verdes louros,
 Valles sombrios, e fontes
 Doces, puras, e frias, que manando
 Estão lagrimas tristes
 Dos doces meus amores.
 Isto tês lá Sampayo: eu cá que tenho?
 Lá, amigo, te deixei, lá meus thesouros.
 Ah fecos, e altos montes,
 Negros fumos, máos ventos, que turvando
 Meus bós intentos andam! se sentistes,
 Imigos meus (lhes digo) porque a vida
 Delejo, em qu'a sustenho,
 Deixay-me o pensamento, que descanse

No que deseja, qu'em al he perdida.
 Que vejo, em que não canse?
 Afronta esta alma triste em tanto aperto.
 Soberbas portas, prodigas saquezas,
 Vaós faustos, vãs palavras
 Ivos longe de mim, y tristes ventos.
 Fique eu de vós seguro.
 O qu'em desastre, e acerto
 (Ah olhos cegos, coraçãoes errados)
 Anda, seguis? isto chamais riquezas?
 Ditoso tu, que lavras
 Tua terra cos teus bois, e os pensamentos
 De boa esperança enches: peito duro
 Sancta alma, lingua sam, mãos innocentes
 Desejo; os mais estados
 Fortuna, dá a quem queres: eu só quero
 Viver seguro, e livre entre os contentes.
 Isto desejo, e espero.
 Quem me desta riqueza enriquecesse?
 Quem visse já o tam claro, e alvo dia
 Em que allí repoufasse
 Este sprito inquieto, que pendendo
 Está de seu perigo?
 O Ceos, quem merecesse
 Pender sempre de vós, sem mais do Mundo
 Querer, que vida honesta! esta queria
 Meu Sampayo, esta achasse.
 Sancta, rustica vida, aborrecendo
 T'estão; pois eu te busco, pois te figo,
 Deixa os que te desprezão, vem-te a mim.
 Contigo lá num fundo
 Valle vivirey eu livre, e contente,
 Leda a vida terei, seguro o fim.

A D. ANTONIO DE VASCONCELLOS.

O D E VIII.

TE' quando affi, cruel, o peito duro,
 Das nove irmãs morada
 Cerrarás, como ingrato ao dom divino?
 Té quando affi negada
 Do liquor doce, e puro
 Nos ferá a cópia, e parte igual devida
 Do lume, de que tu foste affi digno?
 Não te foy dada a vida,
 Não effe fprito acefo em alto fogo
 Para ti só; noffo he, o noffo queremos.
 Vença já o jufto rogo —
 A dura força, Antonio, e reftituida
 Nos feja parte já do que em ti temos.
Eu digo o canto teu, eu digo a lira,
 Que te dá o louro Apollo,
 Para honra fua, e para gloria noffa,
 Que d'hum ao outro polo
 Soará; já te inspira
 Novo furor: ah folta o doce canto,
 Contra o qual nunca inveja, ou tempo poffa.
 Tardas, cruel; e em tanto
 Altos Reys, altas armas perdem nome.
 Encrucece-le-o Amor, quem ha, qu'o abrande!
 Quem ha, qu'a cãrgo tome
 As victorias de fama, e eterno efpano
 Dos Reys pãffados, quaes Deos fempre mande!
Altas victorias, em que tanta parte
 Tem inda os tão chegados
 Teus avós ao Real fangue, ás altas Quinas,
 De louro coroados

Por

Por mão do bravo Marte ;
 Ah porque lhes serão por ti negadas
 As altas Rimas de seus nomes dignas ?
 As bandeiras tomadas
 A Reys vencidos em tão justas guerras,
 Aquellas fortes mãos, que coroavam
 Reys grandes em suas terras
 Por ferro, e fogo de tão longe entradas
 A ti seu sangue já s'encomendavam.
 Mas em quanto tua sorte te não chama
 Das armas á dureza,
 (Inda tempo virá) com as Musas paga
 A antiga fortaleza
 Dos teus ; á immortal fama
 Que por exemplo ao Mundo sempre viva
 Contra a morte cruel, que tudo apaga ;
 Outr'hora a chama viva,
 Qu'o cego moço, onde quer, acende,
 Com teus suaves versos nos abranda.
 E a que nos tanto offende
 Cruel aljaba sua lhe cattiva.
 Isto te pede Apollo, isto te manda.
 Em quanto a léda, e branda idade dura
 Com seus lyrios, e flores,
 Com a cor viva, com o fogo inteiro,
 E em quanto dos amores
 Reyna doce brandura
 Livre da neve, que seu fogo esfria,
 E torna o ledo Abril, triste Janeiro,
 Ao som da fonte fria,
 A doce sombra do alto pinho, ou faya,
 Soe na branca canna a branda Flora,
 Ponha-se o Sol, ou faya,
 Não cesse o canto, que já mágoa cria
 No duro Amor, que já de brando chora.

D A S O D E S.

L I V R O II.

A O S E N H O R D. D U A R T E ,
F I L H O D O I N F A N T E D. D U A R T E .

O D E I.

S Erás escrito, e em alto som cantado
Da grave, e doce lira
D'Andrade pera ti sô dos Ceos dado,
Que á gloria, a que já aspira,
Igual favor-lhe inspira
Teu animo, DUARTE,
Planta real, honra de Apollo, e Marte.
Aos teus altos tropheos, que levantados
Com tanto espanto, e gloria
Já vejo; aos triumphaes arcs ornados
Das presas da victoria.
Alta, e immortal memoria
Dará, vivo na terra
Deixando teu grã nome em paz, e em guerra.
Não voa meu sprito a tanta alteza,
Não oufa vergonhosa
A baixa lira minha ante a grandeza
Daquella tam famosa
Trombeta gloriosa,
Que já ouço soar
Ou na Africana terra, ou no seu mar.
Quem do sangue infiel a gran corrente
De que se já alagando
O largo campo está, quem dignamente
Dirá o fogo, que alçando.

Se

Se vay aos Ceos, deixando
 Em cinza, e pó desfeitos
 Muros, Misquitas, armas, feros peitos?
 Em quanto tal não tento, e véda Apollo,
 Que os tam altos louvores
 Do grande Rey, senhor de polo a polo,
 Teu tio, dos mayores
 O mór: e os teus, menores
 Não faça, escurecendo
 Com baixo canto o qu'outro irá erguendo:
 Vay tu (isto oufarei pedir-te) dando
 Novo favor, e vida
 As altas Musas, que te estam chamando,
 Comece fer sentida
 De ti a voz, em que erguida
 Será tua clara fama,
 Que todo sprito já d'amor inflamma.

A P E R O D'ANDRADE CAMINHA.

O D E II.

Fogem, fogem ligeiros
 Nossos dias, e annos
 Andrade, que bem vive? que mal dura?
 O que foy dos primeiros,
 Será dos derradeiros.
 Iguaes aos bens os danos
 Todos vão dar em triste sepultura.
 Torna nova verdura,
 Torna Verão, e Inverno:
 Claro. após chuva o Sol, pôs noite o dia.
 Ah nossa ley tam dura!
 Depois da noite escura
 Do mortal sono eterno

Já mais torna esta luz qu'a vida via.
 Triste quem se confia
 Em cegas esperanças
 Que no mór nosso bem nos defenganam.
 Quem nome de alegrias
 Cá achou, como sabia
 Aver medo ás mudanças?
 Cruéis, que tanto podem, tanto danam!
 A fonte, donde manam
 De nosso erro os perigos,
 Qu'he, senão proprio amor mal conselhado?
 Desejos vaós, que enganam,
 E a pura alma profanam,
 E entregam a seus imigos,
 Donde tarde vem ser seu mal chorado.
 Quanto Mundo he passado!
 Soberbas Monarchias
 De Asia, de Grecia, e Roma imperios tantos,
 Que o Mundo sogigado
 Tinham, como forçado,
 Vês em quam poucos dias
 Cahiram suas grandezas? seus espantos?
 Que ficam, senão prantos,
 E saudades tristes
 Daquellas cousas grandes, que acabáram?
 Quantos triumphos, quantos
 Ledos, e doces cantos
 Passados tempos vistes,
 Que? senão mágoa, e espanto nos deixáram?
 Hay quanto em vão choráram.
 Após a dura morte
 Tam pouco ha nossos olhos saudosos!
 Quanto bem nos roubáram!
 Mas que choros bástáram
 Mudar a dura sorte

Dos crueis fados, tristes, invejosos?
 Sprito gloriosos
 Que desta baixa terra
 Fostes morar aos Ceos em clara alteza;
 Ditofos vós, ditofos,
 Que já victoriosos
 De tam misera guerra
 Despistes esta nossa vil baixeza.
 Cesse pois a tristeza,
 Cesse já a saudade
 Baixa, alça o sprito aos Ceos, pera que vejas
 Com que nova grandeza
 Vestida a fortaleza
 Já d'immortalidade
 De teu irmão está, qu'em vão desejas.

A FRANCISCO DE SA' DE MENEZES.

O D E III.

NAõ mostra em toda parte
 Igualmente o dourado
 Rayo o Sol; nem igual Verão, e Inverno,
 Nem lume igual reparte
 Daquelle fogo eterno
 Deos do Ceo cá nas almas inspirado.
 Hora hum á primeira hora
 Triste Saturno vio:
 Hora outro brando Jove, ou Phebo claro.
 Neste a vam Lua móra,
 Destoutro o sprito raro
 Só gloria: outro brando ocio só seguio.
 Eis hum á patria chama
 Triste, e cruel, chorada
 No mais alto latino, e grego canto;

Eis outro gloria, e fama
 Deixou, e eterno espanto
 Ao Mundo em sua memoria tam cantada.
 Eu tômo só o intento
 Da piadosa gente,
 Que honra justa quiz dar ao claro sprito,
 Não fazem annos cento,
 Mas o alto feito, ou dito
 Hum homem de mil homés differente.
 O rayo, que correndo
 Foi sempre com victoria,
 Em quanto gente achou, ou achou terra;
 Começava ir vivendo,
 E já fim dado á guerra
 Do Mundo tinha, e chea a clara historia.
 Olha em quam verdes annos,
 Em que tempo, a que imigo
 Foy, e tornou tam famoso o Africano,
 Só fim dos crueis danos,
 Qu'o grã povo Romano
 Padecia do odio cruel, e antigo.
 O sucessor de Julio,
 Que tres vezes fechou
 De Jano o templo, em paz de todo o Mundo:
 Em que idade o grã Tullio,
 Com seu saber profundo
 Por Principe do Mundo o nomeou?
 Ah tu Francisco viste
 A luz, que s'acendia
 Naquelle real sprito, que criaste:
 Porque inda tua alma triste
 Suspira, alli provaste
 Quam cedo o fogo a escuridão vencia.
 E tu quanto ha que mostras
 (Vencendo o sprito a idade)

Tão altas diferenças entre tantos!;
 Onde ás tam claras mostras
 Se acharão novos cantos,
 Qu' em parte igualar possam a verdade?
 Quantos outros gastarão.
 No Mundo escurecidos
 Mais annos, sem saber, sem fortaleza!
 Em vivos s'enterrarão
 Em infamia, e baixeza,
 Nem dos qu'então vivião conhecidos.
 Té quando a injusta ley,
 Té quando o máo costume
 Julgará pelas folhas, não por frutos?
 Imite a Deos o Rey:
 Já de cem annos muitos
 Moços forão, e mil moços derão lume.

A AFONSO VAZ CAMINHA

N A I N D I A .

O D E III.

JA generoso Afonso, já chegaste
 Aquella parte, a que de cá fugia
 Teu alto sprito, apôs a luz, que via
 D'alta virtude, que tu tanto amaste.
 Favoravel o Ceo, mar, vento achaste;
 Teu peito sempre igual, e sempre inteiro,
 Posto no verdadeiro
 Caminho d'alta gloria, e d'alta fama
 Vejo arder todo em gloriosa chamma.
 Vay ao esprito, vay co esprito usado
 Onde te chama a duvidosa forte-
 Triumpho da fortuna, e rouba á morte
 O nome, que dos Ceos te será dado.
 De sancto zelo, e sancta força armado

Pondo os olhos no Ceo, mãos nos imigos,
 Que medos, que perigos
 Contra ty poderáo? olha o bom pay,
 Que teu braço, e teu pé guiando vay.
 Onde os olhos porás, que os gloriosos
 Sinaes do seu fangue inda não vás vendo?
 Que terra irás pisando, ou mar correndo?
 Que os fortes braços vissem ociosos?
 Entre os feitos, e nomes lá famosos
 O animoso João verás escrito
 Com aquelle vivo sprito,
 Com qu'o teu t'arma, e anima, e cor a luz clara
 Do Ceo, ond'está, teu bom caminho aclara.
 Aprende (diz) de mim, filho, a virtude,
 E os honrosos trabalhos d'alta gloria,
 E do teu claro fangue assi a memoria
 Conserva, que a não gaste o tempo, ou mude.
 A poderosa mão de Deos ajude
 A tua, como a minha nessa idade,
 Com que pola verdade
 Da sancta Fé, de fangue, e pó cuberto
 Sejas medo ao imigo ao longe, e ao perto.
 Isto te diz teu pay: tu ouve, e guarda
 Nels'animo constante, ó bem nascido!
 Mas eis te vejo arder co sprito erguido
 Assi ao trabalho, que já crês, que tarda.
 Ah vence esse alvoroço, e o tempo aguarda
 Da boa occasião: ás vèzes dana.
 O muito esforço, e engana
 Confiado nas forças a esperança,
 Que seguida se quer com temperança.
 Ajuda Deos a boa fortaleza
 De conselho, e razão acompanhada:
 A força sobre si alevantada
 Despreza irado, e torna em vil fraqueza.

Oufou tentar a bayxa natureza
 Os alros Ceos: eis torres, eis Gigantes
 Tam efpantofos dantes
 Servidos num momento, e a mefma terra,
 Sobre quem affi fe alçavam, em fit os enterra.
 Do efpantofo Tigre, e do Lião
 As grandes forças vence a manha, e arte.
 Não davam fempore as forças ao grã Marte
 Victórias, nem o ardor do coração.
 Proprias armas dos homês são razão.
 Sirvam os membros ao corpo, elle á prudencia.
 A fancta obediencia
 Affi fundada, e ao Capitão devida
 Será do alto Ceo favorecida.
 Vença o confelho á força, e o bem defejo
 Da doce fama obedeça á justiça,
 E ant'a lultrofa honra, a vil cobiça
 Fuja, de todo hem defvio, e pejo.
 Mas em que me detenho? eu não te vejo
 O' meu Caminha, firme em tua carreira
 Correr á verdadeira
 Estrada, que te vay teu fprito abrindo,
 Teus bons avós, e teu bom pay seguindo?

A ANTONIO DE SA' DE MENEZES.

O D E V.

E Is nos torna a nacer o anno fermoso,
 Zefiro brando, e doce Primavera,
 Eis o campo cheirofo:
 Eis cinge o verde Louro já a nova Hera.
 Já do ar caydo géra
 O criftalino orvalho hervas, e flores,
 As Graças, e os Amores

Coroados de alegria
 Em doce companhia
 De Nymphas, e Pastores ao som brando
 Doces versos de Amor vão revezando.
Apôs a branda Deosa do terceiro
Ceo, que triumphando vay de Apollo, e Marte,
 E entre elles o frecheiro
 O feu doce fogo, onde quer, reparte.
 Fogem de toda parte
 Nuvés; a neve ao Sol té então dura
 Se converte em brandura,
 E d'alta, e fria ferra
 Cayndo, rega a terra
 Agoa já clara: a cujo som adormece
 Toda fera serpente, e o Myrtho cresce.
Renasce-o Mundo, e torna á fórma nova
 Do feu dia primeiro: o Sol mais puro
 Sua luz nos renova,
 E affugentando vay o Inverno escuro.
 O monte calvo, e duro,
 O valle dantes triste, e turvo rio,
 Ar tempestoso, e frio
 Os tornam graciosos
 Aquelles amorosos
 Olhos de Venus, faces de Cupido,
 Criando em toda parte hum Chipre, hum Gnido.
Já deixa o fogo o lavradôr, já o gado
 Da longa prisão solto corre, e falta
 Roendo o verde prado,
 Nem agoa clara, nem verdura falta.
 Eis tira da arvore alta
 Ou Progne com seu ninho, ou Philomena
 Tityro, e inda sem penna
 Cria a tenra ave ledo,
Por esperar que cedo

Do seu fermoso dom Cloris vencida
 Não soffrerá ser d'elle em vão seguida.
 Agora nós tambem nos coroemos
 O claro Antonio, de Hera, e Myrtho, e Louro,
 E mil ódes cantemos
 A branda Venus, mil a Apollo louro,
 Que com seu rayo de ouro
 A escura nuvem do teu peito aclára.
 Ah quanto suspirára!
 Ah como desfazendo
 Em tenro pranto, e erguendo
 Os olhos a ti, Phebo, Nise triste
 Chamar ó Sol, ó Sol com mágoa ouviste!
 Olho claro do Ceo, vida do Mundo,
 Luz, que a Lua, e estrellas alumias,
 O movedor segundo
 De quantas cousas cá na terra crias.
 Crespo Apollo, que os dias
 Trazes fermosos, e as douradas horas,
 Lá des's'alto, onde moras
 Com tua luz clara, e sancta,
 Que o máo Saturno espanta,
 Torna a Antonio, e conserva a luz primeira,
 Do puro sangue a cor, e a força inteira.
 Os mais brandos liquores, suaves çumãos
 Das mais saudaveis plantas busca; e colhe
 Os mais cheirosos fumos,
 Que Arabia em si, em si Sabá recolhe;
 Faze que onde quer que olhe
 O teu bom Sá, prazer, e riso, e canto
 Veja; ah Phebo, a quem tanto
 Teu claro lume adora,
 E ao Douro, que inda chora
 Do seu passado medo a viva mágoa,
 Não negues a hũ sam vida, a outro clara-agoa.

A vida foge , como ao Sol a sombra ,
 Quem poder viva , em quanto húa hora tarda ,
 Hora , que espanta , e assombra ,
 Nem escusa recebe , ou ponto aguarda .
 Quem sua vida guarda
 Para outro dia ? quem no leve vento
 Faz firme fundamento ?
 Anda o Ceo , volve o anno ,
 Mostrando o defengano
 Desta vida inconstante , e em fim mortal ,
 De bens escassa , prodiga do mal .
 O meu bom Sá , em quanto nos defende
 A vida breve longas esperanças ,
 Tu lêdo o sprito estende
 Por honestos prazeres , sans lembranças ,
 Livre das vás mudanças ,
 Em que andam os mais em forte ao vento postos ,
 Cos inconstantes rostos ;
 Lá sempre húm , sempre inteiro ,
 Seguindo o verdadeiro
 Caminho , que o alto Ceo te chama , e guia
 Contento vive o anno , o mez , e o dia .

D A S E L E G I A S .

A FRANCISCO DE SA' DE MENEZES ,

NA MORTE DO PRINCIPE D. JOÃO ,

A quem servio de Ayo , e Camareiro Mór .

E L E G I A I .

Tristissimo Francisco , quem podesse
 Por arte , ou por ingenho alcançar tanto ,
 Que meo a tuas lagrimas possesse !

Quem

Quem já fim a teu justo, e triste pranto
 Pedisse, cru feria: chora triste,
 Justo he teu choro, e meu desejo sancto.
 Acende mais o fogo, quem resiste /
 Na mór chamma. De cá te vejo arder
 Despois qu'o nosso lume morto viste.
 Aquella Real planta, que crescer
 Com tanta fermosura começava,
 Promettendo da terra aos Ceos s'erguer,
 Aquella flor fermosa, qu'alegrava
 Tantos olhos, e almas, que tua mão
 Com tanta diligencia nos criava,
 Colheram-ta ante tempo: já no chão
 Cortada, e seca jaz; vá-la seguindo
 Co alma, e co desejo, triste, em vão.
 Vejo-te ir em suspiros consumindo
 Aos Ceos queixoso, porque te apagaram
 A clara luz, que se hia descobrindo.
 Porque tam cruelmente te cortaram
 Teu bem, tua honra, e tantas esperanças,
 Quantas já para sempre nos faltaram:
 Como ouve tempo para taes mudanças,
 Dizes, ó Ceo? tal foy? e assi pasmado
 Com lagrymas acordas, e te lanças,
 Ah quam triste te he tudo, quam pesado!
 Tu mesmo a ti te trazes bem assi,
 Como por força hum grá peso arrastado.
 Deixa o pranto, Francisco, torna a ti,
 Fala contigo só, vay-te buscando,
 Tu a ti mesmo és necessario aqui.
 Olha quantos teu mal estão chorando,
 Olha o Mundo quão triste, e saudoso
 Fica do com, que tanto se hia honrando.
 Quanto vemos, quam triste, e quam queixoso
 Da morte está! mas, ah, que inda que seja

Cho-

Choroso a todos, he a ti mais choroso.
 Por mais que o mar, a terra, o Ceo se veja
 Chorar aquelle Principe, tu mais
 Choras, mais o ama tua alma, mais deseja.
 Esses suspiros teus, esses teus ays
 Tam justos, tam devidos, cá me foam,
 Co som das tristes lagrimas iguaes.
 As musas de Acipreste se coróam,
 E toda arvore triste: deixam louro,
 E ao som desse teu pranto, o seu entoam.
 Suas capellas, seu cabello d'ouro
 Arrancam, e desfazem, tu as guias,
 Dizendo perdeo o Mundo o seu thesouro.
 Ah que tu mais que todos conhecias
 Aquelle grá JOAM de ti criado
 Novo lumé, nova alma nelle vias.
 Pois tanto com razão será chorado
 Mais de ti, quanto ao Mundo promettendo
 Delle mais hias, a que foi roubado.
 Que grandezas não estavamos já crendo
 De seu sprito, e teu, qu'o informavas?
 Que fortuna, que guerra, ou mal temendo?
 Pô-lo publico bem te desvelavas
 Grá Francisco, tuas horas, e tua vida -
 Em nossa vida, e honra só gastavas.
 Hay tanta diligencia tão perdida
 De nós, que tu lá levas, real sprito,
 Aos Ceos, onde melhor he conhecida!
 Igual ao pensamento era teu dito,
 Igual ao dito a obra; se vivêras,
 Quanto nos cá de ti ficára escrito!
 Ao menos Reyno triste conheceras
 A industria de Francisco, em te criar
 Principe, com que mal nenhum temeras.
 Francisco eleito só para ensinar

Hum Príncipe a ser Príncipe, tambem
 O deixáram saber por ti reinar.
 D'hum bem fora pendendo outro môr bem,
 Que já s'hia mostrando; mas a morte
 Atalhou: sempre armada ao melhor vem.
 Isto teu peito generoso, e forte
 Sente só, e chora: o que de ti sabias
 Te faz mais dura a dor da triste forte.
 Conheceste a ti bem, e conhecias
 A nova idéa de Rey, porque esperavas
 Conforme a teu sprito, a que a fazias.
 Claros sinaes de tanto bem nos davas
 Príncipe sancto, todos em ti viamos
 Quam bem aquelle sprito em ti passavas.
 Os olhos, de que nós todos pendiamos,
 Pendiam de Francisco, que guiando
 T'os hia sempre ao bem, que nos queriamos:
 Esse teu alto sprito levantando
 Da terra tanto aos Ceos, té que subio
 Lá pera sempre, a terra desprezando.
 Quem em tão breve vida tanta vio?
 Quem em tam poucos dias tantos annos?
 Que sprito igual de hum corpo tal sahio?
 Ditoso tu, que livre dos enganos
 Do Mundo, e da fortuna, limpo, e puro
 Aos Ceos voaste, sem provar seus danos.
 Deixaste, clara estrella, o triste, e escuro
 Ar, de que cá vivias, quam luzente
 Entre os choros dos Anjos te figuro!
 Que baixa cousa te parece a gente!
 Que pouquidade o Mundo! vês o Rey
 Quam pouco he d'outros homés diferente.
 Qual já mais se livrou da geral ley?
 Veja, quem o não crer, tua morte agora,
 De que outra morte já m'espantarei?

Principe glorioso, não te chora
 A terra: não Francisco: só choramos
 Quanto em ti nos roubou hũa triste hora.
 Se contr'essa tua gloria desejamos
 Ver-te outra vez na terra, erro grande he;
 Perdoa-nos, senhor, com amor erramos.
 E tu Francisco, em quem mais certa fé
 Ficou do que sabias, nos desculpa,
 Nos Ceos, a qu'o guiafte, reyne, e estê.
 Tua he sua gloria: nossa sera a culpa
 Se lha invejarmos: d'amor he o desejo,
 Mas tal amor não quer, dos Ceos o culpa:
 Vive tu, grã Francisco, qu'eu o vejo
 Dos Ceos encommendar-te o seu thesouro,
 Que cá deixou, e eu em tuas mãos desejo.
 Não de pedras vás he, não de baixo ouro;
 Mas outro sprito seu, de que tremendo
 Já está o barbaro Turco, o Indio, o Mouro.
 Felicissimo parto, em que vivendo
 Estamos; vida nossa, que t'está
 O Reyno todo já em tuas mãos metendo.
 Por tua mão, Francisco, crescerá
 Felicemente. Deos, que no-lo deo,
 Igual ao sancto pay por ti o fará.
 Aqui repoufará o sprito teu,
 Quanto viste em sinaes, e em figura
 No pay, Deos quis guardar a este dom seu.
 Augusto SEBASTIAM, qu'alta escriptura
 Encherá, começando por tua guia
 Obedecer aos Ceos, a elle a ventura.
 Enxuguem-se teus olhos, já se cria,
 A quem tu serás Nestor, quem da terra
 Tarde aos Ceos subirá, luz, e alegria
 Do Mundo, grande em paz, e grande em guerra.

NA MORTE DE DIOGO DE BETANCOR.

E L E G I A II.

Darei choros, ou cantos á tua morte
 Meu Betancor? á tua verde idade
 Direi ditosa, ou triste a dura sorte?
 Lagrimas pede minha faudade,
 É aquelle amor tam vivo, inteiro, e puro,
 Que fez de ti, e de mim hũa só vontade.
 Como ferá meu coração tam duro,
 Que te não chame, que te não suspire,
 Pois sem ti acho todo este ar escuro?
 Que cousa póde vir, que mude, ou tire
 A lembrança de ti, meu doce amigo?
 Que cousa, a que já ledo os olhos vire?
 Chorarei eu, e chorarão comigo
 Musas, Graças, brandura, e cortesia,
 E tudo o mais, que se nos foy contigo.
 Aquella alta esperança, que crescia
 Cada vez mais do teu divino espirito,
 Como nos enganou nossa alegria!
 Tu alçaras ao longe hum alto grito
 De gloriosa fama; em toda a parte
 Se cantára teu nome, e teu escrito.
 Aquelle raro ingenho de tanta arte,
 Tanto estudo, e doutrina culto, e ornado
 Que versos dera a Amor, que canto a Marte!
 Aquelle raro ingenho tam criado
 No vosso feo dos primeiros dias
 Por vós, ó Musas, fora coroado.
 Já crescias nova Hera, já crescias
 Novo Laureiro pera dar coroa
 A quem tam justamente te devias.

Quem

Quem a Mantua fizera igual Lisboa,
 Quem a corrente de Arno déra ao Têjo,
 E a doce frauta; qu'em Arcadia foa.
 Com que doce facundia, e bom despejo
 Soára a viva voz na verdadeira
 Doutrina, a que aspirava seu desejo!
 Que caminho tam chão, que tal carreira
 Hias, meu Betancor, ledo correndo,
 S'a morte não corrêra mais ligeira!
 Foy sempre a clara luz resplandecendo
 Do fogo em ti aceso, alto, e divino,
 Que tantos bens nos hia promettendo.
 Sprito raro, de mil annos digno,
 Todo de Deos, e de saber composto
 Julgaste o meu amor do teu indigno?
 Levaste-me da vida o doce gosto
 Que teu tam brando amor de si me dava;
 Fico eu sem ti, como em deserto posto.
 Quanta parte des's'alma tua tomava
 Esta minh'alma, tanta me falece
 Da vida, que contigo m'alegrava.
 Agora em mágoa minha reverdece
 O alegre tempo já tam bem vivido,
 Que tam doces memorias m'offerece.
 Quando tam bem cantado, e bem ouvido
 Era de nós teu verso culto, e brando
 Digno de ser em toda parte lido.
 Estavam as brandas Nymphas escuitando
 Do Mondego então ledo, hora faudoso,
 Qu'o seu bom Betancor estão chamando.
 Torna, ah torna, bom sprito, ao amoroso
 Seo das Nymphas, que te tal criáram,
 Das suas flores, e agoas tam mimoso.
 Como cruel? assi em vão t'ornáram
 Dos melhores dôes seus? assi t'alçaste

Ingrato, co qu'em ti entheſouráram?
Ah torna (dizem) qu'inda não levaste
A coroa devida a eſſas tuas fronteſ.
Affi noſſos amores deſprezaſte?
Quantos valles piſamos, quantos montes,
Meu Betancor, colhendo hervas, e flores!
Quantos rios bebemos, quantas fonteſ!
Hora cántando a vida dos Paſtores,
Que tu amavas tanto: hora eſcrevendo
Nos tenros troncos noſſos bons amores.
Outr'hora hum ouvindo, outro dizendo
Aquelles ſãos conſelhos, bons ſegredos,
Com que hũ'alma, a outra alma eſtava vendo.
Ouvideſ ſó dos Ceos, e dos penedos,
Das manſas aves, e das agoas claras,
Que nós ambos banhavam, eſtando quedos.
Quantas verdades, e ſimprezas claras
Guardareis ſempre em vós, boſques ſombrios,
Ditoſo tempo, ſe me mais duráras!
Em fim ao rio a fonte, ao mar os rios
Correm; mas mais ligeiras noſſas vidas,
Que affi nos pendem de tam fracos fioſ!
Mas não ſe dirá nunca que perdidas
Foram no Mundo tuas breves horas,
Antes em melhor vida convertidas.
Ditoſo tu, meu Betancor, que moras
Na eterna vida, na luz ſempre clara,
Onde o ſummo bem ſempre vês, adoras!
Quem fora tam ditoſo, que cortára
Contigo eſt'alto mar, fugindo o pego,
E contigo batendo aſas, voára!
Ah que duro deſerto, e carcer cego
Fugiſte, alma ditoſa, e bem levada
A gloria, que eu chorando, mal te nego.
Antes ferá de mi ſempre cantada

A ditosa hora, que tam levemente
 Te passou a essa eterna, alta morada.
 De boca em boca irá, de gente em gente
 Sempre vivo teu nome. E aquelle dia,
 Que aos altos Ceos voaste eternamente,
 M'encherá de faudade, e de alegria.

A M A Y O.

E L E G I A III.

V Em Mayo de mil hervas, de mil flores
 As frontes coroadas, e riso, e canto,
 Com Venus, com Cupido, cos Amores.
 Vença o prazer á dor, o riso ao pranto,
 Vá-se longe daqui cuidado duro,
 Em quanto o lédo mez de Venus canto.
 Eis mais alva a menham, mais claro, e puro
 Do Sol o rayo: eis correm mais termosas
 Nuvés afugentando o ar grosso, e escuro.
 Sac a branda Diana entre as lumiosas
 Estrellas tal, qual já ao pastor fermoso
 Veo pagar mil horas faudosas.
 Mar brandó, sereno ar, campo cheiroso,
 Foge a Tristeza, o Prazer solto voa,
 O dia mais dourado, e vagaroso.
 Tecendo as Graças vão nova coroa
 De Myrtho á máy, ao filho mil Spritos,
 O fogo resplandece, a aljaba soa.
 Mil versos, e mil vozes, e mil gritos.
 Todos de doce amor, e de brandura,
 Hús s'ouvem, hús nos troncos ficam escritos.
 Ali soberba vem a Ferosura,
 Após ella a Affeição cega, e cativa
 Quanto húa mais chorosa, outra mais dura.

Ah

Ah mahda Amor affi: affi quer que viva
Contente a triste, do que seu Deos manda,
Deseja inda mais dor; pena mais viva.
Mas quanto o moço encruece, a máy abranda,
Ella a peçonha, e o fogo lhe tempéra:
Affi senhora de mil almas anda.

Ali o Engano em seu mal cego espera
Hú'hora doce: ali o Encolhimento
Sem cauza de si mesmo defespera.

Aos olhos vem atado o Pensamento,
Não voa a mais qu'ao qu'ali tem presente,
E em tanto mal, tudo he contentamento.

Em riso, em festa corre a léda gente.
Traç o fermoso fogo, em que sempr'arde,
Cada hum, quanto mais arde, mais contente.

Manda Venus ao Sol menham, e tarde
Que seus crespos cabellos lóure, e estenda,
Qu'em vir s'apresse, qu'em se tornar tarde.

Ao brando Norte, que assopre, e defenda
Do ardor da festa a branda companhia,
Em quanto alçam de Myrtho fresca tenda.

Corre por toda parte clara, e fria
Agoa: cae doce sombra do alto Louro,
Canta toda ave canto d'alegria.

Ella a neve descobre, e solta o ouro:
Banham-na as Graças na mais clara fonte;
Aparece d'Amor rico thesouro.

Cacm mil flores da dourada fronte,
Arde d'Amor o bosque, arde a alta serra,
Aos olhos reverdece o campo, e o monte.

Despende Amor seus tiros, nenhum erra,
Mil de baixo metal, algum do fino,
Fica de seus despojos chea a terra.

Vencida d'húa molher, e d'hum minino.

A D. L U I Z F E R N A N D E S
 D E V A S C O N C E L L O S ,
 V I N D O D A I N D I A .

E L E G I A I I I .

Clarissimo Luiz, a nova vida
 Por comús rogos bons cá bem tornado,
 Fique a fortuna má sempre vencida.
 De todos igualmente desejado,
 Alegre a todos vês, e ás Musas brandas,
 Que tu cantas tambem, de que és cantado.
 Em quanto d'hum naufragio em outro andas
 Das ondas, e dos ventos revolvido,
 E lentas esperanças de ti mandas,
 Outro Grego, ou Troyano não vencido
 Dos seus duros trabalhos, nos tornaste
 Assim inda mais claro, e conhecido.
 Da fortuna, e dos ventos triumphaste
 Igual áquelles animofos peitos:
 E como ouro no fogo, o teu provaste.
 Não frias sombras, não os brandos leitões.
 Altos spritos provam: que ociosos
 Se gastam, e como em cinza estão desfeitos.
 Melhor comprados foram, mais custofos
 Aquelles nomes altos, que inda soam,
 Dos que virtude, e esforço fez famofos.
 Inda entre nós de boca em boca voam
 De tanto tempo já os spritos puros:
 Inda de verdes folhas se coroam.
 Por duras armas, por trabalhos duros
 Varios costumes, varias gentes vendo
 Tornáram inda erguer fermofos muros.

Ho.

Hora a furia do bravo mar rompendo,
 Hora os lançava a forte á praya imiga
 Quanto môres perigos, mais vencendo.
 Pôdes entrar, Luiz, na historia antiga
 De tantos da fortuna vencedores,
 Que já ao teu alto sprito se fogiga.
 Rico vens de trabalhos, e louvores
 Dignos dessa constancia inteira, e forte
 Rara nos grandes Reys, e Emperadores.
 Mil vezes posto em duvidosa forte
 Fizeste só ajudado do teu sprito
 Enganos illustriſsimos á morte.
 Serás cantado pois, serás escrito
 Entre os claros spritos d'alta fama,
 De que inda tanto ouvimos, tanto he dito.
 Nova luz deste á gloriosa châma
 Em que os claros avós teus sempre ardêram,
 Que já a teus filhos altamente chama.
 Tu pois os justos fados te volvêram
 A tantos olhos de ti faudosos,
 E ós honrosos trabalhos fim poſeram,
 Descansa já nos braços amorosos
 De quantos com amor te suspiravam,
 E vive doces dias ociosos.
 Por ti as Musas tristes não cantavam;
 Novos cantos entoam, novas liras
 Para a tua léda vinda te guardavam.
 Deixa as iras de Marte, deixa as iras
 Do furioso mar, e bravos ventos,
 Em que mais males viste, dos que ouviras.
 Quieta agora os altos pensamentos.
 Tuas armas pendura: enxuga as roupas.
 Logra com paz teus bons contentamentos,
 Bem deves á tua vida, se a bem poupas.

A P E R O D' A N D R A D E C A M I N I

E M R E P O S T A D O U T R A S U A .

E L E G I A V .

NÃO tinha visto Sol daquelle dia,
 Qu'o meu se me eclypsou, deixando escuro
 Quanto d'antes alegre, e claro via.
 Nem meu sprito, que no golpe duro
 De todo me cahio, podia alçar-se;
 Nem achava á sua dor lugar seguro.
 E esta alma deseiosa de soltar-se
 Deste carcer cruel, qu'a tem forçada,
 Tentava por si mesma desatar-se.
 Assim lhe ficou viva, assim entalhada,
 Mais qu'em duro metal, ou em diamante
 Aquella de mim nunca affaz chorada.
 Quando húa nova luz se pôs diante
 Dos meus olhos, qual vem a manhã clara
 Rompendo as grossas nuvês de Levante.
 Eu digo aquella doce, aquella rara
 Melodia do teu verso tam brando,
 Cujo suave som todo ar aclara.
 Aquella luz fermosa olhos alçando,
 Vi novo dia, e Sol, que com seu rayo
 A triste noite m'hia afugentando.
 E inda provando erguer-me, Andrade, cayo,
 Combate ao fraco sprito a dor antiga:
 E como a desafio em campo layo.
 Mostraste á alma estrada cham, que siga,
 Conheço, amigo, minha grã fraqueza,
 De todo seu remedio cruel imiga.
 Armado tinha o peito de dureza
 Contra mim mesmo, e contra a poderosa,

E commum ley da humana natureza.
 Aspera sempre, e então mais rigurosa,
 Quando hum amor de duas almas parte,
 Contra a que fica menos piadosa.
 Andrade, que farey? qu'a melhor parte
 De mim perdi; hay pera sempre triste,
 Que cobrá-la não val já força, ou arte!
 Aquelle doce fogo, em que me viste
 Contento arder soberbo do meu fado,
 A que já cantos mil alçar me ouviste:
 Aquelle nó, que docemente atado
 Me tinha em suave jugo, em prisão léda,
 Tam cruelmente assi me foy cortado!
 Quem de tam alto deu tam triste quéda?
 Ficando só por seu remedio a morte?
 Quem suas justas lagrimas lhe veda?
 E qual será hum coração tam forte,
 Antes barbaro, cru, e adamantino,
 Que golpe tam cruel não quebre, ou córte?
 E pude eu ver, Marilia, o teu divino
 Sprito d'amor todo, e de brandura
 Desemparrar teu peito delle digno?
 E pude eu ver aquella fermosura
 Dos teus olhos, qu'os arcs ferenava,
 Ficar-me assi ante os olhos céga, e escura?
 E aquella doce voz, que m'encantava
 En re rubis formada, e perlas finas
 Qu'os mais furiosos ventos abrandava,
 E mil outras, não humanas, mas divinas
 Graças assi enterradas num momento,
 Que de mil annos pareciam dignas?
 Ah falsos bens! quem crêra qu'eram vento
 Tantas verdades, tantos bons amores
 Inda d'outros mayores fundamento?
 Crescei mágoas crueis, e crescei dores,

Quebrai o vagoroso, e triste fio,
 Qu'alonga a cruel Parca em seus labores.
 Levou-me a dôr, Andrade, mas confio
 Que perdoarás á força do costume,
 Mais poderosa, quando a contrario.
 Vi com tua claridade novo lume,
 Abrio-se-me o Ceo todo, e ali vi escrito
 Quanto teu douto verso me resume.
 Alcei os olhos c'um piadoso grito,
 Pequei, disse, senhor: usai piedade:
 E deça novo esforço ao fraco sprito.
 Vença a razão a tam cega vontade,
 Levante hum alto muro de paciencia,
 Deixe já as sombras vãs pola verdade.
 O qu'o tempo obra ao longe, obre a prudencia
 Com cedo: (assi me dizes) nisso posto
 Faço já á minha dor mais resistencia.
 Enxugo os olhos, contrafaço o rosto,
 O fogo porém dentro lavra, e arde.
 Est'he da minha vida o só meu gosto.
 Foge-me a morte; mas por mais que tarde,
 Esta alma em sua prizão sua hora espera,
 Que pois não veo então já me vem tarde.
 Quem m'aquella ditosa estrella déra
 Dos teus tam sanctos pays, qu'ambos hñ'hora
 Juntou nos Ceos em mór amor do qu'era!
 Quem se já visse onde Marilia mora!
 Lá nos Ceos mais amiga, e mais fermosa:
 Qu'outra cousa suspira est'alma, ou chora:
 Inda a vejo de mim lá faudosa,
 O caminho me mostra, a mão m'estende,
 Toda risonha, e toda graciosa.
 E o rayo aparta, que me a vista offende
 Daquella claridade Impiria, e nova,
 Qu'olho mortal não vê cá, nem comprende.

São (me diz) sanctas obras certa prôva
 D'alma, qu'este lugar alto deseja.
 Deixa lagrimas vãs, a alma renova.
 Se m'amas (amigo) o amor seja
 Conservares lá bem tua vida pura
 Té qu'o Senhor te chame, e eu cá te veja.
 Aquella, que chamavas fermosura,
 Foy sombra vam, tornou-se, o qu'era, em terra.
 Outros mais altos bens de cá procura:
 Aos falsos bens do Mundo os olhos cerra.

A AFONSO D'ALBOQUERQUE

EM LOUVOR DOS COMMENTARIOS,
 que compôs dos grandes feitos de seu pay.

E L E G I A VI.

Afonso d'Albuquerque, por ti escrito
 Teu clarissimo pay vive, e florece,
 De quem co nome herdaste es'alto. sprito:
E o teu branco Carvalho reverdece
 De mais fermosas folhas, novas flores,
 De que inda seu real tronco se guarnece.
Fizeste teus, os seus claros louvores,
 Dando-lhe eterno assento entre a memoria
 Dos grandes Capitães, e Emperadores.
E renovaste nelle a antiga historia
 Do grande Macedonio, que parece
 Mostrar inveja desta nova gloria.
Com quanto já de longe resplandece
 Seu rayo, e a tua nua, e cham pintura
 Nova aos olhos do Mundo se offerece.
Vestida de sua propria fermosura,
 Não de outras cores vãs, e lisongeiras

Aparece a verdade clara, e pura.
 Testemunhas serão as Reaes bandeiras,
 Que vencedoras vio o Sol Oriente
 Lá nas prayas do mar mais derradeiras.
 De Persia, e Arabia a tributaria gente
 Viram de feu despojo as prayas cheas,
 E do barbaro fangue a grã corrente.
 Turvaram o Nilo, o Gange, o Hydaspe as veas
 Vendo altas fortalezas levantadas,
 E o vencedor pendão entr'as ameaas.
 De Méca as portas té então cerradas
 Tremêram ver-se, não sómente abertas,
 Mas do grande Alboquerque conquistadas,
 Quantas Ilhas, e terras descubertas
 Foram por elle ao Mundo? quantas minas
 D'ouro té li a todos encubertas?
 Quem mais gloriosas fez as Reaes Quinas?
 Quem o Portuguez nome mais famoso
 Com mais victorias de triumpho dignas?
 Ousado Capitão, e venturoso,
 S'a morte não cortára teus intentos,
 Que fruto inda nos déras tam fermoso!
 A ti se devem os altos fundamentos
 Do Oriental Imperio, qu'inda dura
 Firme entre tanto mar, e tantos ventos.
 Não pode a inveja a clara fermosura
 Escurecer da tua viva fama,
 Por mais que contra ti s'armassê dura.
 Rompeo o rayo da tua alta chamma
 As vás nevoas: venceste, e vê s'agora
 O teu tam alto sprito, qu'o Mundo ama.
 Inda hoje Roma, inda hoje Grecia chora
 Dos seus bós Capitães premios escuros:
 E mortos os suspira, honra, e adora.
 Quantos trophéos alçados, quantos muros

Rotos a suas victorias se trocaram
Depois a muitos em d'esterros duros!
Nunca igualmente se galardóaram
Em vida os altos feitos: só na morte
Seu verdadeiro premio, e honra acháram.
Louvou-se, agora espanta o peito forte
Do teu illustre pay, a alta paciencia,
Qu'em tudo lhe deu tam ditosa sorte!
Espanta a ousadia com a prudencia,
Que juntas nelle igualmente venciam,
A constancia, a justiça, a continencia.
Desprezando as vãs vozes, que impediam
O nosso bem, tudo venceo soffrendo;
Que premios a este Fabio se deviam?
Quanto suou, quanto soffreo vivendo
Tu lho pagaste agora, filho digno
De tal pay, que immortal foste fazendo.
Não falo no alto premio, que ao divino
Sprito seu nos Ceos lhe será dado,
De que por obras não parece indigno.
Falo na terra, em que nenhum estado,
Nenhum titulo illustre igual seria
A honra de o ter tambem ganhado.
Toda piedade, e amor, que se devia
De tal filho a tal pay, tens bem comprado,
Tornando-lhe a sua noite em claro dia.
Não está toda honra no sepulchro erguido.
Mausoléos aos mortos não dão vida,
Que em fim tudo por tempo he consumido.
Mais he vencer o tempo, e ter erguida
Húa viva estatuá contra a morte, e della
Triumphar. D'ambos já fica vencida,
D'ambos direi ditosa a clara estrella.

A M O R F U G I D O .

D E M O S C H O .

E L E G I A V I I .

C Orrendo os prados vay, correndo os montes
 Cabello solto ao vento, dos pés nua,
 Deixados os seus banhos, e suas fontes,
 Em busca de Cupido a triste sua
 Má, e cativa Venus, voz em grito,
 Suspira, e chora, e cansa, e geme, e sua.
O filho, minhas forças, meu sprito,
 (Grita) meu só poder, minha alegria,
 Por quem meu nome he tam cantado, e escrito!
Onde te foste affi cego, e sem guia?
 Onde minino, e só por mil desertos
 Meu só prazer, e doce companhia?
Em toda parte tens imigos certos,
 E tu voando vás com as leves pennas,
 Não deixam rasto teus passos incertos.
Affi deixaste Nimphas, e Camenas?
 Affi meus doces cantos, e instrumentos?
 As fontes frias, ribeiras amenas?
Tornay-me meu Amor, se o levas ventos.
 Tornay-me meu Amor, se o banhaes agoas.
 Soltay-mo, se o lá tendes, pensamentos.
As frias neves, as ardentes fragoas,
 Em que tremeis, e ardeis; temperarey,
 Doam-vos os que ouvis as minhas mágoas.
Nimphas, por hum prazer, mil vos darey.
 Faunos, eu pagarey vossos amores.
 Tornay-me o Amor, que eu vo-lo tornarey.
Abri vossas choupanas, meus Pastores,
 Descobri-me, se o tendes, meu theouro,

Eu

Eu o farey piadoso a vossas dores.
 Bons sinais tem meu filho: crespo, e louro,
 Não muito alvo do corpo, a cor parece
 De vivo fogo; e leva aljaba d'ouro.
 Quem inda o não vio bem, nem o conhece
 Não crea á sua idade, á sua brandura,
 Quando mais manso está, mais s'encrucece:
 Velho na idade, moço na figura,
 Joga, graceja, e ri; e entre riso, e graça
 Almas fere; as feridas são sem cura.
 Não ha virtude, que não contrafaça,
 E nelle não ha virtude, nem vergonha,
 E sempre busca onde mór mal vos faça.
 Pequeno corpo, grande, e nia peçonha,
 Braço pequeno, a força de Gigante,
 Cego, e não erra onde sua féta ponha.
 Quem ha, a quem sua mão destra não espante?
 De que treme inda lá o Reino escuro?
 Tu Proserpina o dizê, Orpheo o cante.
 Tem alas, com que voa pelo ar puro.
 Affi voando vay, e vay ferindo,
 Não yal defença, ou arma, ou forte muro.
 D'húa parte, e d'outra vão caindo
 Mil mortos, mil feridos, chea a terra,
 Os clamores em vão aos Ceos sobindo.
 He nú, e pobre, vive da sua guerra;
 E sendo a todos tam claro perigo,
 Quem menos o ama, e honra, cuida qu'erra.
 Tambem da propria máy sua he imigo.
 Como? e não me ferio? pois entregay-mo,
 Que nunca fareis delle bom amigo.
 S'acertardes de o avêr á mão, atay-mo,
 Não ajaes de suas lagrymas piedade,
 Que chora, quando quer, chorando day-mo?
 Nem com branduras vos mude a vontade:

Então lhe lançai mais fortes cadeas,
 Olhay, qu'essa brandura he crueldade.
 Que vos prometta os mares, e as areas,
 Não lho creaes, não lhe queiraes seu bejo,
 Que hi tem o fogo, qu'arde em fangue, e veas,
 E cega os olhos, engana o desejo.

A M O R P E R D I D O .

D E A N A C R E O N T E .

E L E G I A V I I I .

E Ra alta noite, quando descansava
 Dos trabalhos do dia a humana gente,
 E já á mão de Boote Ursa virava.
 Amor me bate á porta: eu impaciente
 Quem he, digo, o que bate a tam más horas?
 E meu sono me quebra cruelmente?
 Abre-me (diz) quem quer qu'es, qu'aqui moras,
 Qu'eu sou Cupido, que perdido ando
 Por esta escura noite assi a desoras.
 Quem me recolha, e aquente ando buscando
 Morto de frio, da chuva orvalhado:
 Não te temas de mim minino brando.
 Ergo-me á pressa: e de mágoa cortado
 Lume accendo, abro a porta, entra tremendo
 O moço todo frio, e enregelado.
 Vejo que de seus ombros vem pendendo
 Húa aljaba, vejo arco, e asas vejo,
 De nada disto então me estou temendo.
 Ao fogo o ponho, o enxugo, o abraço, e bejo.
 Aqueento-lhe entre as minhas as mãos suas.
 Sirvo com todo amor, e bom desejo.
 Alimpo-lhe a agoa, que das carnes nuas

Dos

Dos seus louros cabellos corre em fio,
 E soffres (digo) Amor, noites tam cruas?
 Em quanto o animo, em quanto delle fio,
 Está calado, e quedo: e em quanto o fogo
 Lhe aquece o brando corpo, e vence o frio.
 Tanto que aquece, toma o arco logo,
 E provar quero, diz, se danou a agoa
 Meu arco; e arma-o, como em riso, e jogo.
 Em mim o defarma: em mim húa viva fragoa
 Se acende: e rindo prestesmente voa,
 E inda o cruel dá mágoa sobre mágoa.
 Folga, ó hospede (diz) com a nova boa,
 Que bom levo meu arco: fica embora.
 Mais duro sou do que meu nome foa.
 O bem, que me fizeste, em ti o chora.

A SANTA MARIA MAGDALENA.

E L E G I A IX.

A Quella, a quem foi muito perdoado,
 Porque amou muito; o peito em fogo, em agoa
 Os olhos, a alma toda num cuidado;
 Aquella santa pedra, e viva fragoa
 Do seu amor se vay, os Ceos, e terra
 Enchendo de suspiros, e de mágoa.
 Mas no piadoso zelo a tenção erra
 D'ungir o morto, não de esperar vivo
 Quem fez com a sua á nossa morte guerra.
 Quem com sua prisão o Mundo cativo
 Libertou do poder, e tyrannia
 Do escuro reyno, e fogo sempre vivo.
 O véo do templo roto, em noite o dia,
 As pedras, o tremor, geral tristeza
 Mais que homem o confessava, e descobria.

Na morte a vida estava, a honra, e riqueza
 Em pobreza, e infamia: a certa gloria
 No mór desprezo posta, mór baixaza.
Mas já os ricos despojos da victoria
 Aos **Ceos** levára, e abrindo a **immortal** vida,
 Glorioso fim déra á sua historia.
Já d'aquella luz clara, que escondida
 Andava, os claros rayos seus soltando,
 A santa humanidade era vestida.
MADALENA, que a estrada vay pisando,
 Por onde á morte foy, por quem suspira,
 A alma ao qu'os olhos vem está só dando.
De saudade chea, e chea de ira,
 Do seu amor, da cruel gente féra,
 Daquella terra alma, nem boca tira.
Se por homem só o chora, que fizera
 Alumiada d'outro novo sprito,
 Se quem lho deu despois, então lho déra?
Falece já agoa aos olhos, voz ao grito,
 Arde toda em amor, arde em lembrança
 D'aquelle, que em sua alma traz escrito.
Leva pintada a viva semelhança
 Ante os olhos, do seu rosto fermoso,
 Em que a ira despois fez cruel mudança.
Aqui descabellado, aqui choroso,
 Diz, hia o meu Senhor; aqui despido
 Pareceo ante todos lastimoso.
Co peso da grã Cruz aqui cahido
 De seu sangue, suor, e pó cuberto,
 Aqui entre dous ladroés nella estendido.
Co sprito quebrado, o peito aberto
 Hora cae **MADALENA**, hora esmorece.
 Chega ao sepulchro, Sol já descuberto.
Busca o lugar, a pedra reconhece,
 Quem a revolverá? eis torna ao pranto.

Mas

Mas á fãnta tenção Deos não falece.
 Eis a pedra revolta, eis novo espanto :
 De neve, e Sol vestido hum Anjo claro
 Está sentado no sepulchro santo.
 Diz-lhe que resurgio seu doce, e charo
 Senhor, e co alma léda vay correndo
 Consolar do bom PEDRO o desamparo.
 Ella torna com elle, e inda não crendo
 Tamanho bem, só fica no moimento
 Em vivo fogo os olhos desfazendo.
 Ah MARIA, levanta o pensamento.
 Porque entre os mortos buscas quem a vida
 A terra trouxe, e tem no Ceo o assento?
 Aquella piedade concedida
 Tam larga a teus. erros, como agora
 Parece que he de ti mal entendida?
 Quem teu Lazaro morto chamou fóra
 Da sepultura, já de quatro dias,
 Como tua pouca fé por só homem chora?
 A quantos olhos luz, a quantos vias
 Dar mãos, e pés, e lingoas, que cantando
 Delle hiam altas grandezas, que tú crias?
 O unguento, que estavas derramando
 Sobr'a sua cabeça, não mostrava
 Que em vivo já o estava sepultando?
 Já aquella grã carreira, que esperava,
 Correo com grã victoria o grã Gigante.
 Já o templo restaurou, que derribava.
 Vencedor glorioso, e triumphante
 A tunica deixando dada em forte
 Se vestio d'outra nova de diamante.
 Já o vendido Joseph, já o Sansão forte
 Preso, o grã Jonas na Balea metido,
 He livre, as portas quebra, mata a morte.
 Como manso Cordeiro offercido

Por si á morte, como gráo Lião
 Vence o tribu de Juda promettido.
 O sudario, e despojos, que hi vês, dão
 Claro final, que como verdadeiro
 Deos se ergueo Deos, o teu temor he vão.
 E a Galilea, disse, que primciro
 Iria ter que os seus; da mão direita
 Do pay virá no dia derradeiro.
 Piadoso Senhor, de amor fogeita,
 Inda que baixo amor, s'engana, e cega
 MARIA, mais não vê, mais não sospeita.
 Inda cos cravos teus sua alma préga.
 Representa-lhe a dor, e faudade
 A humana vista, a mais alta lhe nega.
 Mas tu tambem movido de piedade
 Das lagrimas, qu'em ti não são perdidas,
 Lhe enche, do que deseja, sua vontade.
 Não podem, grá Senhor, ser comprehendidas
 Tuas grandezas, entende-las-ha
 Por ti, Deos, logo della seráo cridas.
 Chorando no moymento por ti está:
 Mandas teus Anjos, tu tambem pareces.
 Quanto alcança de ti quem se te dá!
 Ah MARIA, quem amas, não conheces?
 Esse he o grande hortelão, o que planta a vinha,
 Em que tu teu jornal tambem mereces.
 Tal forma á tua fraca fé convinha,
 A vista se r'encobre, á voz s'aclara,
 A voz, qu'em ti tam branda força tinha.
 Aquella fermosura aos Ceos tam chara
 Não a podes tocar té de luz nova
 Teres a vista, e alma inda mais clara.
 Em teu sprito. a antiga fé renova.
 Este he o qu'antes sohas Deos chamar,
 Torna a seus irmãos já co'alegre nova.

Ditosa, que primeiro a podes dar:
 Por tí sua divindade s'apregoa,
 A elles a humanidade quis mostrar.
 Ditosa, que tam alta, e grã coroa
 De gloria mereceste! ah grande amor,
 Qu'a tanto chega, a tanto sobe, e voa!
 Gloriosa MARIA, esse fervor,
 Em que tua alma ardia, a grã corrente,
 Em que a lavaste pera o grã Senhor,
 Inflamme, e abrande a fria, e dura gente.

DAS ELOGOS.

ARCHIGAMIA.

ELOGO I.

*Castilio.**Serrano.*

NO tempo, qu'o cruel, e furioso
 Imigo dos Pastores, e dos gados,
 Da terra, e das sementes bellicoso
 Marte, segundo contam, por peccados
 Do Mundo, contra o Mundo tam iroso
 Desceo, que té os lugares mais sagrados
 Affi com ferro, e fogo commetteo,
 Que tudo de ira, cinza, e sangue encheo.
 Nas derradeiras partes do Occidente,
 Onde o Sol de cansado se refaz
 De nova luz, pera a tornar á gente
 Donde se parte, que ás escuras jaz,
 E pola que ali deixa, outra excellente
 Leva, e muito mais clara da que traz,
 O pacifico JOAM, e piadoso

Rey.

Reynava então, no Mundo glorioso.
 Eu digo aquelle Rey de grandes Reys,
 Que deſdo Téjo muito além do Nilo
 Com ſuas armas obrigou, e leis
 Tomá-lo todos por ſeu Rey, e ſervi-lo.
 Filho daquelle, que no mar vereis
 Em Balea ſentado, ou Crocodilo
 Em lugar de Neptuno, e ſeu tridente
 Na mão, como ſeu Rey, e de ſua gente.
 Foi eſte Rey dos Ceos á terra dado
 Para remedio da que ſe perdia
 Paz já no Mundo: nunca tam cerrado
 Eſteve Jano, que d'antes ſohia
 Abrir ſe a cada paſſo, no paſſado
 Tempo, que em ira, e odio todo ardia.
 Aſſi preſa em cadêas teve a guerra,
 Que ſó paz reinou ſempre em ſua terra.
 Cantavam os Paſtores deſcansados
 Pelos valles, e campos tam ſeguros,
 De ſi, e de ſeus rebanhos deſcuidados,
 Como quem não temia os mãos, e duros
 Imigos, de que foſſem ſalteados.
 Suas choupanas eram fortes muros.
 Seus verſos, e cantigas todas eram
 Louvar o ſeu bom Rey, que os Ceos lhes déram.
 Crescia a groſſa eſpiga, e ſe ſegava,
 Deſpois que já quebrava de madura,
 Daquelle meſma mão, que a ſemeava:
 Paſcia o gado gordo da verdura
 Da ferra, que roйда ſe queimava
 Para lhe renovar ſua poſtura,
 As agoas claras tam livres corriam,
 Quam livres caminhantes as bebiam.
 O claro Téjo, Douro, Minho, Odiana
 O mar ſeguramente vão buscando.

Não os seca o imigo, não os dana,
 Lédos vão docemente murmurando.
 O som dos quaes também segue Diana,
 Que ao longo com suas Nimphas vay caçando.
 Sohia ali fazê-lo, mas agora
 Em outra parte já com Pallas môra.
 Em outra melhor parte, que parece
 Que mais qu'as outras todas lhes convinha;
 Onde o claro Mondego, quando cresce,
 Inveja faz ao mar; onde a Raynha
 Seu templo sacrosancto, que hi parece,
 Com seus milagres honra; onde se vinha
 Tomar antigamente a alta coroa,
 Daquelle, que daqui tomou Lisboa.
 Aqui Pallas, e Phebo se sentáram.
 E escolhendo na terra seus assentos
 Os mais doces, e frescos, começáram
 Aos homés levantar os pensamentos
 A cousas, que té li nunca cuidáram
 Cegos só de seus cegos movimentos,
 Os Ceos, e as Estrellas, que não viam,
 Já agora as sabem ver, d'antes as criam.
 Mas Venus, que também d'antigamente
 Tinha tomado posse dessa terra,
 (Que inda hoje se vê nella o innocente
 Sangue da branda Nimpha, odio, e guerra
 Do pay co filho) triste, e descontente
 Temendo as môrcs Deosas, a húa Serra
 Se foi co seu minino, e ali esperou
 Té que húa, e outra Deosa a visitou.
 Não he nossa tenção tomar-te o teu,
 (Lhe diz Diana) nem Minerva vem
 Pera isso: mas se queres tu, e eu
 Com ella aqui vivamos: não convêm
 Que huma queira roubar á outra o seu;

Quan-

Quanto cada hũa de nós todas tem
 Juntemo-lo aqui nesta tua Serra,
 Daqui só mandaremos toda a terra.

E Phebo com seu canto ajudará

Amar-nos mais a gente, e mais temer-nos.
 Com tua doce lira forçará

Os Tygres, e Liões obedecer-nos.

Té que aquella JOANA, que virá,

Nos force irmo-la ver, em vez de ver-nos.

Iremos mais seguras, mais honradas

Todas tres indo juntas, qu'apartadas.

Não póde já tardar, teu filho o sabe,

Que nunca a deixa, nunca mór façanha

Fez, que ferí-la: razão he qu'acabe

De mostrar hum tamanho bem a Hespanha;

A todo Mundo, ao Mundo todo cabe

Parte, não he sómente ella, e Alemanha,

O grande Oceano o diga, diga o Nilo,

Não podem Eufrates, Gange, e Indo encubri-lo.

Pera vodas tam grandes bem parece

Que, Venus, já daqui nos percebamos;

Hum tam alto Himinêo não merece

Que da maneira d'outros a elle vamos.

Já Phebo se exercita, já guarnece

A curva lira, á qual sempre cantamos,

Irão as nossas Nymphas, vão as tuas

Cantando ao som da lira as graças suas.

Todas desta maneira concertadas

Vão-se logo as tres Deofas polas mãos,

A qual mais alva, e loura, assi travadas

Com seus rostos alegres, peitos saõs.

Mui differentes daquellas passadas

Iras nascidas de appetites vãoos.

Por onde quer que passam, vão caindo

Mil flores de qu'o chão se vay cobrindo.

Aquella fonte antiga, que hum serrano
 Fez de lagrymas suas (que antes era
 Hum grã penedo duro) Lusi ano
 Pastor, que núa terra se perdêra;
 (Segundo contam) fez-lhe tal engano
 Amor, que nesta fonte o convertêra,
 O corpo em agoa ali ficou desfeito,
 Do sprito não se sabe bem qu'he feito.
A agoa desta fonte vay chorando.
 A quem deixa esquecer o sprito nella
 Parece que por Lesbia vay chamando.
 A quantos acontece yr ter com ella
 Não sey de que se ali vão namorando:
 Não sey que se lhes nasce só de vella.
 Os olhos postos n'agoa, aos pensamentos
 Vem logo hús amorosos movimentos.
As hervas ali mais que em outra parte
 Parece que enverdecem; ali mais cores
 Parece a Natureza que repare
 Pelas frescas boninas, pelas flores.
 Ali nunca parece que se farte
 De chorar Philomela os crueis amores.
 Ali juntas as Deosas se sentáram,
 E a tudo nova graça acrecentáram.
Pondo seus ricos arcos, e vestidos
 Aquelles brancos corpos nús mostráram
 Ao Troyano Paris já despídos.
 Os seus cabellos soltos spiráram
 Hum odor, qu'a nenhús morraes sentidos
 Nunca chegou, e assi na fonte entráram,
 Qu'he d'então pera cá dellas morada
 Mas d'húa só, das outras emprestada.
Como á sagrada fonte ali cada hora
 Os Pastores vão ter, este suspira
 Este tange, outro canta, o outro chóra,

Todos ali Amor leva, e Amor inspira.
 Ali doce brandura d'almas mora,
 Que todo pensamento baixo tira.
 Doces são os queixumes, doce a dor,
 Doce agoa, doce fogo, e doce amor.
 Serrano aconteceu, que todo hum dia
 S'achou ali como elle costumava,
 O pranto, qu'então fez, derreteria
 De pedra hum coração: bem s'enxergava
 Na terra, qu'ao redor humedecia
 Das agoas, que dos seus olhos lançava.
 Quando o amigo Castilio ali chegou,
 E vendo-o tal, com mágoa assi falou.
Cast. Amor cruel! que já nunca te fartas
 De nossa morte, dize porque assi
 Hum triste coração d'hum corpo apartas?
 Este corpo, que tens lançado ahi,
 Menos te á de servir morto que vivo:
 Dá-lhe alma, e vida ao menos para ti.
 Mas ah que digo eu triste? tambem sirvo
 A quem taes pagas dá: tambem mas dão,
 Hay dôe-se d'hum cativo, outro cativo,
 Serrano amigo, tu não ves o chão,
 Onde estás, que de seco, qu'antes era,
 Tam humido tens feito? dá cá a mão.
 Levanta-te, levanta-te: quifera
 Que te vira tua Lesbia qual estás,
 A ver se a morte, ou sua mão te déra.,
Serr. Hay, hay, Castilio amigo, hay.
Cast. Que has?
Serr. Não sey: Parece como que te trazem
 De dentro desta fonte.
Cast. Onde te vás?
Serr. Mas eu estava sonhando.
Cast. Olhay que fazem,

Estes doudos amores ; eu diria
 Que algús encantamentos nelles jazem.
Serr. Não sey que hora isto foy , que bem te ouvia :
 Mas não saberey dar fé de palavra ,
 Em outro Mundo estava , outro Ceo via.
 Que meo me darás pera que eu abra
 Este meu peito ? e lance delle fóra
 Esta peçonha , que affi nelle lavra ?
 Ves-me aqui vivo , e são : daqui a hū' hora
 Não sey se me verás ; vay-se-me a vida
 Em fogo , em vento , em agoa , que alma chora.
 A memoria de mim trago perdida.
 Muitas vezes me bulco , não me vejo.
 Minh'alma de mim mesmo anda fugida.
 Hora aborreço o campo , hora o desejo.
 A fruta , que me alegre , m'entristece ,
 Eu a mim mesmo ás vezes me sou pejo.
 Vês tu essa herva como reverdece
 Co orvalho fresco , e quanto mais á fonte
 Se chega , tanto mais verde parece ?
 Vês o rio , que vay de monte a monte
 Carregado de roubos , e queixumes ,
 Que hora ameaça , hora não sofre a ponte ?
 Vês agora n'aldea bós costumes ?
 Hús rostos brandos , riso , e bom amor
 Fora de más sospeitas de ciumes ?
 Verás daqui a pouco vir o ardor
 Do Sol , queimar as hervas , e secar-se.
 O rio , o campo , a herva , a folha , a flor.
 Verás na nossa aldea vir mudar-se.
 Aquelle livre , aquella boa soltura
 De vida , em hum d'outro não fiar-se.
 Que poderás já ver , que tenha dura ?
 Muda-se o tempo , e o Ceo. O gado hora anda
 Morrendo-te de fome , hora em fartura.

A que dizes hora isso? me demanda:
 Digo, Castilio, qu'eu só vivo firme
 Em minha dura estrella, que me manda.
 Que já cuidei daqui por vezes yr-me,
 Em o cuidar sómente me tornava.
 Morria já, sem me partir, por vir-me.
 O corpo como yria, onde ficava
 Presa, e cativa est'alma já de tanto?
 Ria-me então de como m'enganava.
 Esta fonte ouvio hoje aqui meu pranto:
 E como se o sentisse, parecia
 Qu'ajudava entoar tam triste canto.
 Hora fazia pausa, hora corria
 Com murmurio hora grave, e hora agudo,
 Differas qu'algun spírito ali avia.
 Em fim cansey. Estive hum espaço mudo.
 Tornei a cometter yr mais avante,
 Não pude: antes perdi o tento a tudo.
Cast. Agora creio que nada há, qu'espante
 A quem muito ouve, ou vê. Já ouvi dizer
 D'húa ave, que não morre, sem que cante.
 D'outra tambem, que quando quer morrer
 Ajunta os páos, com as alas fere o fogo,
 Queima-se ali, e dali torna a nascer.
 Tomava eu isto, quando o ouvia logo
 Por fabula, e por graça: senão quando
 Eu mesmo hum dia vim cahir no jogo.
 Este meu fogo (dizia eu) em que ando,
 Quem mo faz hora? eu mesmo qué me inflá
 Eu: eu o atço, eu me vou queimando.
 Dos olhos de Crinaura nasce a chamma,
 Em qu'eu ardendo estou nas prisoês d'ouro,
 Qu'Amor cabellos falsamente chama.
 Nunca já de mim foy o bravo Touro
 Apartado das vacas tam temido

Em campo raso sem Carvalho, ou Louro.
 Nunca o espantoso Lobo perseguido
 Dos importunos Caês, o Porco fero,
 Que escumando vem sangue embravecido,
 Como me he feu rosto: ás vezes quero
 Esperá-lo, não posso; logo cayo.
 Ali então da vida desespéro.

Vejo tornar cad'anno o alegre Mayo
 Vestido de mil flores de alegria
 Hés se alegrem d'o ver, mas eu desmayo.

Leva-me a morte logo á fonte fria,
 Ali em meu canto triste me desfaço,
 Que inveja áquella triste ave faria.

Mas não sey como dahi a pouco nasço
 De novo tal, que eu mesmo me pergunto
 Quem sou, que busco, ou quero aqui, que faço?

Ditozo aquelle, a que algú' hora junto
 Veo todo feu mal, e já acabou;

Mas eu nem vivo sou, nem sou defunto.

Serr. E' nunca ouviste tu, que o mar gerou
 D'Amor a cruel máy? porque t'espantas,
 Se a cruel condição do mar tomou?

Quando tu na bonança alegre cantas
 (Se algú' hora a tiveste) eis vem as ondas
 Mais altas do que tu tua voz levantas.

Vay hora então buscar onde te escondas
 Daquella furiosa tempestade;

Nem com quem sales ha, nem a quem respondas.

Cast. Quando de dentro d'agoa, ó crueldade!

Nasceo o fogo, que nos vay queimando,
 Que remedio esperamos? que piedade?

Mas conta-me o teu sonho; assi enganando
 A dor desta cruel châma estaremos,

O pensamento ao duro Amor furtando.

Serr. Pera môr nosso mal lho furtaremos,

Porque acode despois tam furioso,
 Que quer que todo tempo lhe paguemos.
 Mas este sonho, amigo, milagroso
 Dirás que he. Parecia que no centro
 Deffa fonte lá dentro me levavam,
 Como que m'enganavam; mas diziam
 Duas Nymphas, que me hiam companhand
 Serrano, não chorando, mas contente,
 E rindo has de ir á gente, que te chama,
 Pera dares cá fama do que vires.
 D'em tanto prazer rires não tens culpa,
 Que o tempo te desculpa. Eu me calava,
 Porque assi me espantava do que via
 Que quasi o não cria. Ao pé do monte
 Debaixo desta fonte folapado,
 Não sey como levado fui das duas
 Nymphas, que pelas suas mãos me tinham,
 Ellas sós me sostinham, e me guiãram
 Até que me deixãram onde estendendo
 Minha vista, tremendo, a todas partes,
 Vi cousas d'outras artes, e maneiras
 Tam novas, e estrangeiras, como era
 Estar a Primavera ali metida
 Assi como escondida. Tal verdura
 Em campo, nem pintura não parece,
 Qual dentro ali florece. Hum campo chão
 Morada do Verão, das mais fermosas
 Hervas, e mais cheirosas flores cheo
 Se faz ali: e no meo está esta fonte
 Cercada do alto monte, que ó redor
 Parece muito mór do que cá agora
 A vista vê por fóra. Ali nascia
 Esta agoa nua pia de cristal
 Laurada de hum metal mais fino que ouro,
 De Palma, Myrtho, e Louro rodeada,

E húa ave namorada em cada ramo,
 (Eu sonho a isto não chamo) assi cantavam
 Que todo ar ferejavam. Ao doce canto
 Floreçiam entre tanto novas flores
 Pintadas de mil cores; e hús spritos,
 Amorosos spritos! qu'inspiravam
 Por todo ar, que voavam, doce amor:
 Ali gado, ou Pastor nunca chegára,
 Que logo s'enxergára nas pégadas.
 Nunca foram pisadas, nem colhidas
 Aquellas bem nascidas hervas, plantas
 De differenças tantas, nem geada,
 Nem do Sol tinha entrada ali o rayo.
 Perpetuo Abril, e Mayo pareciam
 Que sempre ali viviam. Húa daquellas
 Ou Nimphas, ou Donzellas, vê, pastor,
 Dizia, sem temor o que quiseres,
 Que aqui só ha mulheres, não recces,
 Ry, folga, não prantees, como fazes;
 Aqui Amor, e pazes, e prazeres
 Vivem; vê-os tangeres, que lá soam
 Quam docemente toam? Nimphas são
 Das Deosas, que aqui estão Pallas, Diana,
 E Venus; que a JOANA, que já vem,
 Fazem festa. Porém tu estás cansado:
 Daqui lédo, e deitado ouvirás tudo.
 Ficava eu como mudo. Ella então se hia
 Aquella companhia, que chegava
 A fonte, onde eu estava. Vinham todas
 Como a celebrar vodas, com capellas
 De Myrtho as Nymphas bellas, porém mais
 As tres Deosas sós tais, que quem as víra,
 Nos rostos presumira que elles eram.
 A mim porém me déram sobresalto,
 Que do juizõ falto assi á primeira

No rosto, e na maneira Venus tive
 Por Lesbia; mas retive-me, e entre tanti
 Co doce som, e co canto se sentáram
 Todas, como chegáram ao redor d'agoa.
 Que dor, que mal, que mágoa fenteria,
 Quem visse que tangia num psalterio
 Minerva, e c'um pandeiro concertava,
 Que hora Venus tocava, hora acodia
 Com sua voz? Corria a fonte clara,
 Em qu'a Deosa inspirára ao mesmo pontu
 Tam certa no seu conto, que já mais
 Deixáram de ir iguais. Então aquellas
 Nymphas louras, e bellas começáram,
 Qu'as Deosas lho mandáram, hum novo
 De qu'eu de puro espanto arrebatado
 Fiquei como encantado. E só m'achava
 Lá onde o Téjo lava a grá cidade,
 Qu'em toda a Christandade espanta, e so
 Eu digo a alta Lisboa do Occidente
 Raynha, e do Oriente: e parecia
 Qu'entrar no mar o via, e o mar batend
 Co as ondas, qu'encolhendo hora se vão
 Hora tornando, dão naquella praya,
 Sem que nunca se sayá já d'hum certo
 Ponto. Cheguei-me perto; mas não sey,
 Como d'agoa m'achei em hum momento
 Cercado, quando attento, fiquei tal,
 Que co rosto mortal torno fugindo
 Atrás, e inda seguindo as ondas me hiam
 Não sey que me queriam: então tornava
 Recolher-se, e deixavam descuberto
 Quanto tinham cuberto. Amanheceo,
 Claro o Sol pareceo, e d'outra cor,
 De novo resplandor, e claridade,
 Em qu'húa divindade conhecêras,

Se teus olhos puféras nelle fitos,
 D'algús sanctos spritos, qu'o moviam,
 E ao Téjo o traziam a se banhar,
 De qu'o Téjo, e grá Mar ficavam taes;
 Tam claros, tam iguaes, que não se viam
 As que dantes se erguiam, ondas bravas.
 Pera onde quer que olhavas, prata vias,
 Taes as agoas dirias. Eis que say
 D'agoa, e soberbo vay em todo estado
 O grá Téjo dourado, em cristallino
 Carro d'ouro mais fino guarnecido.
 De neve seu vestido era, e a partes
 Pedras de novas artes reluziam
 Tanto, qu'os que as viam, assi ~~cegavam~~
 Que não determinavam bem o qu'era.
 No carro hñã alta Sphera se mostrava.
 Na mão Téjo levava o grá Tridente,
 Que de lá do Oriente lhe mandou,
 Quando se fogeitou Neptuno a elle.
 Vinham derredor delle algús Tritões,
 Que ~~com~~ seus ricos dôes sempre o vem ver.
 Seu rosto, e parecer logo mostrava
 Qu'este era o que mandava o grande mar.
 Ali se vem juntar a alta Raynha
 Thetis, que tambem vinha á Real festa,
 Como hñã dona honesta, antiga, e grave;
 Vinha entregar a chave do thesouro
 Das ricas perlas, e ouro do Oriente
 A clara, e excellente, e alta JOANA,
 Que como hñã Diana reluzia,
 Com sua companhia álem do Téjo.
 Cega-mè a luz, que vejo. Eis aparece
 JOANA, o Ceo esclarece: virás ir
 O Téjo a mais partir, mas mansamente
 Com Thetis obediente a apresentar-se

Aquella, que chamar-se já começa
 Do grande mar cabeça, a cujo lado
 Vinha o tam nomeado Duque eleito
 Com razão a tal feito alto JOAM,
 De cuja fé, e mão de CARLO a filh
 Do Mundo maravilha se fiava;
 E assi authorizava a magestade
 Real, e a gravidade do alto officio,
 Qu'a quem o via indicio dava claro
 De ser no Mundo raro seu sprito,
 Ao qual nenhum escrito igual seria,
 Neto bem parecia do Rey sancto,
 Do Mundo amor, e espanto JOAM f
 Do grã MESTRE, que o Mundo sau
 Deixou de si ditoso filho, e digno.
 Eis já no cristallino carro entrava
 O grã Rey, e passava da outra parte,
 De que Vulcano, e Marte sinaes dava
 Cos fogos, que tiravam temerosos,
 Mas então deleitosos. Téjo viste
 O Téjo em ti, e sentiste o teu grã R
 Por cuja regra, e ley vives, triumphas
 E tiras ricas trumphas, e coroas
 A Reys por onde soas com grã medo.
 O mar quieto, e quedo num moment
 Mostrando acatamento a seu senhor
 Com toda honra, e amor o recolhia.
 Elle d'altra alegria o peito cheo
 D'alma lá bem no meo agazalhava
 A filha, que lhe dava o valeroso
 Duque tam glorioso. Logo o Téjo,
 (Inda cuidou que o vejo) ás Nimphas
 Que em voz suave, e branda derramou
 Mil flores, vão cantando a grã JOAN
 Mais divina, que humana. Parecia

Que a terrá, e o Ceo se ria, o Sol dourava:
 E seus rayos mostrava de luz pura.
 A voz, e a fermosura amansando hiam
 Das Nymphas a agoa; viam os que olhavam
 O ouro que mostravam lá nas veas
 Das douradas areas.

Casf. Dize, amigo,
 Assi nunca em perigo vêr te queira
 Tua Lesbia, que maneira, que arte tinha
 Esse canto?

Serr. Convinha que eu tivesse,
 Ou que Apollo me dêsse hum tal sprito,
 Para que fosse dito com tal graça,
 Que nelle não desfaça. Hora cantavam
 Húas, hora ajudavam, e respondiam
 Outras. Se bem me lembra assi diziam;
 Vem claro Phebo a tam ditoso dia
 Dar nova luz das outras diferente;
 Vem claro Phebo co resplandecente
 Rayo teu aquentar a terra fria.
 Vem dar final ó Phebo d'alegria,
 Que o Ceo tem de tam sancto ajuntamento,
 Mil annos, mil, e cento
 Vivam em paz JOAM, com sua JOANA
 Assi seja, e ferá, assi o quer Diana.

Já vem aquella luz tam desejada
 Dar nova luz á terra, gloria, e honra;
 Já vem aquella Nimpha, de quem se honra
 Até a praya do mar mais apartada.
 Já vem JOANA tal, qual foi julgada
 No monte d'Ida Venus do Pastor,
 Pagar aquelle amor,
 De que arde quem a espera: venha, venha.
 Não chuva, vento, mar, nada a detenha.
 Não vedes como logo conformáram

Nos rostos, e nos nomes, nos amores?
 Não vedes como em tam iguaes ardores
 De tam longe hū polo outro se inflamáram?
 Não vedes como os Ceos logo os criáram
 Hum para outro? Hũa só estrella, hū fado
 A ambos está guardado.

Já vem JOANA. Torna a idade d'ouro.
 Nestes ambos tens, Mundo, teu thesouro.

Qual no cerrado horto he a branca Rosa,
 Que nunca foi cheirada, nem colhida,
 E qual a branca neve, que sobida
 Na serra está tam alva, e tam fermosa,
 Tal vem JOANA, tal vem que invejosa
 Lhe pôde ser com suas Nimphas bellas,
 Quando no meo dellas

Diana fae, Diana assi o confessa.

Depressã vem, mas venha mais depressã,

Por onde quer que vem, se ri a terra.

Por senhora a festeja, e reconhece.

Todo campo, que pisa, reverdece,

Florido fica o monte, o valle, e a serra.

Tudo he prazer, e amor. Ha só grã guerra

Sobre quem mais festejará sua vinda.

E pera mór bem inda

Assi tambem o Ceo vem festejando,

Que Dezembro em Abril fez ir mudando.

Que Principe, e que Rey tam glorioso

Vos nascerá a seus pays tam semelhante!

Dos quaes por muito que já a fama cante,

Mayor será seu nome, e mais famoso.

Hum Principe fortissimo, e espantoso

Aos Barbaros, que delle estão tremendo,

Já os altos feitos vendo.

A que não chegam Julios, Paulos, Drufos.

Assi o fiam as Parcas nos seus fulos.

J A N I O

E G L O G A II.

*Pierio.**Aonio.*

V Es o sepulchro triste do fermoso
 Pastor roubado ao campo, aos Ceos levado.
 Do fado bom para elle, a nós danoso.
 Em quanto ao mar tuas redes, eu o gado
 A verd'herva deixamos, co estas flores
 Honremos o chão já delle pisado.
JANIO, saudade dos Pastores,
 Da ribeira do Téjo saudade,
 Das Nymphas, dos prazeres, dos Amores:
 Honra do campo, gloria desta idade:
 Gracioso nos olhos, branco, e louro,
 Recebe os pobres doés da sam vontade.
 Este Cedro, esta Faya, este alto Louro.
 A teu nome levanto: escrito seja
 Teu nome, **JANIO**, inda em letras d'ouro:
 Com lagrymas de dor, e mágoa veja
 O Caminhante a pedra, que escondendo
 Teu brando corpo está, que o Ceo deseja.
Aonio, assi te estem no mar enchendo
 As Nymphas tua rede, e do perigo
 Das ondas, e do vento a vão sostendo;
 Assi na tempestade bom abrigo
 Dem ao teu barco, assi se mostre hũ hora
 Branda a ti Galathea, Amor amigo:
 Que aquelles tristes versos, com que chora.
 Noffo Sazio sua dor, se na memoria
 Os tens, como elle n'alma, os cantes hora.
Aon. Renovaste-me a dor da triste historia:

H iv

Chor

Chovem-me tristes lagrymas dos olhos,
 Co a dor da perda da passida gloria.
 De Cassia, Myrrha, Incenso, tres, tres molhos
 Queima aqui o triste Sazio cada dia,
 O gado cardos pasce, pasce abrolhos.
 Em triste voz, que alma apôs si trazia,
 Ao som das ondas, qu'hiam murmurando,
 Merido nua lapa assi dizia:
 Pastor fermoso, doce, branco, e branco
 De FILIS triste, que tam só deixaste,
 Ouve sua voz, que os ventos vão levando.
 Torna á saudosa praya, que pisaste,
 Torna a este campo, que tam verde, e lédo
 Contigo era, e tam triste já tornaste.
 Aqui a menham rosada, o vento quedo,
 Aqui claras, e brandas sempre as agoas,
 A noite trazias tarde, o dia cedo.
 Pastor fermoso, agora as altas taboas
 Da dura rocha turvam o claro rio,
 Mostrando em suas quedas tristes mágoas.
 Quantas vezes aqui o dourado fio
 Tiravam as brandas Nimphas ao Sol alto
 No frio Inverno, á sombra no Estio!
 Escondeo-as no mar o sobrefalto
 Da tua morte; deixas d'herva o monte,
 E d'agoa o rio, e d'aves já o ar falto.
 Nem arvore dá sombra, nem dá fonte
 Agoa, nem dia o Sol, nem a noite Estrellas,
 Nem ha quem lédo cante, ou de amor conte.
 Quem póde ouvir as aves? quem já vellas?
 Quem as frutas, que em choro o som mudáram,
 Pois tu eras a graça, e o som dellas?
 Nunca despois a verde herva prováram
 Os tristes gados; nunca mais bebêram
 Em agoa clara, desque te choráram.

O branco orvalho os campos já perdêram :

As boninas as cores, e estes prados
De cardos, e d'espinhos já s'enchêram.

Reverdeciam d'antes só olhados

Dos teus olhos fermosos, que os qu'os viam,
Levavam de ti, JANIO, pendurados.

Com teus olhos fermosos floreciam

Os campos, nascia herva; as sementeiras
A ti só parecia que cresciam.

JANIO soavam os bosques, e as ribeiras.

De Pastores, e Nymphas tam cantado,
De tua FILIS tristes companheiras.

JANIO de todos, de mim mais chorado,

Quem lembrará sem mágoa as breves horas,
Que com FILIS te via o verde prado?

Em vão FILIS suspiras, em vão choras:

Em vão choramos, chora o mar, e a terra.
Tu, JANIO nosso, lédo nos Ceos moras.

Em luz, em paz, em gloria, já da guerra.

Dos barbaros Pastores, já do damno

Dos tempos livre em-si o Ceo te encerra.

Não temes lá as espreitas, máo engano

Do Lobo ao simprez gado, em bom descanso
Vives, em melhor dia, em melhor anno.

Assi cantava Sazio: manso, e manso

As lagrymas córriam: o som, e o canto
O ar calado, o mar tornava manso.

Pier. Igual á triste dor o triste pranto

De Sazio a JANIO: e de lua voz ouvido

A quem não fará mágoa, não espanto?

Olha o meu gado, Aonio, que esquecido

Da verde herva, tam murcho inda parece,
Que he d'elle o brando nome conhecido:

Inda o Ceo se revolve, e s'escurece:

Inda o mar se levanta: vês o vento

Como lá nessas ondas se embravece?
 Em quanto tu cantavas, tudo attento
 Calava: o campo, e o mar; como calaste,
 Em tudo a triste dor fez movimento.

Com esse hora outro pranto me lembraste,
 Que húa voz triste ao longo desta praya
 Fazia igual, Aonio, ao que cantáste.

Era então noite escura (inda desmaya
 A alma á lembrança) a voz era cansada,
 Os versos vi cortados nesta Faya.

ALMA, dizia, ó alma bem levada
 A clara vida, da prizão escura,
 Do teu despojo nua, e desatada:

Alma toda innocente, toda pura,
 Que debaixo dos Ceos tens Sol, e Lua,
 Olhos n'outra mais alta fermosura.

Esta praya, em que já por honra tua,
 E de FILIS, mil Nimphas coroadas
 De flores vos cantáram á lira sua,

Este limo, esta area, em que afinadas
 Com FILIS nos deixaste as tenras plantas,
 Vistas serão com dor, com amor lembradas.

Aon. Doce tanges, Pierio, doce cantas,
 Brando na voz, em tua frauta brando.
 Co som deleitas, com a dor espantas.

Pier. Vai-te á tua rede, Aonio, eu vou levando

Com lagrymas o gado. Aon. Deos reniove

Outro tempo mais lédo: mas ó quando?

Pier. A noite ven-se escura, e neva, e chove.

T I T Y R O

E G L O G A III.

*Serrano.**Castalio.*

H Uma fresca menham, fria, orvalhosa
 Ao longo do Mondego, que corria
 Com a agoa clara, mansa, e graciosa:
 Quando já o claro rayo reluzia
 Do louro Phebo n'agoa, e começava
 O orvalho derreter, dourar o dia.
 Ao pé de hum grã Ceyceiro rodeava
 O gado de Castalio, e de Serrano,
 Que ambos hum bom amor sempre juntava:
 Mas outro Amor cruel, Amor tyranno
 Os trazia ambos taes, que pareciam
 Dous spritos perdidos tras seu dano.
 Ambos mancebos, ambos se perdiam
 Hum por hús olhos verdes, outro brancos,
 Ambos cantavam sempre, ambos tangiam.
 Diziam que aprendêram de dous Francos
 Pastores, que com as Musas se creáram
 Dous Linos, dous Orpheos os nossos Francos.
 Bem conhecidos são; Sás se chamáram
 Hum de Menezes, outro de Miranda,
 De que as irmãs, e Phebo s'espantáram.
E inda hoje entre nós soa a voz tam branda
 Do seu divino canto, que lhe ouvimos,
 Que todo o Ceo aclara, e o ar abranda.
 Ditolos nós, qu'em nosso tempo vimos
 A nomeada Arcadia tam vencida
 Destes nossos Pastores, que seguimos,
 Aconteceo, qu'em quanto era ouvida
 H vi

De

De mim húa bella Nimpha, que cantando
 Na vea d'agoa estava mea mettida:
 Hum cordeiro dos meus se foy lançando
 Para onde ambos estavam, o qu'eu seguindo,
 Ouvi Castalio estar-me já chamando.

Tityro amigo, sejas tambem vindo
 Como este claro Sol, que nos aquenta;
 Aqui, diz, teu cordeiro veoz fugindo.

Deixa o mais gado ao moço: aqui t'assenta,
 Não vês esta clara agoa, que nos chama?
 Esta herva verde, que se nos presenta?
 Aqui se esfria aquella doce chamma,
 Que arde em nós sempre: aqui Amor s'engana.
 Aqui queres amar quem te desama.

Se o Sol muito apertar, temos choupana
 De cannas, e ramada bem cuberta,
 Onde nem entra Sol, nem chuva a dana.

Sentey-me. Eis s'ergue entre elles grã referta
 De quem tange melhór, ou melhor canta.
 A contenda então mais a voz esperta;
 Assi hora hum, hora outro a voz levanta.

Serr. Musas, ou vós me day hum verso brando,
 Qual a meu Sá, que a Phebo bem se iguala:
 Ou s'eu em vão trabalho ir-lhe chegando,
 O som me fuja á lira, a voz á fala.

Cast. Pastores, coroaey, que vay crescendo,
 Este novo poeta de Hera, e flores:
 E Magallio de inveja esté morrendo,
 Que a todos para si rouba os louvores.

Serr. Meus versos lê meu Sá, minha Musa ama.
 E meu Sá versos faz, que Apollo espantam;
 A ti, Sá, sempre minha Musa chama.
 A ti meus versos rusticos se cantam.

Cast. A quem, Sá, te ama, nunca Apollo negue
 Seu divino furor, com que te cante.

E rompa-se Magallio, rompa, e cegue;
E de meus versos lá entre si se espante.

Serr. O rustico Magallio sem brandura,
Nunca fom doce em teus ouvidos foe,
Magallio peito de cortiça dura,
Todo o bom sprito arraz te deixe, e voc.

Cast. Crinaura entre hús salgueiros verdes via:
E sem me vêr, a vista lhe furtava;
Ella em me vendo, ria-se, e fugia.
E não sey qu'entre dentes me falava.

Serr. Que me aproveita; Lesbia, vêr-te, e amar-te,
E que nem me desprezas, nem deslumas,
Se quando a lingua solto, por falar-te,
Volves o rosto, e rustico me chamas?.

Cast. Triste a vista he do Lobo ao manso gado,
O chuveiro á seara já madura,
As arvores o vento; a mim o irado
Rosto de Filis tam fermosa, e dura.

Serr. Doce he a chuva á terra desejosa:
Aos cordeiros o prado d'herva cheo:
A abelha o orvalho: a mim Filis fermosa,
Por quem hoje mais claro o dia veo.

Cast. De duas pombas achei hoje hum ninho,
Tuas, Crinaura, são, se as tu quizeres,
E teu será, se o tomo, o branco Arminho;
Clorys mo pedio já, se o tu não queres.

Serr. Dez maçans de cor d'ouro ontem colhidas
A furto num cerrado aqui te tenho.
Para ti, Lesbia, foram escolhidas.
Lesbia, só por te vêr trazer ras venho.

Cast. Dos teus olhos, Crinaura, fac hum rayo -
De fogo, que a fria neve acenderá.
Em te vendo arço, sem te vêr desmayo.
Mais doce a morte, vendo-te, será.

Serr. Lesbia cruel, e quanto já averá

Que

Que esta minh'alma ardendo
 Anda após ti? e effe teu peito frio
 Me converteo num rio?
 Olha como este rio vou enchendo.

Cast. Olha como este rio vou enchendo
 De lagrymas, e mágoas.
 Das lagrymas se vay todo turvando,
 E das mágoas chorando.

Ah de meu fogo vão ardendo as agoas!

Serr. Ah de meu fogo vão ardendo as agoas!
 E tu estás mais fria

Que a fria nevê, e mais que pedra dura,
 Em quem agoa acha brandura.

Hum marmore meu pranto desfaria.

Cast. Hum marmore meu pranto desfaria;
 E teu peito parece

Que quanto mais, Crinaura cruel, te chamo,

Quanto mais, te figo, e amo,

Tanto em ti mais effa dureza cresce.

Serr. Lesbia minha mais que o Sol fermosa,

Mais alva que alva Lua, e mais córada

Que as ardentes estrellas,

E luz de todas ellas,

Mais que as flores de Mayo graciosa,

Estes versos, em que és de mim cantada,

Cortem neste Ceiceyro os bons Pastores,

Crescerá elle, crescereis Amores.

Cast. Crinaura minha mais que o lyrio branca:

Mais vermelha que rosa, e mais ligcira

Pera fugir, que o vento,

De quem seu pensamento

Tirar de ti não pôde, vem, arranca

Ess'alma triste, que inda esta he a primeira

Piedade, que usarás com quem a vida

Sempre guardou por ser por ti perdida.

Isto só me lembrou do que cantáram
 E dali pera cá sempre nos montes
 Os Pastores Castalio nomeáram,
 Faunos nos bosques, Nymphas em suas fontes.

L I L I A.

E G L O G A III.

POr Lilia em vivo fogo Aonio ardia
 Lilia prazer do amor, e nada tinha
 O triste que esperar, e o Amor crescia.
 Entr'hús baltos ulmeiros só se vinha
 De tristes sombras; a alma ali forçada
 Com só chorar, com suspirar detinha.
 Hora em som triste, em voz desconcertada,
 Lilia, que inda que viva, inda que moura,
 O nome ouve, assi delle era chamada:
 Lilia, nimpha branca, nimpha loura,
 O dia nos teus olhos amanhece,
 Dos teus cabellos, Nimpha, o Sol se doura,
 Com tua vista húm novo. Abril florece
 Em toda parte: á tua voz se abranda
 O Amor na mór ira, e se adormece.
 Lilia fermosa em tudo, em tudo branda,
 A mim só dura; eu em que errey? em amar-te?
 Amor te me mostrou, e amar me manda.
 Meu descanso só he, Nimpha, cantar-te,
 Ao Sol, á sombra, em campo, em bosque, em rio,
 E meu premio, ah cruel, em vão chamar-te?
 Hora co rosto descórado, e frio
 No ardor do Sol, hora no Inverno ardendo,
 Ou todo châma, e fogo, ou neve, e frio.
 O cruel Lilia! e não te irá movendo,

Já que a amor não, a piedade hum tanto
 O fogo, que em meus olhos estás vendo?
 Ouve me, Lilia, por ti só meu canto
 Renovarey, por ti, cruel, meu fogo
 Tenho por doce, e por prazer o pranto.
 Por ti toda outra festa, e riso, e jogo
 Desprezo: por ti sombras, e agoas quero,
 Aprazer-te he só, Lilia, aos Ceos meu rogo:
 Não desprezes meus versos, que inda espero
 Com teu nome aos Pastores ensinado
 Dos bosques, amansar-se o Amor fero.
 Tambem eu canto, tambem sou chamado
 Dos Pastores poeta, e eu não os creio,
 Em quanto de ti sou tam desprezado.
 Pois tam rustico sou, Lilia, ou tam feo?
 Pouco ha que me vi n'agoa: a cor mortal,
 Desque te vi, e te chamo em vão, me veo.
 Quanto melhor me fora, pois não val
 Contigo Amor, não deixar nunca a triste
 Filis, inda que a ti em nada igual!
 Choraste, Filis, ah quando me viste
 Partir de ti, e d'alma faudosa
 Súspirando cos olhos me seguiste.
 Alva Filis tambem, não tam fermosa
 O Lilia, não tam louca; porém era
 Inda que de amor livre, piadosa,
 As capellas de Myrtho, Louro, e Hera
 Feitas da minhã mão não desprezava,
 Nem os rusticos doés da primavera.
 Já eu hum'hora pera ti juntava
 Diverfas hervas, flores, e boninas
 Em que o cheiro melhor se misturava.
 Hervas tratadas só das mãos divinas
 Das Musas, e das Graças, dos Amores,
 Das tuas mãos, e olhos, Lilia, dignas.

Mas

Mas não tas ouſey dar: em taes tremores
 Me trazes! e chorando as eſpalhey
 Com mágoa (quando as viram) dos Paſtores.
Quantas vezes quizera, e comecey
 Cantar teu nome, donde tu pudeſſes
 Ouvir-me, e em começando, me caley!
Quantas vezes dizia em mim; quizeſſes
 Lilia, eſpreitar-me hũ'hora, tu verias
 Sinaes do meu amor, a que fé deſſes.
Se virão tam ditofos alguns dias,
 Que piſando contigo eſta verdura
 Traga o coração cheo de alegrias?
Olha, Nimpha fermofa, que pintura
 De campos, e de Ceos, menhãs, e tardes:
 Vem tu acrecentar ſua fermofura.
Solta ao vento os cabellos, não os guardes
 Em vão: eſtende os olhos pelos prados;
 Vem, Nimpha, foge o dia, vem, não tardes.
Aqui ao tirar, e recolher dos gados
 Soam as ruſticas frutas namoradas
 Dos ruſticos Paſtores namorados.
Aqui ſeguindo eu, Lilia, tuas piſadas,
 Vivendo dos teus olhos te traria
 As maçans brancas, e uvas orvalhadas.
Das Nimphas hũa te offereceria
 Os ceſtinhos de Lyrios eſcolhidos,
 E léda, com toſ dar, ſe tornaria.
Outra os louros cabellos eſparzidos
 Te cingeria de Hera, ou verde Louró,
 Com verſos bem cantados, bem tangidos.
Eſte feria, ó Lilia, o meu theſouro.
 Mas ah trite, que cuido? eſtou ſouhãdo
 No que deſejo, e em vão deſejo, e mouro.
Aonio, Aonio, quem te eſtá enganando?
 Lilia não te ouve, ao vento te deſfazes,

Se se ella não mudar, vai-te mudando.
 Outra acharás, se a Lilia não aprazes.

T E V I O.

E G L O G A V.

Aonio.

Vincio.

Porque, já que aqui ambos nos juntamos;
 Meu Vincio, ao pé desta arvore fombria.
 Dos nossos bons amores não cantamos?
 Serena a menham veu, alegre dia,
 Verdeja o campo, o vento a furia abranda:
 Cantemos de Amor só, que Amor nos guia.
 Eu ah, da dura Lilia, tu da branda
 Celia, ouçam-no os Ceos, ouçam-no os montes,
 Oução, se aqui voando o Amor anda.
 Verás ao doce nome logo as fontes
 Correr mais claras, o Ceo mais sereno,
 Lilia, tu de meu canto não te afrontes.
Vinc. Para cantar de Celia o dia he pequeno;
 Minha voz baixa; baixo Apollo, e Lino.
 E em vão cantarey, pois em vão peno.
 Que voz, que som, ó Celia, ao teu divino
 Nome se igualará? tu Lilia canta,
 De Celia nomear ninguem he digno.
Aon. Como? a tanta ousadia és vindo? a tanta
 Cegueira, que Celia ante Lilia ponhas?
 Lilia, que Amor co a vista incende, e espanta?
 Antes que a mór perigo te desponhas
 Toca tua fruta, Vincio, alça teu canto.
 Tudo t'apostarey, por mais que ponhas.
Vinc. Inda que não cuidey nunca ousar tanto,

For-

- Força-me Amor, e força-me a verdade.
 Canto o meu não será, mas será pranto.
 Roubar-te o teu, Aonio, he crueldade.
 Baste a vergonha, baste o gosto, e gloria
 De mostrar hum do outro a falsidade.
- Aon.* Eis vem o nosso Tevio, que a victoria
 Julgará justamente: Tevio ás Musas:
 Novo Apollo, nova honra á sua memoria.
 Já te vejo mudado: já as escusas
 Não te aproveitarão. Tevio a contenda
 Ouve, e julga entre nós, como bem usas.
- Vinc.* Ouve-me, Tevio, e dá-me deste a emenda
 De sua vam ousadia, que eu espero
 Que a voz lhe fuja, e Pallas o reprenda.
- Tev.* Começay, mas ou Tityro, ou Sincero
 Por juiz vos quizera. Aqui deitado
 Ao som desta agoa clara ouvir-vos quero.
 Calado o campo está, e o manso gado
 Quietamente pasce; Apollo queira /
 Vir vosso canto ouvir delle inspirado.
- Aon.* Lilia, porque tua vista, que a primeira
 Vez me levou tras si, me estás negando?
 Vem, Lilia, ver-te-ey eu, e irey cantando
 Teu nome a som da frauta, e da ribeira.
- Vinc.* Celia, porque minh'alma pura, inteira,
 Que de mim foge, e a ti se vay, voando,
 Não recebes? cruel, teu nome brando
 Nesta voz soará, e na derradeira.
- Aon.* Quem não vio Lilia, não vio fermosura.
 E quem não vio Aonio, não vio fogo.
 Mostrou-lha Amor, e fez-se furdo ao rogo,
 E Lilia branda aos olhos, á alma dura.
- Vinc.* Quem a Celia não vio, não vio figura
 Da menham clara, ah! vio-a Vincio, e logo
 Por Celia sóspirou; por riso, e jogo

- Julgou do prado a flor, do Ceo a pintura.
Aon. Sobre esta clara fonte, que vestida
 De verde musgo está, dest'alta Faya,
 Em quanto Lilia canto, sombra caya,
 Com que esté do Sol sempre defendida.
Vinc. A agoa desta ribeira, onde hora ouvida
 A branca Celia he, nunca se faya
 De sua area, e feixos; mas levay-a
 Nimphas, ao doce som desempedida.
Aon. Andava hũa menham colhendo rosas
 Lilia, e estava Amor nũa escondido,
 Tocando-a Lilja, foi Amor ferido
 Das alvas mãos, e faces vergonhosas.
Vinc. Quando a fermosa Celia entre as fermosas
 Nimphas parece, Amor fraco, e rendido
 Deixa arco, deixa frechas, e corrido
 Se vay batendo as asas furiosas.
Aon. Tres forão sempre as Graças nomeadas;
 Em quanto a minha Lilia não nasceo;
 Tanto que Lilia ao Mundo appareceo,
 Por quatro são as Graças já contadas.
Vinc. Nove do claro Sol forão chamadas
 Sempre as irmãs, que o Mundo conheceo;
 Tanto que Celia nos resplandeceo,
 Por dez são já as irmãs do Sol cantadas.
Aon. Vem Lilia branca, e loura; aqui te chama
 O rosado Verão, aqui te cria
 Flores o verde prado, e em companhia
 D'Aonio as pifarás, que tanto t'ama.
Vinc. Por Celia sou todo agoa, todo chamma:
 O monte o sabe, o rio, a noite, o dia.
 Celia a meu pranto he dura, ao fogo fria,
 Em mim o apaga, Amor, ou Celia inflamma.
Teu. Cesse já dos Pastores de Arno a fama.
 Doce me he vossó canto, e doce seja

Meus Pastores, a quem mal vos defama.
 Ambos iguaes no canto, inda ambos veja
 Muïtos annos cantar, e vejais cedo
 A alma chea cada hum do que deseja.
 Sem pender d'esperança, nem de medo.

M A G I Ç A.

E G L O G A VI.

*Licidas.**Menalo.*

DE Licidas, e Menalo Pastores
 O novo canto, que de Amor ouvido,
 Indo pelo ar voando cos Amores
 Ao brando som se diz que foy detido;
 E escondido com elles entre as flores
 Cada hum a mágoa, e lagrymas movido,
 Ao Mundo perdoárão entre tanto,
 De Licidas, e Menalo o som canto.
 Tu Marilia, tu só ingenho, e arte,
 Tu sprito me dás, que inda algũ'hora
 Levantado por ti, por toda a parte
 Ao Mundo mostrará que o que em ti hora
 Tamanho espanto faz, á menor parte
 D'outras tuas não chega: ouve-me agora.
 E effe teu alto sprito hum pouco engana-
 Co som da pastoril, e baixa canna.
 Já a grossa, e escura sombra da cuberta
 Terra, co cego rayo começava
 A alva Lua entre as nuvens encuberta
 Apartar pouco, e pouco; e eis se mostrava
 Hora mca, hora toda descuberta,
 Hũa nuvem rompia, outra a cerrava:
 Quando cheo de dor, que a alma sentia

Ao pé de hũa Faya Licidas dizia.

Lic. Sac clara, branca Lua, os Ceos serena,
O ar abranda, em quanto aqui vamente
A ti, e aos Ceos me queixo, e a minha pena
Mova ás estrellas mágoa, dor á gente.

E tu meu cruel genio, esta pequena
Tardança da triste alma me consente.
Day montes sempre fé do que me ouvistes.

Ajuda, frauta triste, os versos tristes.

Aqui os valles ouvem, aqui os montes,
Aqui os Pinheiros, e altas Fayas falam,
As mágoas dos Pastores choram as fontes,
Ao som das frautas aves feras calam.

Os rios se detem nas suas pontes,

As arvores co vento não se abalam.

E vós Nimphas ouvi, se amor sentistes.

Ajuda, frauta triste, os versos tristes.

Ao rustico Serpillo se dá Flora,

Flora de tantas máys tam desejada:

Ao rustico Serpillo; quem não chora

Licidas, a quem fora tambem dada?

Onde justiça, onde igualdade mora?

Quem esta roda traz assi forçada?

Como, lumes do Ceo, tal consentistes?

Ajuda, frauta triste, os versos tristes.

Que senão poderá já ver no Mundo?

Que não esperaremos os que amamos?

Revolvan-se as areas lá no fundo,

O rio se semece, onde pescamos.

As estrellas ao centro mais profundo

Deçam, co Sol o dia não vejamos.

A tudo causa, ó Ceos, já nos abristes.

Ajuda, frauta triste, os versos tristes.

O bem igual amor, e bem devido;

Frios te eram meus versos, rouca a lira.

Todo som, todo canto aborrecido,
 Com desprezo me olhavas, e com ira.
 Já achaste hum'entre todos escolhido
 Serpillo: ah cega moça! (em vão suspira)
 Vingay, estrellas, o roubo, que encobristes,
 Ajuda, frauta triste, os versos tristes.

Flora enganada, quem tão mal te cega?
 Serpillo rustico he, não tange, ou canta.
 Que engano, ah moça, ao odio teu te entrega?
 E o teu amor te tira, e assi te encanta?
 Ama Serpillo: o teu Licidas nega.

Quanta vingança dás de ti! ó quanta
 Ira moves ao Ceo, a que em vão réstites!
 Ajuda, frauta triste, os versos tristes.

Muitas vezes te vi em moça, e hum dia,
 (Já eu aos tenros ramos bem chegava)
 As sanguinhas Amoras te colhia,
 As maçãs no regaço te lançava.
 Inda eu então d'Amor livre vivia,
 Mas sentia-me arder, quando r'olhava.
 Pagay, olhos, agora o que então viste.
 Ajuda, frauta triste, os versos tristes.

Ah já sey qu'he Amor, não de brandura
 Filho, mas d'odio só, e d'aspereza,
 Gerado de diamante, e rocha dura,
 Imigo a nosso sangue, e natureza.
 Onde virdes, Pastores, fermofura,
 Fugi, que ali está Amor, ali dureza.
 Ditosos, que de suas mãos saystes
 Ajuda, frauta triste, os versos tristes.

Pastores (se algum está a meu canto attento)
 Que por amor em vão a alma partistes.
 Pastores, que perdeis vozes ao vento,
 E a cruel Flora em vão, como eu seguistes;
 Não façais de vans sombras fundamento.

Deixa já fratura triste os versos tristes.

Isto Licidas disse, o que cantava

Menalo, Apollo o diga, que o escutava.

Men. Traze agoa, que cavei na branca area,
Licia, com minha mão, em o Sol nascendo;

Acende, e apaga nella esta candeia

De tres lumes, tres vezes, e acendendo;

A mea della gasta: na outra mea

O meu encantamento irey fazendo.

Tu, sancto Amor, minhas palavras guia.

Trazei-me, versos meus, o meu bom dia.

Arde o fagrado incenso; só falecem

Versos; versos a mortos tornão vida.

Com versos secos campos reverdecem,

Com versos a Lua he nos Ceos detida.

Aos versos as serpentes obedecem,

Delles foi já Proserpina vencida.

Cantando Orpheo Euridice trazia;

Trazei-me, versos meus, o meu bom dia.

Este fagrado Myrtho a ti, fermosa

Venus, a ti tambem o teu fagrado

Loureiro, louro Apollo; a branca Rosa,

O Lyrio de ninguem já mais tocado

Ao casto Amor consagro: piadosa

Me fé Máy, me fé filho: e tu cantado

Phebo sempre em tristeza, e alegria.

Traze-me, versos meus, o meu bom dia.

Ata, Licia, ata o laço de tres cores

Com tres nós, e em atando, diz: eu ato

De Marilia, e Alcippo os bons amores;

Diga Amor, diga Venus, e eu os ato.

Estas duas capellas de alvas flores,

Que aqui á Apollo pus, eu as defato.

Esta a mim, esta a Alcippo meu tecia.

Traze-me, versos meus, o meu bom dia.

Em

Em quanto Alcippo tarda he o dia escuro,
 Encobrem-mo mil nuvês: eis derramo
 Da Phenix casta a cinza, em que o seu puro
 Corpo se queima, e nasce; e Alcippo chamo.
 Vem Alcippo, vem já; porque tam duro
 Es a Marilia? ah meu Alcippo, eu te amo.
 Contigo o Ceo se me esclareceria.

Trazey-me, versos meus, o meu bom dia.

Qual por montes, e bosques a cansada
 Novilha o branco Touro em vão buscando
 Junto d'agoa em verde herva só deitada
 Da noite, que já vem, não se lembrando,
 Ali de saudade traspassada
 Toda em seu brando amor se está gastando.
 Tal por mim, meu Alcippo ver queria.

Trazey-me, versos meus, o meu bom dia.

Este limo trazido lá do Nilo

Me deu Merys, e esta herva que lá nasce
 Tinta no sangue do espantoso Horilo,
 Que mil vezes he morto, e mil renasce.
 E esta espinha de hum manso Crocodilo,
 Que n'agoa vive, e na ribeira pasce.
 Com isto em mil fórmas Merys se fazia.

Trazey-me, versos meus, o meu bom dia.

Aqui d'Alcippo tenho inda guardados

Os seus doces despojos, inda leo
 Mil versos em meu nome aqui cortados
 Nesta Faya, esta Faya Alcippo creio.

Dos prazeres por ti profetizados,
 Alcippo, inda o primeiro me não veo.

Mostra a verdade, Alcippo, a quem te cria.

Trazey-me, versos meus, o meu bom dia.

Eis as folhas bolíram do Loureiro.

Eis o Myrtho com flores se levanta.

Ouçõ asas, ouçõ aljaba do frecheiro.

A' mão direita Philomela canta.
 Alcippo vem, Alcippo verdadeiro
 No casto amor, e na firmeza sancta.
 He Alcippo, ou m'engana a fantasia.
 Cessai, versos; já chega o meu bom dia.

D A P H N I S.

E G L O G A VII.

Eurillo.

Lcidas.

A Qui, Licidas, canta; olha quam branda
 Por entre as verdes cannas vem bolindo
 A fresca viração, qu'este ar nos manda.
 Olha quam enlaçada vay sobindo
 Pelos altos Ulmeiros a verde-Hera,
 De que tam doce sombra está cayndo.
 Se hora cantasses, Licida, eu te dera
 Bom premio: ah pastor canta: eu quero dar-te
 Hum premio, que inveja a Tityro fizera.
Lic. E a qual bom cantor, ou em que parte
 Viste, Eurillo, vender nunca seu canto,
 Que Apollo gracioso nos reparte?
Eur. E qual preço será tam rico, e tanto
 Licidas, que igualar possa a brandura
 Do teu som, que desfaz o Amor em pranto?
Lic. Só da branca Marilia a fermosura
 Negra nos olhos, negra nas pestanas
 Meu canto paga, minha voz apura.
 Rustico Mevio, ah porque mal profanas
 O som devido ás Musas? e ós Amores?
 Porque infamas, mão Bavio, as doces canas?
Eur. Mevio, e Bavio são rusticos pastores;

Tu

Tu meu Licidas sô, tu sô nos cantas.
 Mevio, e Bavio são Rás, não são cantores.
 A quem tu não deleitas, não espantas,
 Pareça Mevio bem, Bavio leite.
 Tu a mim canta, e tange ás Musas sanctas.
 Hum vaso tenho ali de puro leite
 D'aquella branca Cabra hoje mungido,
 Dartoy, e hú tarro d'Hera, em que to deite.
 Hum novo tarro, Licidas, trazido
 D'estranhas terras, d'hú grá mestre obrado,
 Por onde licor nunca foy bebido.
 Nunca o cheguey ós beiços, mas comprado
 Por hum tenro cabrito, assi té gora
 Inteiro o tive sempre, e bem guardado.
 Cada vez que as figuras vejo, chora
 A minh'alma de mágoa. Está a ribeira
 Do rico Téjo, onde Neptuno mora.
 Ali tristes pastores, e primeira
 Chorosa Venus, Satyros, Sylvanos
 De toda flor, que em Papho, e Gnido cheira;
 Hum PASTOR cobrem, a que os leves annos
 Fugindo vão. Amor ali esfmorece,
 Então sô piadoso de seus danos.
 Co. brando Adonis todo se parece
 O moço branco, e louro; ah crueldade!
 Os olhos cerra, como que adormece.
 Cruelmente cortado em mocidade,
 Como do duro arado a branca rosa,
 Que o duro lavrador move piedade.
 Em outra parte está como queixosa
 Contr'os Ceos húa NIMPHA mansamente
 Chorando, e assi chorando mais fermosa.
 Lucina mais que nunca diligente
 Hum minino á luz clara então mostrando
 Da triste Nimpha parto seu resente,

O dá ás douradas Horás, que criando
 O vão mimosamente; e eis que as tres Fadas
 Já na mão tenra hum cétro lhe estão dando.

Logo após as Nimphas, que espantadas
 Saem do fundo pégo, d'hum alto monte
 As estrellas por Protheo são mostradas.

E como que cum dedo aos Ceos aponte,
 Com outro no minino, por escrito
 Teus dias (diz) ledos o Mundo conte.

A mão do mestre igual ao grande sprito
 Licida, esta viva obra aqui cortou.
 Lá na Arcadia se fez, vendeo-ma Eucrito.

Mas se a tua voz, que sempre me soou
 Branda, em quanto aqui o Sol o pasto tolhe,
 Soltar quizeres, Licida; eu to dou.

Licidas canta; assi amorosa te olhe
 Aquella, a quem tu cantas, e te teça
 Fresca capella, quando as flores colhe.

Sempre ás tuas ovelhas reverdeça
 O prado; e o triste Inverno, que tememos,
 Aos olhos da tua Nimpha nos florece.

O nosso DAPHNIS que já aqui não vemos,
 O brando Daphnis, com teus versos chama.
Lic. Versos a DAPHNIS, doces versos demos.

Voz de Licidas he, que Marilia ama.
 Que fontes, ou que bosques lá forçadas
 Vos tinham, de Apollo irmãs fermosas,
 Quando a DAPHNIS as cores demudadas
 Vos não tornavam delle piadosas?

Como alvas flores do Sol são cortadas,
 Como murchas do frio as brancas rosas
 Se cortou Daphnis: nós que esperaremos?

Versos a Daphnis, doces versos demos.
 Tinha-vos por ventura o vosso monte?
 Ou as alturas lá do fresco Pindo?

Por-

Porque eu não creio que em sua branda fonte
 Vos estiveſſe o Mondego encobrando.
 Não creio que por mais que ſe nos conte
 Da freſca Tempe, aſſi ſoſſeis fugindo
 O amor de Daphnis, por quem cá vos temos.
 Verſos a Daphnis, doces verſos demos.
 Daphnis choráram na montanha as feras.
 Choráram os Lobos, os Lioés choráram.
 Deſpiram-ſe os ulmeiros de ſuas Heras,
 Os rios ás ſuas fontes ſe tornáram.
 As Nimphas contra ſi crueis, e feras
 Pelas prayas em vão Daphnis chamáram.
 Daphnis, ah Daphnis, onde te acharemos?
 Verſos a Daphnis, doces verſos demos.
 Chorou o barbaro Scytha, o duro Géta
 Em quantos campos rega o Gange, e o Nilo.
 Chorou o Arabe, o Indio, o deſtro em ſéta
 Partho, o grande Alifante, o Crocodilo.
 Bem prometteo tua morte o cruel cometa,
 Que vimos, ninguem ſoube então ſenti-lo.
 Ah ruſticos, que os Ceos nunca entendemos!
 Verſos a Daphnis, doces verſos demos.
 Veo Ovylio Paſtor, que na ribeira
 Do Tybre ſuas manadas apaſcenta,
 Quem levará, diz, já por cham carreira
 O gado? quem da chea, e da tormenta
 O recolherá ſão? quem verdadeira
 Semente á terra lança, e acrescenta?
 Quanto em ti, bom Paſtor, todos perdemos!
 Verſos a Daphnis, doces verſos demos.
 Vinham outros Paſtores lá das ferras
 Da neve frias, outros das campinas:
 Diſoſ Daphnis, nós em ſangue, e guerras
 Ficamos (dizem) tu melhor atinas.
 Outros paſtos terás lá, outras terras,

Fontes, que sempre lá manam continas.
 Tu vás viver, nós cá nos mataremos.
 Versos a Daphnis, doces versos demos.
 Não tanto o Delphim lá no mar chorava.
 Não tanto Philomela lamentou.
 Não tanto Ariadne aos ventos se queixava.
 Nem tanto Cisne em morte pranteou.
 Nem tantas vezes Eccho a voz tornava
 Do fermoso Pastor, que em vão chamou.
 Quanto Daphnis choráram, e nós choremos,
 Versos a Daphnis, doces versos demos.
 Daphnis, tu aos Pastores ensinavas
 Como ao curral viria o bravo gado.
 Tu as furdas serpentes encantavas.
 E os duros Touros punhas ao arado.
 Aqui d'hũa sebe, aqui d'outra cercavas.
 Teu rebanho dos Lobos bem guardado.
 Se são nos fica o gado, a ti o devemos.
 Versos a Daphnis, doces versos demos.
 Daphnis, tu sacrificios ordenaste
 Aos Pastores, tam sanctos: tu lhe ergueste
 Pera os Ceos novo sprito; e levantaste
 Altar á sancta paz, em que viveste.
 Com quanto amor bom Daphnis já pisaste
 Estes campos, e esta agoa aqui bebeste!
 Brando Daphnis, sem ti como a bebemos?
 Versos a Daphnis, doces versos demos.
 Ah Daphnis, chama, Daphnis ah, suspira
 O teu mimoso gado, Pastor brando.
 Quem inda esse teu rosto hum tempo vira,
 Que sempre lédo nos estava olhando!
 No manlo peito teu nunca entrou ira.
 Amaste em vida, ah, e morreste amando.
 Quando outro amor, ó bom Pastor, teremos?
 Versos a Daphnis, doces versos demos.

Ah,

Ah, que a Malva, e a Ortiga reverdece;
 D'hum dia n'outro torna outra herva nova,
 Séca-se o campo, com Abril florece.
 Mayo cad'anno a pintura renova.
 Desapparece o dia, eis aparece.
 Acaba o anno o Sol, o Sol o ennova:
 Nós pera sempre desaparecemos.
 Versos a Daphnis, doces versos demos.
 Ficay minhas ovelhas, meus cordeiros
 (Diz Daphnis) claras fontes, bons pascigos:
 Tenhais de meu herdeiro mil herdeiros.
 Vivei em paz, pastores, meus amigos.
 Mil Dezembros conteis, e mil Janciros
 Num amor juntos contra os mãos imigos:
 Daphnis (dizei) que nos amou, amemos.
 Versos, e flores a seus ossos demos.
Eur. Mel puro da tua doce boca mana
 Meu Licidas, teus versos favos são.
 Phebo tempéra a tua suave cana.
 Nunca a voz te enfraqueça, nunca a mão
 Te canse, nunca este ar deixe de ouvir-te
 Ao Sol, á sombra, em Inverno, e Verão.
 Fresco leite no tarro vou mungir-te.

F L O R I S.

E G L O G A VIII.

LA onde o claro Téjo a praya lava
 Rica das brancas conchas d'Oriente
 Já seus cabellos n'agoa o Sol molhava:
 Quando seguindo Amor, fugindo a gente,
 D'hum alto, que o mar longe descobria
 Té onde o Téjo perde sua corrente,
 Lidia cos olhos, triste, em vão seguia,

Quanto a vista alcançava, a Não ligeira,
 Que co seu Floris desapparecia.
Como se fosse aquella a derradeira
 Vista de Floris, Lidia assi chorosa
 O chamava em voz alta na ribeira.
Floris cruel, e dás-te á furiosa
 Força do mar, e vento, e a mim, que te amo,
 Deixas assi morrer de ti faudosa?
Se lá te soa a voz, com que te chamo,
 Torna Floris; ah torna; e não te abrandas
 Ah duro, a quantas lagrymas derramo?
Nimphas do doce Téjo, Nimphas brandas,
 E tu das doces agoas brando Téjo,
 Que o grande mar já co Tridente mandas.
Ali vai meu amor, e meu desejo.
 Se amor sentis, fazey que tornar veja.
 Aquella cruel Não, que fugir vejo.
Ou ponde-mo já vivo onde desejo
 Floris, se tanto folga assi fugir-me;
 Bom vento, imiga não minha, te reja.
Porque assi, Floris meu, folgas partir-me
 Esta minh'alma? antes ma levás lá:
 Assi podesse eu toda apôs ti ir-me.
Se o meu amor em premio meu me dá
 Odio; e por me fugires, poés em sorte
 A vida aos ventos, Floris, torna cá.
Torna, e vive tu, Floris: quem tam forte
 Em te amar he, será em deixar a vida;
 Cessará o meu amor, e a tua morte.
Ah duro! he na montanha alta seguida
 Do Lião a que o foge, he do Carneiro
 No campo a ovelha, e eu sou de ti fugida?
Não o creio, meu Floris, não: primeiro
 O Amor deixará os doces Amores,
 Seu Myrtho Venus, Phebo o seu Loureiro,

O verde Abril secará as tenras flores,
 Reverdecerá o campo em seco Agosto,
 Que tal cream de Floris os Pastores.
 Já t'eu vi algum'hora o branco rosto
 Por Lidia em doces lagrimas banhado,
 Outr'hora em doce riso, e brando gosto:
 S'a algum vento inconstante tens já dado,
 Como te dêste a ti, minhas lembranças,
 Tu só deves de ser nisto culpado.
 Branca Lua, senhora das mudanças,
 Dos tempos, e dos mares, s'algun'hora
 Em desejos viveste, em esperanças;
 Inda o Larmio penedo, inda lá chora
 Tuas doces mágoas, inda se deleita
 Do teu amor, onde teu Endimion mora:
 Leva cos brancos rayos teus direita
 Aquella não, e tem firme a vontade
 De Floris, a quem eu seja sempre accita.
 Aves, que serenaes a tempestade,
 Aves, que saudosas já chorastes
 Das ondas, e do vento a crueldade,
 S'algu'hora já as ondas desejustes
 Brandas a voffo amor, entregue aos ventos,
 Doa-vos meu amor, Aves, que amastes.
 Sete dias podeis os movimentos
 Dos ventos abrandar; mas sete fetes
 Os detende hora lá nos feus assentos.
 Se me isto, ó branca Alcione, promettes,
 Inda lá te pareça em sua figura
 Teu Ceyce, por quem n'agoa inda te mettes:
 Eu em tanto das flores, e verdura
 Tecerey mil capellas ao teu brando
 Filho, ó Deosa d'amor, e de brandura.
 E assi colhendo as flores vigiando
 Estará o mar minh'alma, e á doce lira

Alcippo os doces versos fetos cantando.
 Cantará como em vão chora, e suspira
 A vista da cruel Não, que inda aparece
 Aquella, que Theseo por seu mal vira.
 Como se queixa ao mar, como esmorece
 A moça ali deixada em tanto medo.
 Entre tanto o cruel desaparece.
 Estava a triste Ariadne no penedo
 D'hũa parte mar bravo, d'outra fêras;
 Ditosa morte, se vieras cedo!
 Cruel Theseo, cruel, diz, que fizeras
 A hum teu cruel imigo, se a quem t'ama
 Assi deixas ao mar, e as bestas téras?
 Depois me cantará da que inda chama
 D'alta fogueira já com a espada nua
 O cruel, que do mar enxerga a chãma.
 A causa, diz, da morte, e a espada he tua
 Falso Troyano, só a mão he minha.
 Vingue em si, quem mal ama, a culpa sua.
 Tambem do nadador, que hia, e que vinha
 Ondas ao rosto, o peito ás ondas duro
 A luz, que o lá chamava, e o cá detinha.
 Em fim mar cruel és, pouco seguro
 Aos bons amores, lanças morto á praya
 O triste moço, Hero do alto muro.
 Agora brando mar a furia caya,
 Em quanto Floris vem; clara, e serena
 Sobre estas ondas tua fronte sayá.
 Vós, Amores, voay, e hũa doce pena
 D'essas pregay a Floris, com que ardendo
 Sintá do fogo meu parte pequena.
 Outros as bravas ondas vão rompendo.
 Outros postos estem ao ferro, e fogo.
 Meu Floris a sua Lidia estê cá vendo,
 Saudoso d'Amor, brando a meu rogo.

M I R A N D A .

E G L O G A IX.

Alcippo.

Androgeo.

Alc. **Q**Uanto tempo, ó Androgeo, não cantamos?

And. Fugio-nos o prazer, e torna tarde.
Saudosos por elle suspiramos.

Vês o Mundo, que vay? vês que fogo arde
Por tanto campo lá, por tanta ferra,
Que a nossa cá ameaça? *Alc.* Deos a guarde.

And. Mal nascidos Pastores, triste terra
Tanto tempo queimada, crueis mãos,
Contra vossas entranhas moveis guerra?
Tomay, Pastores, conselhos mais saõs.

Olhay o Lobo, que lá está em espreita,
E o melhor leva sempre dent'as mãos.

Junto num corpo o gado por direita
Estrada, em sangue tinto hum só seguindo;
Que jornada fareis aos Ceos aceita!

Ir-se-vos-hia (eu o vejo) o mar abrindo,
Abaixando-se ferras; que hervas, e agoas
Iricis, e que campos descobrindo!

Alc. Não lembremos, Androgeo, tantas mágoas.
Corre o Mundo já assi trás seu mal cégo.
Ardem no peito d'ira vivas fragoas.

Môres rios lá vejo, não to nego,
Mais espaçofos campos; mas ditoso
Quem seu gado apascenta em bom socego.

Em quanto o nosso gado aqui mimoso
Bebe do doce Têjo a agoa corrente,
Não lhe queiramos bem mais delectoso.

Vivamos, e cantemos lédamente,

E aquella divindade celebremos,

Que á fonte agoa nos dá, fruíto á semente.

And. E a que ouvidos me mandas que cantemos?

Alc. De Marília, de Delia, e dos Amores.

Nem o pôvo nos ame, nem o amemos.

And. Surdos ouvidos, barbaros Pastores,

Quam mal bebedis do Téjo as agoas claras!

Quam mal pisades as beas nascidas flores!

Alc. Quantos tu, claro Phebo, desemparas,

Venham buscar o teu divino lume

Nos brandos olhos de duas Nimphas raras.

And. Quem de Pindo subir ao alto cume

(Não posso erguer a voz; e a noite ao dia

Cantando ajuntem já, tudo he costume.)

Alc. Arde em chãmas o peito, a lingua he fria.

As lagrymas sam fogo, o rosto neve.

Quem juntamente assi me quèyma, e esfria?

And. Algum vento amoroso, brando, e leve

Ajude minha voz, e ma levante.

E parte della á branda Delia leve.

Alcippo, eu não posso ir mais por diante.

Foge me a voz, carrega-se me o sprito.

E não sey quem me manda que não cante.

Alc. Eu vejo aquelle alto ulmo, Androgeo, escrito.

De fresco ferro está (vem ver) talhado.

Eis que todo tremeo, e souo hum grito.

And. Algum segredo, Alcippo, aqui guardado

Está de Fauno, ou Nimpha; le. *Alc.* Divino

Verbo he, e não de humana mão cortado.

And. Nimphas fagradas, Nimphas, não souo digno

De ver vossos segredos: tu me ajuda,

Tu me se, brando Apollo, hora benigno.

Aquella Lira, a cujo som se veo

Do Tybre, e d'Arno Apollo, a Neiva, e Lima,

Por quem verde era o campo, o rio cheo

Cor-

Corria á voz da nova Tosca Rima,
 Depois que o bom Miranda, em cujo seo
 O sancto fogo ardeo, se foy acima,
 Pendurou aqui Phebo; aqui guardada
 Manda ser dos Pastores sempre honrada.

Alc. Feriste-me a alma de hũa ponta aguda
 Androgeo, he morto o nosso bom Miranda.

And. Isto fazia a minha lingua muda.

Alc. O bom Poeta, e já a tua doce, e branda
 Voz se calou; já por aqui não foy,
 Nem os ventos serena, o mar abranda?

And. Ah, já aquella innocencia sancta, e boa
 Do bom velho, aquella alta, e sam doutrina
 Nos deixou: quam depressa o melhor voa!

Alc. Ah sancto velho de mil annos digna
 Era tua vida, e inda mil annos cedo.
 Quem honra o campo? quem virtude ensina?

Já não do pé da Faya, ou do penedo
 Muscoso te ouvira o campo, e o vale
 Cantar da terra, e Ceos o alto segredo.

O Rio seque, e o campo; Apollo cale.
 Chorem as tristes irmãs, nem já aqui soe
 Frauta, pois nenhũa ha, que a tua iguale.

Nem Pastor cante, nem Touros coroe.
 Nem tenha Hera, ou Loureiro já verdura.
 Nem Nimpha d'agoa faya, ou ave voc.

Perdeste Apollo já tua fermosura
 Do teu poeta sempre tam cantada,
 Perdeste, Amor, teu fogo, e tua brandura.

O doce, e grave Lira temperada
 D'aquella mão, que assi te fez famosa,
 Não consintas ser de outra mão tocada.

A nossa idade, que tu tam ditosa
 Fizeste, te honre sempre, e louve, e ame,
 Pois por ti será sempre gloriosa.

E quem ha já, que co som brando chame
 As bellas Nymphas a lugar sombrio?
 E pelo verde chão flores derrame?
 Quem vestirá dos ulmos já o rio?
 Quem cobrirá de sombra as claras fontes?
 E os tenros Myrthos guardará do frio?
 Aquelle som, que enchia d'herva os montes,
 Que o gado derramado a si juntava,
 E que os rios detinha nas suas pontes:
 Aquelle som, que tam doce soava
 Por toda a parte, ah já morreo contigo.
 Que fará quem ouvir-te desejava?
 Ah meu bom mestre, ah Pastor meu amigo,
 Como minh'alma, e olhos se estendiam
 Por ver-te, e o duro tempo foy-me imigo!
 Mas inda que os meus olhos te não viam,
 Cá te tinha minh'alma, e os teus bons cantos,
 Lá me levavam, e de ti todo enchiam.
 Day ao vossô Poeta tristes prantos
 Téjo, Mondego, Douro, Lima, Odiana;
 O Nilo, ó Gange, day lhe lá outros tantos.
And. Não pode a obrigação, Alcippo, humana
 Fugir o bom Miranda, aos Ceos he ido.
 Nunca do campo aos Ceos o passo engana.
 Mas quando poderás ser esquecido?
 Estar-te-ham Tygres, e Liões chamando.
 Será de Tygres teu bom canto ouvido.
Alc. Vejo vir nossô Sázio lá chorando.
 Sázio, que docemente assi pendias
 D'aquella boca, e som suave, e brando!
 Vive tu lá, Miranda, immortaes dias
 Da coroa de Louro ido á da gloria:
 E em quanto com tua luz de lá nos guias,
 Recebe isto, que canto em tua memoria.
 Aqui Neyva, aqui Lima triste chora,

Que-

Quebra seu arco Amor, Apollo a lira
 Séca a fonte Hyppocrene, os Louros Flora.
 O bom canto empudece, Eccho suspira.
 Mas no Ceo léda a innocente alma mora
 Do bom Miranda, que de lá inspira
 Sancto fogo de amor, e sancta paz,
 Lá estás Miranda, aqui só terra jaz.

SE G A D O R E S.

E G L O G A X.

Falcino.

Sylvano.

A O S E N H O R D. D U A R T E.

NO campo do Mondego ao meo dia
 Dous segadores Falcino, e Sylvano,
 Em quanto os outros jazem á sombra fria
 No mais ardente Sol de todo anno:
 Elles sós segam, e cantam a porfia
 D'Amor, hum seus bens canta, outro seu dano,
 Arde o Mundo, a Cygarra só responde.
 Amor hora aparece, hora se esconde.
 Inda daquella Nimpha faudofo,
 Que no claro Mondego se banhava,
 E tanto tempo trouxe em vão queixoso
 O Pastor, que Serrano se chamava.
 Que convertido em Cisne no amoroso
 Seu fogo ardendo, o seu fim cantava,
 Inda a busca o Amor menham, e tarde,
 Ella o despreza, e em outro fogo arde.
 Namorou-se o Amor dos seus amores
 D'aquelle Pastor triste, e fez-lhe guerra.

Quem

Quem vio tam defiguaes competidores?
 Amor contr'hum pastor, fogo co a terra?
 Em fim choráram Nymphas, e Pastores
 Serrano morto naquell'alta terra.
 Ella o Amor fugio, que em vão a chama.
 S'em vão Serrano amou, e elle em vão ama.
Dali o cruel ficou, segundo foa
 Afrontado de si mesmo, e corrido.
 Menos dizem que fere, e menos voa,
 E assi do Mundo he já menos temido.
 Fez de seu fogo em si húa próva boa,
 Sospirou de sua frecha em vão ferido.
 Da sua divina força perdeo parte,
 Com que vencia a Jupiter, e Marte.
Forçado da deshonna, e da vergonha
 Ao bosque, ao campo, ao rio vay fugindo.
 Ali vamente em seus amores sonha.
 Ali em seu fogo s'está consumindo.
 Contra a rustica gente sua peçonha
 Mostra, e seu fraco arco está brandindo.
 Outros dizem que agora he mais cruel,
 Mais armado de fogo, mais de fel.
E por fazer húa aspera vingança
 Em castigo daquella offensa sua,
 Faz quem mais ama, amar sem esperança,
 E a mais fermosa Nimpha faz mais crua.
 Cresce o amor, no mal não ha mudança:
 Castiga em ti, cruel, a culpa tua.
 Ou se ser desprezado te doe tanto,
 Põem do teu fogo nellas outro tanto.
Alto Senhor, se a teus altos ouvidos
 Chega o som baixo da çamponha minha,
 Seram meus versos tam engrandecidos,
 Quanto pera os ouvires lhes convinha.
 Outros mayores, que te são devidos,

Já os tentey em vão : que não fostinha
 O peso do teu nome alto, e Real
 Tam fraco ingenho, e voz tam desigual.
 Já, Senhor, teu Andrade se aparelha
 Ao alto canto desta empresa dino;
 Já com todas as musas se aconselha
 Em que modo, em que som mais peregrino
 Cante teu nome: e como colhe a Abelha
 Da melhor flor o seu liquor divino,
 Affi escolhe o melhor de Apollo, e Marte,
 Para mostrar ao Mundo o grã DUARTE.

Tu por honra das Nimphas tam fermosas
 Lilia, e Celia, que aqui são cantadas,
 De Falcino ouve as queixas amorosas,
 De Sylvano ouve as rimas namoradas.
 E de Lilia, e de Celia desejosas
 De cantar sempre, e sempre aparelhadas
 Estão as Musas, e ellas inspiravam
 A Falcino, e Sylvano o que cantavam.

Sylv. Quem te não ama, Amor, não te conhece.
 Quem se queixa de ti, de todo he cêgo.
 Com amor se semea, e madurece
 O branco trigo, que eu cantando sego.
 Com amor a agoa do Mondego cresce,
 Com amor cantam Nimphas no alto pego.
 Com amor cantarey os meus amores,
 E vencerey cantando os segadores.

Falc. Quem a Amor chama amor, o nome lhe erra.
 E he mais cêgo, quem lhe cêgo chama.
 Frechas, e fogo que são fenão guerra?
 D'onde, fenão dos olhos lança a chama?
 Não embebe tanta agoa a grossã terra,
 Nem tanto a loura espiga a fouce chama,
 Que eu mais agoa dos olhos não derrame,
 E que mais polo Amor em vão não chame.

Sylv.

Sylv. Se tu ó Celia aqui chegaffes hora,
 Logo eu deffes teus olhos esforçado
 Mais feixes deffes segarey num hora
 Dos que Falcino tem hoje segado.
 Não venhas, Celia, ah, não sayas fi
 Que arde o Sol muito, está o campo
 E inda o Sol arderá mais, em te ven
 Que por te ver, se vay affi detendo.

Falc. Se a minha Lilia aqui hora viesse.
 Não arderia o Sol quanto agora arde.
 Que eu sei que antes os rayos encolti
 Mudando a festa núa fresca tarde.
 E que ant'ella a sua luz escurecesse,
 Roga, Sylvano, ao Sol, que hum pou
 Verás, se Lilia vem, a differença,
 Verás quem em amar, e em segar ve

Sylv. Pus-me a olhar a menham como
 Alva, e rosada, e tam resplandecente
 Eis que por outra parte aparecia
 Celia, abrindo ao Mundo outro Orie
 Em quanto húa fermosura, e outra v
 Conheci a differença claramente.
 Perdoay, disse, Estrellas radiosas,
 Inda as cousas mortaes são mais ferm

Falc. Fugio me Alma, já o sey, pera a
 Lilia, ali a acolheita tem segura.
 Que fizera se branda, e se amorosa
 Lilia lhe fora affi, como lhe he dura
 Ou se a não avizara que enganosa
 De Lilia era aquella fermosura?

Ila-hey buscar, e hey medo que fique
 Lá ambos. Dize, Amor, que aqui fa
Sylv. Quem seu trigo semea em terra ba
 Recolhe sempre o desejado fruito,
 Quando Abril sua agoa branda coa,

E quando Mayo vem ventoso, e enxuto.
 Não venha o máo Soáo, que a espiga moa,
 Nem muito frio o Sol, nem quente muito.
 Assi a Amor tambem seus tempos vem,
 E quem seus tempes lhe erra, não o tem.

Falc. Eu semeey, Sylvano, em hora escura
 Em parte, onde não chove, nem orvalha.
 Enganou-me da terra a fermosura,
 Nem semente colhi, nem grão, nem palha.
 A Aristo nasce o trigo em pedra dura,
 Que parece que ao vento o lança, e espalha.
 Assi co Amor mais a ventura val,
 O mal paga co bem, o bem co mal.

Sylv. Lilia fala, Amor está falando.
 Lilia ri, Amor tambem está rindo.
 Lilia chora, Amor está chorando.
 Lilia abre os olhos, está-os Amor abrindo:
 Lilia canta, Amor está cantando.
 Lilia vay-se, vay-se o Amor indo:
 Nisto só desconformam: Lilia he dura,
 O Amor dizem que todo he brandura.

Falc. Nos cabellos de Celia o Amor se tece,
 Nos seus olhos Amor seu fogo acende.
 Amor na boca, e testa resplandece,
 N'alva, e rosada face Amor se estende.
 Amor nos brancos peitos lhe adormece.
 Em tudo nella Amor se vê, e entende.
 Mil amores consigo Celia traz.
 Quem Celia ouvindo, ou vendo terá paz?

Sylv. A Ceres he devida a sementeira.
 As Rosas ao Verão: a Flora as flores
 A Bacho a vide: a Pallas a Oliveira.
 A Abril o verde prado: a Mayo as cores.
 A Lilia a fermosura verdadeira.
 A Lilia as graças, a Lilia os Amores.

Os fôspiros, e as lagrymas em forte

A Amor couberão: e a mim, por Lilia, a morte.

Falc. O Sol o Inverno, o Sol o Verão traz,
O mesmo Sol a noite, o Sol o dia.

Affi Amor faz guerra, Amor faz paz:

O mesmo Amor tristeza, e prazer cria.

O Sol a calma, o Sol a chuva faz,

O mesmo Sol a terra aqueça, e esfria:

Affi agoa co fogo ajunta Amor,

E lagrymas mistura, riso, e dor.

Sylv. Se lagrymas não foram, todo ardêra,

E se não fora o fogo, todo em agoa

Por ti, ó Lilia, já me desfizera,

Affi por ti sou Lilia viva fragoa.

S'Amor a hum contrario outro não dêra,

Quem tanto ardor sofrêra? quem tanta agoa?

Affi co agoa, e co fogo sou mais forte,

Affi passo por ti dobrada morte.

Falc. Tu passas, ó Cygarra, a sêsta ardente

Cantando á sombra dessas verdes ramas.

A noite fria dormes docemente:

Não te queixas d'Amor, nem seu bem amas:

Vives cantando; e como quem não sente,

Cantando morres, e tua morte chamas.

O ditosa Cygarra, se tu amasses,

Eu sey que nem dormisses, nem cantasses.

Sylv. Quando mostrar-te quero o pensamento,

Lilia, que n'alma escondo, e o que queria;

As palavras se vão da boca em vento,

E de hum mortal fôr a alma se esfria.

Arço por ti, e em vão mostrá-lo tento.

Mas bem to mostra a minha covardia.

Se me calo, os meus fogos são mais fortes,

Affi mouro por ti, Lilia, duas mortes.

Falc. Pastores, buscaes fogo? vinde aqui,

Que

Que mais fogo quereis, que o que staes vendo?

Fogo sou, desque a branda Celia vi:

E tudo quanto toco em fogo acendo.

Acendeey vossas iscas, e fugi:

Não vos chegueis a mim, que ireis ardendo.

Arderá, se o tocar, o bosque logo.

Fugi, que quanto vejo, he calma, e fogo.

Sylv. Falcino, a voz, e a fouce te enfraquece.

A ordem de segar levas errada.

A espiga, que ante os pés se te offerece

Deixas, e segas a que está arredada.

A mão te treme: o rosto amarelece.

Hum rego mal segaste, do outro nada.

Vay-te á sombra, Falcino, vay-te ao rio.

Que eu segarey cantando ao Sol, e ó frio.

Falc. Bem podes tu vencer na fouce, e braço,

Mas ferás no amor de mim vencido.

Esses erros, Sylvano, eu não os faço,

Que não trago na fouce o meu sentido.

Mas tu, a quem Amor dá tanto espaço,

Não tens jornal tam grande merecido.

S'eu hoje Lilia víra, eu só segara,

Sem descansar, outra mayor leara.

Erguey-vos já, ó fracos segadores,

Que jazeis atégora á sombra fria.

Vinde ver como segam os amores

Na mór força da calma ao meo dia.

O doce Amor! quem sofre teus ardores,

Como do Sol o ardor não sofreria?

Amay, amigos, fer-vos-ha proveito.

Tercis o corpo ao Sol, e á neve affeito.

ANDROGEO.

E G L O G A XI.

E Ste ultimo favor fô me concede
 Rustica Musa, e dá-me hum novo canto,
 Qual meu amor, a meu Androgeo pede.
A Androgeo meu, que eu amo, e me ama tanto
 Meus versos dou: Filis fermosa os lea:
 Filis de Androgeo abrande o fogo, e o prant
 Léve ao mar clara, e doce sempre a vea
 O Téjo, em quanto eu canto, e onda salgada
 Não toque em sua dourada, e branca areia.
Filis cruel, de Androgeo tam cantada.
 Filis cruel, de Androgeo viva morte,
 Té quando queres ser em vão chamada?
Amor nesses teus olhos se fez forte.
 No brando peito teu pôs sua dureza:
 Qual pôde ser do triste Androgeo a sorte?
Em outro Mundo, em outra natureza
 Vives, outro Ceo vês, outras Estrellas,
 S'essa ingratição chamas fortaleza
Olha, Filis fermosa, as Nymphas bellas,
 Que não desprezam sempre os seus Pastores,
 Que lhes tecem, e lhes dão frescas capellas.
Porque cria Abril hervas, Mayo flores,
 Porque correm, ó Filis, agoas claras,
 Se tu tens por vãos sonhos bons amores?
Tu desprezas Amor, tu desamparas
 Assi, cruel, quem te ama? ah Filis dura!
 Quanto outra foras, se tu em vão amaras!
Não basta ó Filis essa fermosura?
 Não desfes olhos teus o rayo claro?
 Não desfa neve a tam rara brancura?

Inda a quem te vê queres que mais caro
 Custe sua morte? e porque o desesperes
 Que em ti, nem no Amor mesmo ache emparo?
 Filis, ou tu com as frechas do Amor feres,
 Ou fere o Amor cos teus olhos fermosos.
 Porque inda mais dureza ajuntar queres?
 Ah movan-te, cruel, os faudosos
 Gritos, ah movan-te os suspiros tristes,
 Que não ousam mostrar-se inda queixosos.
 Dizey montes, e valles o que ouvistes:
 (Inda o som doce pelos ares voa)
 Dizey qual aqui o triste Androgeo viste.
 Teu nome, que tam alto ao longe soa
 Na doce voz de Androgeo, e doce cana,
 Por quem rua fermosura se pregoa,
 Teu raro sprito alçado em mais que humana
 Voz, que amor cria, e espanto em toda parte,
 Porque a quem tambem o canta tanto dana?
 Filis, do meu Androgeo a melhor parte
 Me tens roubado, e tu desconhecida
 Vences inda em dureza o bravo Marte.
 S'algũ'hora acertou de ser ouvida
 De ti sua voz tam branda, ou se algũ'hora
 Viste do mortal rosto a cor perdida.
 Verias bem, ó Filis, que não chora
 A sua morte Androgeo, pois que te ama,
 Mas a dor de deixar de var-te hũ'hora.
 Ditosa a morte, por ti, Filis, chama,
 Os Pastores lhe chamam desditoso.
 Filis cruel! que tal amor desfama.
 Vem o agreste Pan triste, e choroso]
 As fronte de pampilhos coroados,
 Androgeo, de quem andas, diz, queixoso?
 De ti te queixa só, ou do teu fado.
 Amor effas tuas lagrymas não sente,

Que

Que nos olhos de Filis vê's armado.
 Nem lagrymas a Amor, nem a corrente
 Ribeira farta o prado, nem á Abelha
 O alecrim, nem Sol, e agoa á semente.
 Vem outro, chora; vem outro, aconselha.
 E tu, Androgeo, estás em teu perigo,
 Qual ante o Lobo a paciente Ovelha.
 Veo Venus, sorrindo-se consigo,
 O riso he falso, esconde a dor no peito.
 Androgeo, diz, consola-te comigo.
 A quem devia Amor ser mais fogeito
 Androgeo, que á máy sua? pois tu sabes
 Quanto mal o seu arco me tem feito.
 Bem he que com tuas Musas não te gages
 Que resististe a Amor, a quem devendo
 Ficas, que em tal amor, Androgeo, acaba
 A Venus o Pastor olhos erguendo:
 Máy cruel, diz, de filho tam cruel,
 Quam léda estás a minha morte vendo!
 Nem pera si a Abelha faz o mel.
 Nem pera si a Ovelha sua lam cria,
 Nem pera si Amor he amor, mas fel.
 Mas pois est'alma a Filis se devia,
 Filis a guarde: Filis em si a tenha,
 Que essa he na morte a só minha alegria.
 Venham aqui Pastores sempre, venha
 O meu Alcippo; a fermosura cantem
 De Filis, porque a vida inda sostenha.
 E cortem versos, que soem, e espantem
 Quantos despois vierem, vendo a crua
 Morte de Androgeo, e quem os lèr, encant
 Filis, eu morrerei: será essa tua
 Vontade feita, verá o que deseja.
 Se mal o Amor me mata, a culpa he sua.
 A todos encuberta, e que se veja

Do triste Androgeo a triste sepultura
 Nesta terra, que pisas, Filis, seja.
 Filis, tu a pisas, não me será dura.

N A T A L.

E G L O G A XII.

A O DUQUE D'AVEIRO D. JOÃO.

SE Pastores de Deos foram ouvidos,
 De quem poderão já ser desprezados,
 Clarissimo Senhor? bem recebidos
 Sejam estes de ti, de quem cantados
 Teus feitos virám ser, que engrandecidos
 Deixarão nossos tempos, se seus fados
 Chegarem a tanto bem, tu lhes darás
 Novo sprito, voz nova, em que soarás.
A Deos cantam seus versos em memória
 Da honra, que hoje lhes fez; honram seu dia;
 Dito dia, em que se vio a gloria
 Dos Ceos na terra, e em ambos alegria.
 Devia-se outro verso a tal historia.
 Mas quem igual no Mundo lho daria?
 Não bastarám cantar Poetas mil.
 E Deos ouve hoje a frauta pastoril.

João.

Serrano.

Castilio.

Pastores, a quem hoje o grá MININO
 Deos, e Homem, JESU se descobrio,
 Cantay com novo sprito, e som divino.
 Em vós, ó felicissimos, se vio

Quam baixas são a Deos as cousas altas,

Tomo I.

K

Quam

Quam alta a humildade, e onde a subio.
 Senhor, que por perdão de nossas faltas
 Deceste hoje dos Ceos, e a baixa terra
 Sobre todos os Ceos póes, e exaltas,
 Senhor, que por só paz de nossa guerra
 Vens alegre morrer; amor, e paz
 Nos inspira, e perdoa ao Mundo, que erra.
 Cantay, Pastores, cujo canto apraz
 Aquelle grã MININO eterno, e sancto,
 Que hoje em presepe entre dous brutos jaz.
 Tu Castilio primeiro, siga o canto
 Serrano. Eya Pastores, começay;
 Cantay a Deos tal gloria, ao Mundo espantõ.
Cast. Vem, grã MININO, Deos, e Homem say
 Nova, e divina luz alumiar
 O cêgo Mundo, que perdido vay.
Serr. Vem Cordeiro de Deos, vem-nos lavar
 Com teu sangue innocente, e os mãos enganõs
 Do falso Mundo vem desfengnar.
Cast. Vem profecia já de tantos annos,
 Esperança de justos, que te crêram
 Sem te ver, a curalos de seus danos.
Serr. Ditofas almas, que te conhecêram.
 Ditofas bocas, que de ti faláram.
 Ditofos livros, que de ti se enchêram.
Cast. Ditofos são: mas mais os que adoráram
 Hum MININO por Deos, só, nu, chorando,
 Que cntre animaes em palha envolto acharão
Serr. O sanctas mãos aquellas, que tocando
 Estão a Deos! ó claros olhos sanctos,
 Que em taes trévas, tal luz estão olhando.
Cast. Aja nos altos Ceos, na terra cantos
 De gloria, e paz; alegre-te ó Inferno!,
 Não aja agora em ti dores, nem prantos.
Serr. Já se mostrou ao Mundo o VERBO ETERNO
 Fi-

Filho de Deos, já nos nasceo, já chora
MININO descuberto ao frio Inverno.

Cast. Não em leito real nasceo, não mora
Em paços de soberba, e de vam gloria,
Em feno jaz, ali o-bruto o adora.

Serr. O gloriosa nova, ó alta historia!
Ditoso o tempo, em que á terra o Ceo veo,
E ditosos os que honram tal memoria.

Cast. Este a terra fundou, e pôs no meo
Dos Ceos, criou o Sol, a Lua, e Estrellas,
Este he, de quem o Mundo todo he cheo.

Serr. Este o homem formou de nada, e as bellas
Cousas todas, que vemos, fogueitou
A seus pés, como proprio Senhor dellas.

Cast. Por elle reinam Reys, elle criou
A mesma Mãy, que o cria; ó maravilha
Grande! era virgem, virgem, e mãy ficou.

Serr. O MARIA ditosa, mãy, e filha
De Deos, esposa, e serva, hoje pariste
Deos. teu pay, teu Senhor, que a ti se humilha,

Cast. O MARIA ditosa, pois já viste
O fruto do teu ventre prometido,
O que Eva nos tirou, restituiste.

Serr. Onde quer que teu nome for ouvido,
Tudo se alegre, todos lédos cantem.
Seja nos Ceos, e terra engrandecido.

Cast. Teus segredos se cream, inda que espantem
A quem os não entende, Deos os faz,
A Deos por ti as almas se levantem.

Serr. Mor milagre, mor prova hi, onde jaz,
Faz teu filho, e de Deos, que se pomposo
Viera, ali Pastores, e Reys traz.

Cast. Rey, que sentado estás no precioso
Estrado d'ouro, e prata, olha a pobreza.
Do teu Rey, do teu Deos tam poderoso.

- Serr.* Hoje se desprezou tua riqueza.
 Hoje só se abateo teu alto estado.
 Todo Mundo ante Deos he grã baixeza.
- Cast.* Quem vio hoje hum pastor tam levantado,
 Que vê, e fala com Deos, porque confia
 No que tanto dos Ceos foy desprezado?
- Serr.* O rico estado aquelle, em que se fia
 Seguramente hũa alma! aquelle he Rey
 Que livre bebe o leite, e agoa fria.
- Cast.* Só alto, só ditoso chamarey
 Quem desprezando a baixa, e pobre terra,
 Aos Ceos seus olhos ergue, este honrarey.
- Serr.* O Pastores ditosos, que da guerra
 Do Mundo estaes tam livres, e dormis
 Seguramente em valle, em campo, em serra.
- Cast.* O Pastores ditosos, que fugis
 Da fortuna, de inimigos, e seguros
 Pisando esta herba verde aos Ceos vos is.
- Serr.* Em choupanas vivey, os altos muros
 Deixay a quem se teme: Deos vos ama,
 Dá-vos fruticos gostosos, são, maduros.
- Cast.* Hoje quis Deos tomar a vossa cama
 De palha, e feno: dormi meus Pastores
 Seguros nella, a vós primeiro chama.
- Serr.* Ajuntay-vos aqui vós Lavradores,
 Que a terra revolveis co arado duro,
 Chamay-vos hoje Reys, e Emperadores.
- Cast.* O rico desprezay, se o peito puro
 Não tem, se mais seu ouro, que a Deos ve.
 Humilde he vosso estado, mas seguro.
- Serr.* Os que hi por Deos te adoram, Deos lhes dê
 MININO, grossos campos, bons pascigos,
 Sequen-se á gente má, que te não crê.
- Cast.* Aos teus Pastores entre sy amigos.
 Corram as agoas claras, corram rios

De puro leite, sequen-se ós imigos.

Serr. Pastores Christãos foy, não foy gentios,
Filhos de Deos, irmãos de Deos, poupay
Vosso fangue, de que já andais vazios.

Cast. Pastores, que chamais ao grã Deos pay,
Hoje irmão se vos fez, paz, e irmandade
Vos trouxe, e vos deixou, tal dom guarday.

Serr. Torne este nosso tempo áquella idade,
Que tudo era sem paz, e puro Amor,
Sem meu, sem teu, sem muros, sem Cidade.

Cast. Tu, nosso bom João, merecedor
Eras daquelle tempo, e de outro estado.
Digno tambem de ti, tempo melhor.

Serr. Tu, nosso bom João, serás alçado
Onde o sprito te leva, que conhece
O bem do campo, e foge o povoado.

João. Amigos meus, tal canto não merece
Meu nome; a Deos cantay, e assi cantando
Vamos, em quanto o Sol desaparece.

Olhay como esta voz, que imos soltando
He doce, e alegre! olhay como responde
Tam clara a este verso Eccho, e o vai entoando!
Novos versos cantay, novos componde.
Temperay vossas Cannas docemente.

Deos vo-las ouve, a Deos nada se esconde;
Gloria nos Ceos lhe seja, e Paz á gente.

EPITHALAMIO

A O C A S A M E N T O

DA SENHORA D. MARIA,
COM O SENHOR ALEXANDRE FARNES,
PRINCIPE DE PARMA.

E Stava Amor feu arco guarnecendo,
Em novo fogo as fétas temperando,
Cercado dos Amores, huns tecendo
A corda, outros a aljaba cruel dourando.
Pelos floridos prados vão colhendo
Outros mil flores, só de Amor cantando,
Mil flores, que todo anno ali florecem,
Das quaes ó filho, e á máy capellas tecem.
Nunca vistas no Mundo, nem cheiradas
As flores são, que Amor pera si cria,
D'húas o liquor faz, em que apuradas
As fétas ficam, quando as elle afia:
D'húas o liquer frio, em que banhadas
As outras são, quando as do fogo esfria,
Em todas cruel, em todas espantoso.
Inda mais nas segundas temeroso.
Ardem duas forjas; duas bigornas batem
Não os feos ministros de Vulcano,
Hús fermosos Amores, que debatem
Sobre quem fará mais ao Mundo dano.
Ali os tiros, com que se combatem
Os duros peitos, ali a arte, e engano,
Ali os desejos, e temores suam,
Hús corações abrandam, outros encruam.
Tempéra húa agoa o chumbo, outra agoa o ouro,
Escolhe Amor dos tiros quaes lhe aprazem.

Aqui

Aqui está o seu poder, e seu thesouro,
 Aqui os vencidos seus despojos trazem.
 Hús coroados vem de Myrtho, e Louro,
 Outros miseramente mortos jazem.
 Segundo a cada hum lhe coube em forte
 Affi ou vive em gloria, ou vive em morte:
 Entrou a máy: e vendo affi occupado
 O filho em nóvas fétas, novo fogo,
 Depois de o beijar, tendo-o abraçado,
 Porque es, meu filho (diz) duro a meu rogo?
 Té quando sofrerás tam desprezado
 Andar teu nome, e eu trazida em jogo?
 Pera quem tomas arco, ou a quem te armas,
 S'ós teus mores imigos das as armas?
 Não ves qu'húa MARIA mais que humana
 S'estima? e quebra as setas, que apontaste?
 Outra Pallas ao Mundo, outra Diana,
 Que nunca a amor nenhum a sogigaste?
 Ou tu mesmo a temeste, ou se ella engana
 Co favor, que tégora lhe mostraste;
 Affi soberba vive em meu despeito,
 E só Diana, e Pallas traz no peito.
 Eu digo das duas filhas a primeira
 Do Iffante clarissimo excellente
 Da clara máy imagem verdadeira
 Neta do Rey primeiro do Oriente.
 Porque não farás tu que tambem queira
 Acrefcentar a luz resplandecente,
 Com que o Mundo se faz mais rico, e claro
 Co fruto de tal tronco ao Mundo raro?
 Tambem te defendiam CATHERINA
 Clarissima Princeza as castas Musas;
 Em cujo choro d'alto assento dina
 De Minerva te dava mil escusas:
 Venceste em fim aquell'alma peregrina

Com a força, de que tu, se queres, usas,
 Já ao seu sangue o seu amor juntaste,
 E d'aquelle alto sprito triumphaste.
 Porque consentirás que, affi te offenda
 Soberbamente a Irmam? meu filho estende
 Pelo Mundo teu mando, não se entenda
 Que quando alguém quizer se te defende.
 Porque tal falta em ti se não comprehenda,
 Afia a fêta, hum novo fogo acende:
 Hum novo fogo, que aquella alma inflame,
 E quanto ella he d'amar, tanto, e mais ame.
 Não negue ao Mundo hũa esperança certa
 Que já concebem do alto ajuntamento,
 Quando SEBASTIAM a porta aberta
 Mostrar das altas obras alto intento.
 Não só com ajuda da fortuna incerta,
 Mas do grande DUARTE, e d'outros cento
 Do Real sangue, e das Irmãs se espera
 Descobrir ind'ao Mundo hũa nova sphaera.
 Que veja os altos Reys, e Emperadores
 Seu claro sangue, tam ditosas plantas,
 Que a terra encheram de seu fructo, e flores
 D'altas victorias, e os Ceos d'almas santas,
 E que seria o Mundo sem amores?
 Donde tantos Heróes, e donde tantas
 Clarissimas Princezas nasceriam,
 Quantas do Real tronco floreciam?
 Affi Venus falou: se tardei tanto,
 (Responde o filho) ó máy, foi por ter pejo
 D'inda não descobrir no Mundo quanto
 Convem pera alta empreza, que eu desejo.
 Sempre me fez temor, e fez espanto
 Aquelle Real sprito, que inda vejo
 Fóra da geral forte, altivo, e puro,
 Frio a meu fogo, ás minhas fêtas duro.

Mas

Mas já tenho buscado, já sei onde
 Entregue seu amor devidamente.
 Hum alto sprito achey, que bem responde
 Em tudo ao seu, em nada differente.
 Em quanto o Sol descobre, e a noite esconde,
 D'hum polo ao outro, do Téjo ao Oriente,
 Não pôde aver de amor tal igualdade
 S'eu de duas fizer húa vontade.
 Lá onde os rayos seus Apollo esfria,
 E da sua fermosura mais reparte,
 Hum fermoso, e Real Principe se cria,
 Em quem juntos se vem Apollo, e Marte.
 Seu alto estado tem na Lõmbardia.
 D'Alemanha governa a melhor parte,
 Do altissimo sangue dirivado
 Do summo Imperio, e mór Pontificado.
 CAROLO Quinto a Mãy, PAULO Terceiro
 O pay, lhe dão por seus progenitores,
 Dous Monarchas do Mundo, hum verdadeiro
 Padre da Igreja, exemplo ós soçessores.
 Outro Maximo Cesar, derradeiro
 Dos que bem pareceram Emperadores,
 D'OCTAVIO herdeiro, á quem Parma, e Plazen-
 Em Real trono dão obediencia. (cia
 Est'he o novo ALEXANDRE, Real planta,
 E da casa Farnes alta esperanza,
 Qu'inda tem com MARIA parte tanta
 Do seu sangue, que os pays, e avós alcança,
 Deu ao Mundo DUARTE a Rainha santa
 MARIA, e o nome á neta por herança,
 Maria, e JOANA irmãs os Reys d'Hispanha
 Nos deram, de Panonia, e d'Alemanha.
 Filhos das duas Irmãs, Carlo, e Duarte:
 Hum MARGARITA deu, outro Maria.
 Margarita Alexandre, assi se parte

O fangue entr'elles, e genealogia.

Affí no Mundo todo tem igual parte;

Ambos netos de Reys fobrinho, e tia,

Ambos dos Reys d'Heſpanha os mais chegados,

E d'outros Reynos, d'outros Principados.

Quando em moço as tres Graças o criavam,

Differas elle hum ſer deſtes Amores.

Sómente as leves pennas lhe faltavam;

Arco, e coldre trazia, e paſſadores.

Já com ſeu medo as aves não voavam,

Caſa os monteiros, caſa os caçadores,

Per bravas matas, pelos boſques altos

Voar faz o ginete, e dar mil saltos.

Igual ao teu Adonis o fermoſo,

Quando, mãy, o ſeguias na montanha,

Hora derriba o Porco temeroſo,

Hora do Lião vence a força, e manha.

Tal ALEXANDRE a todos eſpantoſo

Já alegre Italia, e Auſtria, e Alemanha,

Spirito generoſo invicto, e grande,

Que nem perigo, ou medo ha, que o abrande!

Viveo ſempre téqui livre, e ſeguro,

Sem nunca conhecer meu ſenhorio.

Eſcolhi do meu coldre hum aço duro,

Inda o peito achey duro, e o achey frio.

Apontei outro de metal mais puro

Em nome de MARIA, e eis que hum rio

Já d'amoroſas lagrimas derrama

Dos olhos, que não vem inda quem ama.

Eſpantado entre ſi da força nova,

Eſpantado do fogo, em que a alma ardia,

Hora já hum exercicio, hora outro prova

Por enganar, ſe pode, a fantesia.

Elle ſe engana, a chaga mais renova,

A chaga, que abriu o nome de MARIA.

MA-

MARIA chama, Maria, ah fospira.
 E para onde o Sol dece, os olhos vira.
 Quem fez huma ferida tam secreta
 Neste meu peito? (diz o moço ardendo)
 Em que esphera, em que Ceo, em que planeta
 Está este fogo novo, em que me acendo?
 Senti o golpe duro, não vi a seta.
 Nunca amor entendi, agora o entendo.
 Chegou-me a suavissima peçonha,
 Em qu'alma vive morta, e esperta sonha.
 Ditosa vida, Amor, ditosa morte,
 Ditoso este meu fogo, e meu cuidado;
 Mais ditoso meu fado, e minha forte,
 S'em ti me tinha tanto bem guardado.
 Emprresta-me essas asas, com que corte
 Este ar, que me tem cá ecliptado
 O meu dia, e meu Sol, que-do Occidente
 Me abre hum novo, e lucido Oriente.
 Ah triste! quanto mar se mete em meo!
 Quanto Ceo entre mim, e o meu desejo!
 Quanto mais cresce o amor, cresce o receo
 De nunca ver hum bem, que eu mais desejo.
 Porque arte poderia, ou porque meo,
 Assi como arço cá por quem não vejo,
 A meus olhos fazer caminho aberto,
 Que de tam longe me possessem perto?
 Nestas imaginações se consumia
 Aquelle sprito, e todo em amor brando;
 Nos retratos occupa noite, e dia,
 Mas mais viva em sua alma a está pintando.
 Tanto pode a alta fama de MARIA!
 Tanto as Graças, e as Musas vão cantando
 Dos doés, que nella o Ceo largo reparte,
 Que eu cuido, que fui nisto a menos parte.
 Ajuntar quero, Mãy, estes amores.

Tu ajuda tambem : affi o Ceo manda.
 Cá os suspiros ouço, e sinto as dores
 De quem tam longe lá a sua alma manda.
 De Myrtho coroada, e de alvas flores
 Venus o Ceo serena, o vento abranda.
 Ambrosia os seus cabellos spiravam,
 E quanto os olhos viam, namoravam.
Ajunta ao carro os brancos Cisnes logo,
 As ondas de Neptuno vay cortando.
 Ardem as agoas em amoroso fogo,
 D'Amor brandas Sereas vão cantando.
 Os Amores em rião, em festa, em jogo
 As Nereydas de flores coroando,
 Mandam que no mar façam nova estrada,
 E as ondas amansem á tornada.
Chegára já a MARIA a clara fama
 D'aquelle Real Principe devido
 Em tudo a seu amor, inda o não ama,
 Mas já seu nome he della bem ouvido.
 Affi d'ambos a Estrella os leva, e chama
 Ao bem, que a ambos lhes tem Deos prometido,
 A branda Deosa, que ella não conhece,
 O peito brandamente lhe amolece.
Quantas vezes aos olhos lho presenta!
 E quantas vezes suas grandezas canta!
 Hora por hũa via, hora outra a tenta,
 E já a novos cuidados a levanta.
 O pensamento engana, a alma contenta.
 E ella do que em si vê se peja, e espanta.
 E quando mais duvida, e mais se enleia,
 Então Amor espia, então saltea.
Forjava em tanto hũa sêta venenosa
 Amor, e por sua mão lhe pôs a herva,
 Tres vezes a banhou n'agoa amorosa,
 Tres vezes por sua mão lhe pôs a herva.

Ali s'esconde a chãma delectosa,
 Que cria amor, do defamor preserva.
 Todo inflamado em fogo se arma, e voa,
 Ardendo fica o ar, e o coldre soa.
Clarissima MARIA, olha que se arma
 O Amor contra ti, a ti vay voando:
 Alexandre, Alexandre, Parma, Parma.
 Os Amores com elle vão gritando.
 Aqui não ha defensa, aqui não ha arma,
 Obedece a quem vay já triumphando
 Desse teu puro peito tam benigno
 De que **ALEXANDRE** só pode ser digno.
Pôs toda a força Amor no arco, e tiro:
 Souo o golpe, e ao defarmar o estalo,
 Elle ouviu hum brandissimo sospiro,
 Que declarou o mais, que eu hora calo.
 Venceo, e retirou-se: e eu me retiro,
 Que não sey o que escrevo, nem que falo.
 Diga-o Amor, que a tudo foy presente,
 E diga-o quem o encobre, e quem o sente.
Vem o Hyminêo nua mão a facha acesa,
 N'outra o anel do sancto ajuntamento.
 Vergonhosa, e contente está a Princeza,
 Contente, e honesta dá o consentimento.
 Eila em nova prisão, mas doce presa,
 Vê-se em seu rosto seu contentamento.
 E então mais resplandece a fermosura,
 Que tam longe acendeo hua chãma pura.
Batendo vay as asas a Alegria
 A Real casa de prazer enchendo.
 Naquella grã Cidade não cabia
 O alvorôço do bem que estão vendo.
 Viva **ALEXANDRE**, diz, viva **MARIA**,
 Assi do Téjo ao Nilo vay correndo.
 Recbe todo o Mundo a alegre nova,

Alegre o Mundo o louva, o Ceo o aprova.
 Festa o grande Rey sua tam amada
 Tia, e mostra de amor aberto o peito;
 D'altissima Raynha acompanhada,
 Que por filha a estima em seu conceito.
 Por quem podia ser feita, e tratada
 Obra tam santa, tam illustre feito,
 Senão por ti HENRIQUE Iffante santo
 Honra, e ornamento do purpureo Manto?
 Vem as Nimphas do Téjo tomar parte
 Da alegre festa, e suas danças guiam.
 Com sua fermosura, graça, e arte
 Venus, Graças, e Amores desafiam.
 As Nimphas favorece o grã DUARTE.
 E as Nimphas parecia que venciam;
 Nascem bandos de Amor, e do seu fogo,
 Mas todos são de amor, de festa, e jogo.
 Ali os dous clarissimos Senhores
 Luz, e esperança á casa Real d'Aveiro,
 Levam d'alegre festa mil louvores
 Por juizo das Nimphas verdadeiro.
 Ali amores se trocam por amores.
 Diga-o Amor, que estava no terreiro,
 Quantos fogos ali então se esfriaram,
 E quantos outros novos se criaram.
 Neste geral prazer já vejo mágoas
 Já mil lagrymas vejo faudosas.
 Eis que cortando vem falgadas agoas
 Armada fróta, vélas amorosas.
 Ardem d'huma parte, e d'outra em vivas frágoas
 Duas almas, huma d'outra, desejosas.
 Triste de quem sua alma parte, e arranca,
 E dos olhos as fontes não estanca!
 Clarissima ISABEL, Princesa santa,
 De divinas virtudes raro exemplo,

Ditosa máy dê tam ditosa planta,
 A quem a antiga Roma erguêra hum templo:
 Quanta alegria, e faudade quanta
 Igualmente hora em ti juntas contemplo!
 Mas alegra-te mais, pois que já viste,
 E inda verás mais bens, que os Ceos pediste:
 Venus com aquella alegre companhia
 Já prestes tem o seu carro fermoso,
 Configo em seu assento poem MARIA
 Saudosa da máy a leva ao esposo.
 Ao Rey; á máy, á patria se devia
 Aquelle sentimento piadoso.
 Mas entre tanto os Cisnes vão nadando.
 E as lagrymas o Amor vay enxugando.
 Sae sobre agoa Neptuno, honra, e obedece
 A neta do grá Rey, que o mar abrindo
 Lhe mostrou novo Mundo, e lhe offerece
 Manso todo seu reyno, e a vay seguindo.
 De dia o Sol, de noite resplandece
 A clara Lua, a noite descobrindo,
 Quantos MARIA vem, se alegram, e espantam
 Nereydas, e Tritões; e assi lhe cantam.
Ner. Amor, e que cousa ha tam féra, ou crua,
 Que a filha á máy arranques do seu seo,
 E faças que já mais não seja sua,
 E assi a entregues em poder alheo?
 Como es Amor, s'esta crueza he tua?
 Que mais faz o inimigo de ira cheo
 Na entrada Cidade a' laco dada?
 Boa estrella te leve, hora dourada.
Trit. Amor, e que cousa ha mais piadosa?
 Que o puro amor, com outro puro pagas,
 E o doce fogo da chamma amorosa
 Com outro fogo, e doce chamma apagas;
 E que força he que a esposa vergonhosa

A máy a tomes, e ao esposo a tragas?
 Que mor bem ha, que húa hora desejada?
 Boa estrella te leve, hora dourada.

Ner. Como o lyrio fermofo no cerrado
 Horto, co brando Sol, co orvalho crece,
 Nunca o gado o tocou, Pastor, arado,
 Sombra, ou geada, ou vento não lhe empece.
 Das moças he, e dos moços desejado,
 Mas se o mão toca, seca, ou s'emmurchece.
 Tal he a Dama antes que he casada.
 Boa estrella te leve, hora dourada.

Trit. Como a Vide, que só nasce em deserto
 Nunca já s'ergue, nunca fructo cria,
 Cortada cae do frio, e Ceo aberto,
 Nem Lavrador a lavra, nem queria.
 Mas se for junta a Ulmo, que está perto
 Já o Lavrador a quer, já a lavraria.
 Tal he a Dama, despois que he casada.
 Boa estrella te leve, hora dourada.

Ner. Leve o esposo a esposa promettida.
 Quem lha pode negar? quem tal consente?
 Quem pode, a prometteo; he-lhe devida
 A filha á máy, e Amor obediente.
 Ajunten-se duas almas núa vida,
 Este o principio foy da humana gente.
 A cada hum sua estrella está guardada.
 Boa estrella te leve, hora dourada.

Trit. Vivey Principes altos, cedo vejam
 Os olhos, que vos amam, o que esperam.
 Day Principes ao Mundo, que o bem rejam,
 Quaes já vossos avôs, e pays lhe déram.
 Outros Manueis, e outros Carlos sejam,
 Honra do Mundo, quaes aquelles eram.
 Será de vós sua alta estrella herdada.
 Boa estrella vos leve, hora dourada.

Lá te levam, Senhora, forças grandes.
 Não valem contra Amor nenhuns reparos.
 Mas môres foram as forças, que de Frandes
 Açendêram em ti fogos tam claros.
 Sempre de ti alegres novas mandes.
 Sempre conformes sede spritos raros,
 Almas ditosas, almas bêm trocadas
 Em versos immortaes sejais cantadas.

HISTORIA

DE

S.^{TA} COMBA DOS VALLES.

A D. JORGE MARQUES

DE TORRES NOVAS,

E A D. PEDRO DINIS

SEU IRMÃO.

DO barbaro Tyranno os crueis amores,
 A alta constancia da Pastora santa
 Honra da ferra, gloria dos Pastores
 Humilde, e alegre minha Musa canta:
 Altos Heróes, Reys, Emperadores,
 Cuja soberba fama o Mundo espanta,
 Confessem quanto menos he sua gloria,
 Da que COMBA ganhou em tal victoria.
 Vós castissimas Nimphas de Diana
 De Louro, Palma, e flores coroadas,
 Em quanto de Hyppocrene a fonte mana,
 E de Comba as victorias são cantadas,
 (Não vos invoco a fabula profana)

C6 as Mufas em chor6as concertadas
 Cantay comigo: e day-me h6a voz, que fbe
 Por todo Mundo, onde COLOMBA vos
 Clariffimos Senhores, verdadeiro
 Ramo do Real tronco, e lume novo
 Deffa casa illuftriffima d'Aveiro
 Irma6s iguaes 6quelles de hum mefmo Ovo:
 Qu'inda eftrellas fereis no derradeiro
 Ceo Impirio: a quem de amor me movo,
 Pofto que indigno de chegar a tanto,
 Offerecer meu baixo, e humilde canto.
 Quando h6a hora vir6, que alg6a parte
 Do muito, que de v6s o Mundo espera,
 (Que a tudo nenhum ingenho basta, ou arte)
 Cante, que fe ouça defta 6 outra fphera.
 Quando vos coroar6 por fua m6o Marte,
 E que eu de Phebo coroado de Hera
 Faça que mais que em ouro, marmor, cedro
 Vivam o grande JORGE, e o grande PEDRO.
 Ouvi da Virgem fancta o claro feito,
 Vede d'Amor os tiros desprezados,
 Sua aljaba quebrada, arco desfeito,
 Seus temerofos fogos apagados.
 D'hum brando, virginal, pastoril peito
 Foram dous m6os Tyrannos triumphados,
 Hum Cupido perverso, outro hum Rey Mouro
 Que feu intento punha em força, e em ouro.
 N6o tem forças Amor, que n6s lhas damos.
 Temer-fe faz de noffa covardia,
 N6s do feu fogo, e f6tas o armamos,
 N6s lhe damos do Mundo a Monarchia.
 Ah quam mal a vontade cativamos
 A quem de fi n6o tem força, e valia!
 S'6a experiencia p6de fazer pr6va,
 Nem derradeira efla he, nem fer6 nova.

No tempo, que a infiel barbara gente
 Da misera Hespanha occupava a terra,
 E o sangue derramava cruelmente
 Dos poucos, que escaparam da impia guerra,
 Hia moça bellissima, e innocente
 Passava a vida na mais alta ferra,
 Que entre Tamaga, e Tua hoje parece,
 Onde o Sol, em nascendo, resplandece.
 Em brava fraga, e penedia dura
 Andava a moça o gado pastorando,
 Nada do Mundo sabe, e nada cura,
 Aos Ceos o sprito, e olhos levantando.
 Maior que humana he sua fermosura
 Que os Tygres, e Lioés vay amansando;
 E para onde quer que olha o Tojo, e Cardo
 Em flores se convertem, em Lyrio, e Nardo.
 Em seus olhos se via húa gravidade,
 Que até as Féras movia a acatamento,
 E no fermoso rosto húa magestade,
 Que indicio dava d'alto nascimento.
 Cabellos douro, na florida idade,
 Nem Sol a queima, nem a corta o vento,
 Prudencia de Serpente; e o dom da Pomba
 Lhe deu entre todos nome de COLOMBA.
 Nem tal Diana foy, nem tal Minerva,
 Nem tal pareceo Venus a fermosa.
 Ond'ella quer, ali a fresca herva
 Nasce, e húa fonte clara, e graciosa.
 Qual na montanha a fugitiva Cerva
 Dos crueis caçadores temerosa
 A cada sombra, a cada vento treme,
 Tal a Pastora o Mundo foge, e teme.
 Quantos cuidados vão, quantas vás dores,
 A que sempre mostrou seus ouvidos,
 Criava entre Pastoras, e Pastores

De ciúmes, d'inveja, e amor nascidos!
 Chea era a terra de competidores,
 Cheo todo ar de queixas, e gemidos,
 Cheo das frautas, que só COMBA soam.
 Ouve-as o vento, e affi co vento voam.
 Ah qu'outro pensamento, outro cuidado,
 Outros amores guarda COMBA n'alma.
 I, Pastores, curar do vossô gado,
 Fugi da noite o frio, e do Sol a calma.
 Outrem lhe tem o seu amor roubado,
 Que húa coroa lhe dará de palma,
 Sois rusticos, sois baixos, sois indinos
 D'olhados serdes d'olhos tam divinos.
 Não se temia a moça das requestas
 Vás dos pastores, que passava em graça.
 Via seus baylos, via suas festas,
 Mas nada qu'em seu peito assento faça.
 Temia mais os montes, e as florestas,
 Onde o Rey Mouro sempre andava á caça;
 Que só sem sua vista, da sua fama
 Por ella ardia em amorosa chama.
 Contra-se que reynava hum grá Rey Mouro
 Entre Tamaga, e Tua, e que occupava
 Toda a terra de Lamas, rico d'ouro
 Rico do grosso gado, que criava.
 Em cada serra tinha hum grá thesouro
 Junto do muito, que ós Christãos roubava,
 Eram os lavradores seus cativos,
 Só por este Tyranno os deixar vivos.
 Foy o cruel pagão, e monstruoso
 (Segundo aquellas gentes fama dão)
 Grande, membrudo, e como uſſo velloſo,
 E húa orelha d'Asno, outra de Cáo.
 A todos feo, a todos espantoso,
 Chamado era de todos Orelhão.

Pode com tudo Amor por sua brandura
 Naquelle féra monstrosia, e dura.
O que de gado tinha, e de riqueza
 Mandára prometter á Virgem santa,
 Que Raynha a fará, e em grand'alteza
 A porá, qual nunca outra teve tanta.
 Tanto mais cresce a ira, e a pureza
 No peito constantissimo, e o levanta
 Mais firme ao Ceo, temendo em toda a parte
 Que ou por força lha levem, ou por aite.
Chora a Pastora, chora seu perigo:
 Mal passa a noite, pior passa o dia.
 Não sabe onde terá seguro abrigo,
 Mais que o seu gado, sobre si vigia.
 A cada tronco, ou pedra vê o imigo.
 Das sombras, e dos ventos se temia.
 Não que temor da morte a tente, ou torça,
 Mas porque teme do Tyranno a força.
No mais alto da ferra, no mais duro
 D'hum moço seu Irmão acompanhada
 Fazendo da montanha forte muro,
 Toda anda em seus amores enlevada.
 Levay-me, meu esposo, deste escuro
 Bosque (cantava) ond'ando salteada.
 Chamay a vossa esposa, que vos ama,
 Por vós suspira, a vós só chora, e chama.
Ay amor meu, ay saudade minha,
 O minha desejada fermosura!
 Se pera vos eu ver, Senhor, convinha
 Passar perseguição tam forte, e dura:
 Inda me solterá, quem me sostinha:
 Vosso amor só me esforça, e me assegura.
 Doce por Vós me he a aspereza, e a ferra,
 Té que me deis victoria desta guerra.
Qu'hymnos vos cantarey, ou que louvores

No-

Novos, meu alto esposo, e meu Senhor,
 Que hũa moça criada entre pastores
 Quisestes cativar ao vosso amor?
 Ah dita minha grande! ah meus amores,
 Promettido vos tenho fruto, e flor;
 Não sou minha, meu Deos, toda sou vossa.
 Fazey que pera vós guardar-me possa.

Isto COMBA cantava; o Irmão tangia.
 Em ambos hũa alma ha, pura, e singella.
 Hora hum começa, hora outro respondia:
 Divinas vozes eram delle, e della,
 Ditoso gado, que a tal som pascia!
 Ditofos olhos, que podéram vella!
 Lionardo as mais das vezes guia o gado.
 Ella enlcuada fica em seu cuidado.

Cresce em tanto o fogo, em que o Mouro ard
 Quanto mais se vê della desprezado.
 Não ha passo, nem fonte, que não guarde,
 Noite, e dia vigia, e anda emboscado.
 Hum só moment^o lhe parece tarde
 De a ter consigo, ou de se ver vingado;
 Que tal o seu desejo, e seu amor era,
 Qual entrar pode em hũa besta fera.

Cansado de cercar o valle, e o monte,
 Em fogo igual d'amor, e d'ira ardendo,
 Ao longo da clara agoa, que de hũa fonte
 Por entre altos penedos vay rompendo,
 Apeou-se; e lavando mãos, e fronte,
 De cá, e de lá o corpo revolvendo,
 Contra si, contra Amor, contr'os Ceos se ir
 Hora COMBA ameaça, hora a sospira.

Ah Pastora cruel! (diz) quem cuidára
 Que tanto em m m podesse cousa algũa,
 Que por força, ou por manha me escapára,
 De quanto cá se vê abaixo da Lua:

Inda nos Ceos, inda no Inferno entrára,
Que não ha contra mim força nenhúa.
E tu me foges só? tu te me escondes?
Não m'ouves? nem me vês? nem me respondes?
Mostra-me hū'hora esse fermoso rosto,
E veja eu, o que vem ferras, e montes.
Não quero, ou peço mais que este só gosto;
Nem de t'eu ver ha, porque assi te afrontes.
Olha, Pastora, no que me tens posto.
O peito he hūa frágoa, os olhos fontes.
Isto te peço só, isto só desejo,
Que veja o fogo, em que arder me vejo.
Te dano temes só da minha vista?
Nunca a ninguem Reaes olhos empecem.
Não ves qu'em fim nada ha que me resista?
E não ves quantos ante mim estremecem?
Deixa-te, COMBA, deixa-te ser vista,
Poderey com estes fogos, que em mim crecem.
Mas se tanto arço só polo que ouvi,
Que será, triste, vendo o que não vi?
tu me vês, se, o que mais quero, m'amas,
Todas minhas riquezas, e manadas
Serám teu dote, e estes campos de Lamas,
Ovelhas, que não podem ser contadas.
Mas s'inda mais desprezas minhas chamas,
Que tu acendeste, em ti serám apagadas.
Não poderás tu ser tam dura, ou forte
Que em ti não ache vida, ou ache morte.
tanto esta alta ferra te deleita,
Aqui levantarey hūs Paços de ouro.
E quanta terra em roda vês sojeita
Te será, e mais sojeito este Rey Mouro.
Aceita meu amor, Pastora, aceita
Tam rico reyno, tam rico thesouro.
Tu viverás isenta na tua ley:

E eu em teu nome me chamarey Rey.
 E se tam dura fores a meu rogo,
 Desprezadora de meus ricos doés,
 Vingarey tua soberba com tal jogo,
 Que antes me quebras dar mil coraçõs.
 Arderás, como eu arço, em bravo fogo.
 Ellas tuas carnes comerám Lioés.
 Ah nescia moça! pois não amas, teme:
 E s'ati mesma não tens odio, vê-me.
 Eu sou teu Rey, tu és minha cativa.
 Sê tu senhora, que eu serey cativo.
 Não t'he melhor seres Raynha, e viva,
 Que arderes cruelmente em fogo vivo?
 Que proveito te traz ser assi esquivã?
 Tam feo te pareço, ou tam esquivo?
 Inda não ha tal Dama, ou tal Raynha,
 Que não s'honrasse muito de ser minha.
 Tu rustica, tu pobre, e tu perdida.
 Eu grande Rey de antiga geração.
 D'hũa parte he meu sangue delRey Mida,
 D'outra parte de Armenia do grã Cão.
 Olha os sinaes, de que he ennobrecida
 Minha cabeça, quam soberbos são.
 E tu minha cativa, e vil pastora.
 De teu Rey te desdenhas ser Senhora?
 Ouvia acaso COMBA dennt'as matas
 Os rogos, e ameaças de Orelhão,
 Escondida, e quieta entre hũas latas,
 Onde passava as festas do Verão.
 Se tu, grã Deos, as forças crueis não atas,
 Fracas as forças de hũa moça são.
 Ella treme, e s'encolhe, e aos Ceos sospira.
 E inda até entãõ a elRey não vira.
 Chegãra ali a moça na alta festa,
 Banhar-se, como sõe, nũa fonte clara

Depois de vigiar ferra, e floresta,
 Que pisada de gente não topara.
 Ali mais que Diana, mais que Vesta
 Seu castíssimo corpo refrescára,
 A cuja vista o Sol, que antes ardia,
 Tempera o fogo, e faz mais claro o dia.
 Parece-lhe estar queda mais seguro.
 Força o alento, quanto ella mais pode.
 Fazem as matas o lugar escuro.
 Nem vento as abre, por mais que as facode.
 Vós, meu Deos (dizia ella) foids meu muro,
 Vossa grandeza aos miseros acode.
 Escondey-me, Senhor, que me não veja
 Quem vossa honra profanar deseja.
E se vós foids, meu bom Senhor, servido,
 Que aqui o meu amor com fangue apure;
 Muito ha que vo-lo tenho offerecido,
 Nem este meu desterro mais não dure:
 Meu peito de vós só fortalecido
 Que perigo ha, de que se não segure?
 Em vosso nome, em vosso esforço armada
 Quebrarey do Rey mouro a lança, e espada.
Ouvio o Ceo o humilde, e sancto rogo.
 Abrio-se c'um som doce, e rayo claro:
 Eis já COMBA esforçada, eyla arde em fogo,
 Em fogo d'alto sprito ao Mundo raro.
 Já o feu medo tem por riso, e jogo.
 Já tem certo o remedio, certo o emparo.
 Sae dentras matas contra o mouro irósa,
 E affi mais divina, e mais fermosa.
Qual a casta Diana de sua fonte
 Afrontada sahio contra Asteão,
 Quando elle acaso a vio, andando a monte,
 E Cervo o fez corrido do feu Cão:
 E inda, por mais que a fabula vam conte,
 Tomo I.

Mores os fogos de COLOMBA são ;
 Nem tanto a honra propria ella estimava,
 Quanto a de Deos, que o Mouro blasfemava.
 Tal se lhe mostra, tal se poem diante :
 Mouro barbaro, diz, e donde tanta
 Vam soberba te vem, que te levante
 Contra Deos, que os soberbos vence, e espant
 Não vás por tua vam porfia avante.
 Ajunta á tua crueza inda outra tanta.
 Busca generos mil de cruel morte,
 Que mais do que és cruel, he Comba forte.
 Ah, cégo ! que não vês a fermosura
 Do meu esposo, nem a sua grandeza !
 Qu'he eterna, immortal, e sempre dura,
 E o Mundo todo ant'elle he vil baixaza.
 Tu és a mim a mais baixa creatura,
 Qu'eu hoje sey em toda a redondeza.
 Vê pois se ferey eu tam enganada
 Que o bom, e o tudo deixe polo nada.
 Qual fica o layrador, que andava perto
 D'onde cahio o rayo temeroso,
 Qu'o antigo Carvalho deixa aberto,
 Queimado, e negro, e a todos espantoso :
 Elle esmorece, e cae, e tem por certo
 Qu'abrafado he do fogo riguroso,
 E quando acorda, e s'ergue, inda mal foge.
 E nos ouvidos inda o som lhe róge.
 De tal mapeira o barbaro Tyranno
 Vendo da sancta Virgem o claro rayo,
 Que reluzia do seu mais que humano
 Rosto, attonito esteve, e c'um desmayo.
 De coração vencido ouvio seu dano,
 Aos peitos lança as mãos, e rasga o sayo.
 E ó Ceos cruelissimos, exclama,
 Vi o meu fogo, e a minha cruel chama.

Não pode mais dizer, e vay-se a ella
 Confiado nas forças de seus braços.
 Mas tempo lhe não dá a casta donzella,
 Cos pés rompe da ferra os embaraços.
 Moura a não tróva, nada trava della.
 E elle cuida que fica preso em laços.
 Salta a cavallo, a grossa lança aferra,
 E assi gritando vay pela alta ferra.
Ten-te, fermosa COMBA, ten-te, e espera.
 Que não com ira, com amor te figo.
 Por mais que digas, homem sou, não féra,
 E por meu mesmo tenho o teu perigo.
 Estar-te vendo, e ouvindo só quifera.
 Que não pôdes fazer-me teu inimigo.
 Lá me levas nos olhos alma, e vida
 Qu'ao mesmo risco vay offercida.
Ah tu só és a féra, tu só és a dura
 Mais que os rochedos desta brava ferra!
 Mais que morte, cruel tua fermosura,
 Que o meu amor pagas com odio, e guerra:
 Ah não corras, cruel! que a tua brandura
 Não he pera sofrer tam agra terra.
 Não faças tal estrago de hús cabellos,
 Que nunca mereceo o Sol de vellos.
Em que perigo levas effes olhos,
 Em que eu da vida só tenho a esperança!
 Como rompem tuas plantas mil abrolhos,
 Que cad'hum da minh'alma sangue lança!
 Espera hum pouco: e volve-me os teus olhos;
 De ti, e de mim não faças tal vingança.
 Espera hum pouco, e vê-me de mais perto,
 Que se estiveres queda, eu estarey certo.
COMBA pela alta fraga vay voando,
 Nada acha, que lhe faça impedimento.
 Das palavras do Mouro não curando,

Olhos no Ceo, cabello solto ao vento.
 Algum sprito a vay encaminhando,
 Algum sprito lhe dá força, e alento.
 Muda-se-lhe a aspereza em cham planura.
 E abrandá-se a seus pés a pedra dura.
 Não com tanto fervor, e pressá tanta
 Daphne fugia o Pastor mais fermoso,
 Até se converter na verde planta,
 De qu'elle inda se mostra laudoso;
 Nem tam ligeira corria Athalanta
 No seu páreo cruel, e perigoso,
 Nem tras ellas ardendo em mor fogo hiam,
 Hyppomanes, e Apollo que as seguiam.
 O Mouro a cada passo a redea volta.
 A cada passo acha ante si hum penedo.
 Hora trota, hora vay de volta, em volta
 Rodeando hora o mato, hora o rochedo.
 Acefo todo em ira a redea solta,
 Fere o cavallo, á morte perde o medo.
 Mudado o amor em odio, enresta a lança
 Pera a banhar em COMBA, que já alcança.
 Tu Virgem sancta, tu Pomba divina
 Por quem Deos coufa fez de tanto espanto,
 Tu mesma o inspira, e canta, que não he dina
 A minha Musa de subir a tanto.
 A ti o ingenho, a ti o sprito se inclina.
 De lá dos Ceos me venha hum novo canto,
 Com que eu o alto milagre teu não dane
 Nem do teu nome a honra mal profane.
 Já a pastora chegava ao alto cume
 Da ferra, onde he mais alta a penedia,
 Dond'o olho abaixo olhando, perde o lume,
 E entr'ella, e eiRey só a lança se metia.
 Já lhe chega o Tyranno, e já presume
 Que nem em terra, ou Ceo lhe escaparia,

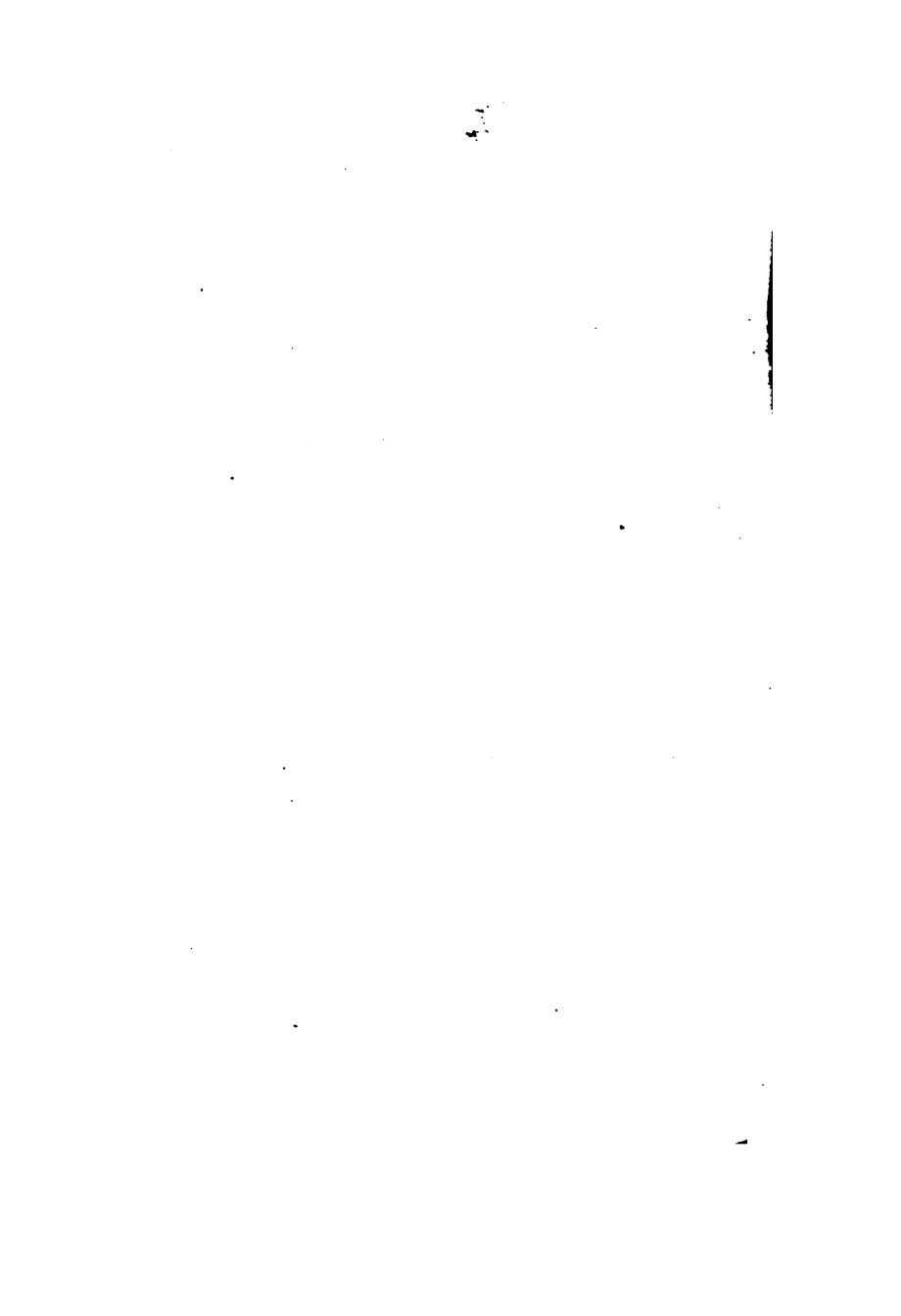
Quando COMBA gritou: ó rocha alta, onde
 Venho buscar abrigo, em ti me esconde.
 O maravilha grande! abriu-se a pedra.
 Obedeceo á Sancta a rocha dura,
 Obedeceo á Sancta, e abriu-se a pedra,
 E defendeo-a da cruel ventura.
 Tambem a lança do Mouro abriu a pedra,
 Ao pé fica afinada a ferradura,
 Ao pé da rocha, onde hoje inda parece,
 E na pedra a lançada se conhece.
 Tanto que em si a recolheo, cerrou-se
 A dura rocha, assi de Deos mandada.
 Blasfemou o Tyranno, e assi indinou-se,
 Que foy pera meter por si a espada.
 Mas vio Lionardo o barbaro, e vingou-se
 No innocente fangue, em que banhada
 Foy a lança cruel, e o sancto moço
 Estripado lançou ali o poço.
 Estava hã cova ali d'agoa encharcada,
 Que do Inverno só se recolhia:
 Nunca despois secou, nem foi minguada,
 E clarissima, e pura he hoje em dia.
 Por muitas experiencias aprovada,
 Agoa fresca em tam alta penedia
 Sempre igual, sempre clara Inverno, e Estio.
 Nunca tal fonte deu, nem tal deu rio.
 Senhores, conto o que meus olhos víram.
 Vi os sinaes da pedra milagrosa.
 Bebi a sancta agoa: e outros, que o sentiram,
 Agoa sancta lhe chamam, e preciosa.
 Isto os vivos ós pays, e avós ouviram.
 Historia divina he, não fabulosa.
 Os templos, e os altares dão boa próva.
 E com milágres mil o Ceo o aprova.
 Lá vem mil cruces, ali vem mil votos.

234 HISTORIA DE SANTA COMBA.

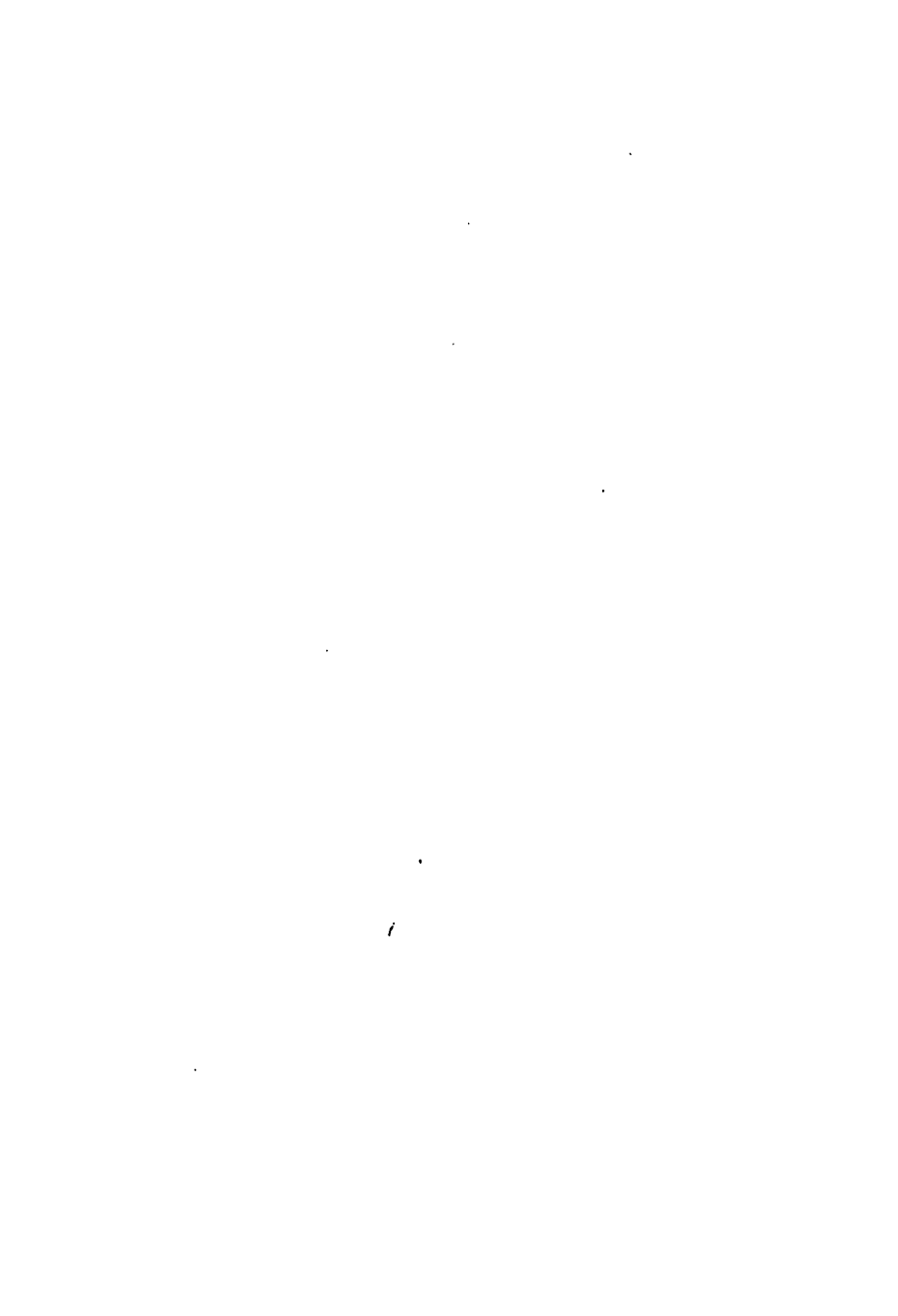
Chuva hora levam, hora o Ceo sereno.
Não espanta a alta ferra os seus devotos,
Nem canfa o velho, nem o moço pequenc
Dos vezinhos lugares, e remotos
Vem os Pastores pedir agoa, e feno.
Ali offerecer vem brancas pombas
Os moços Lionardos, moças Combas.
E a fertil, e cham terra, que occupava
Aquelle monftruoso, e cruel pagão,
Que outros claros Senhores esperava,
Inda se chama Lamas de Orelhão.
Ditosa terra, que Sanctos criava,
E ditosos tambem seus povos são,
Que ós inlytos Marquezes obedecem.
De cujo tronco plantas taes florecem.
Sanctissima Pastora mal cantada
Nestes meus versos do teu nome indinos,
Seja minha ousadia perdoada,
Não podem mortaes dar versos divinos.
Tu lá estás n'alta Gloria coroad.
Nós cá na terra te cantemos hynos.
Recebe o que de ti ao Sol, e á Lua.
Saudofo cantava ao som de Tua.

F I M.

H. P. X. J. 1







—

